

**Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Psicologia**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Mestrado em Psicologia**

EPITACIO NUNES DE SOUZA NETO

ENTRE BOYS E FRANGOS:

**Análise das Performances de Gênero dos Homens que se
Prostituem em Recife**

Recife, 2009



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ENTRE BOYS E FRANGOS:

Análise das Performances de Gênero dos Homens que se
Prostituem em Recife

EPITACIO NUNES DE SOUZA NETO

ENTRE BOYS E FRANGOS:

Análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Luis Felipe Rios do Nascimento

Recife

2009

Souza Neto, Epitácio Nunes de		
Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife / Epitácio Nunes de Souza Neto. – Recife: O Autor, 2009.		
138 folhas: il., mapas.		
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2009.		
Inclui: bibliografia e anexos.		
1. Psicologia social. 2. Prostituição masculina. 3. Homossexualidade. 4. Performance - Gênero. I. Título.		
159.9 150	CDU (2. ed.) CDD (22. ed.)	UFPE BCFCH2009/27

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

**ENTRE BOYS E FRANGOS: análise das performances
de gênero dos homens que se prostituem nas ruas do Recife**

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento
1º Examinador/Presidente



Profª Drª Luciana Leila Fontes Vieira
2º Examinador



Profª Drª Karla Galvão Adrião
3º Examinador

Recife, 26 de fevereiro de 2009

*Aos três grandes homens
que marcaram para sempre minha vida:
Epitacio Nunes de Souza Filho (in memória)
George Demetrio Alves dos Prazeres
Normando José Queiroz Viana*

AGRADECIMENTOS

Em especial a minha mãe, Alice Maria da Silva Souza, que sempre esteve presente em todos os momentos de minha vida;

A todos os professores, mestres na arte de ensinar, que contribuíram diretamente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, e em especial, a Luis Felipe Rios;

Aos amigos de turma do mestrado com quem dividir conhecimentos e experiências e que ficarão para sempre;

Aos amigos da vida boêmia, Rogério Ribeiro e Ronaldo Aguiar, que muito me ajudaram nas “Rondas Noturnas”, e a Carlos Sales, que me apresentou aos mais diversos personagens que integram o “mundo encantado” da noite recifense;

Por fim, a todos os amigos, que em momentos distintos se fizeram importantes em minha vida: Kátia Antunes, Alexandra Câmara, Fátima Sena, Hena Vasconcelos, Janine Marçal, Silonita (in memória), Rosana Mota, Edna Leite, Sandra Albertin, Naide Nícia, José Travassos, Rodrigo Almeida, Paulo Bandeira, Monike, Mônica Souza, Orlando, Fábio Travassos, Pedro Vilela, Karla Martins, Marcelo Oliveira, Neto Portela e tanto outros, que contribuíram de forma direta ou indireta para os resultados aqui apresentados.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
CAPITULO I	14
1. Prostituição Homossexual Masculina em Recife	
1.1. Contextualização da Prostituição	
1.2. Década de 80: Pegação e Práticas Sexuais nos Espaços Homoeróticos de Recife	
1.3. Travestis e Boys de Programa: Uma Guerra de Paus e Bundas	
1.4. Homens a Venda em Todos os Cantos e Recantos da Cidade	
1.5. Construção e Estruturação das Performances de Gênero	
1.6. As Performances de Gênero no Universo Gay de Recife	
1.7. Ativos, Passivos e Flex: Relações Entre Boys de Programa e Clientes	
CAPITULO II	72
2. Prostituição Homossexual: Homens de Vida Fácil	
2.2. Iniciação Sexual e Inserção no Mundo da Prostituição	
2.3. Agenciadores ou Cafetões de Boy	
2.4. Entre o Ativo Macho e o Passivo Frango	
2.5. O Negócio do Boy: Só Curtição	
2.6. Prazer Econômico e Prazer Sexual Entre Boys e Clientes	
2.7. O Tamanho do Pau e o Tamanho do Prazer	
2.8. Construindo as Performances de Gênero	
3. Considerações Finais.....	119
Referências Bibliográficas.....	126
Anexos.....	134
Roteiro de Entrevista	
Lista de Ilustrações	
Lista de Informantes	

RESUMO

Este estudo analisa as vivências da prostituição masculina e tem como base de análise a pesquisa etnográfica realizada no principal território de prostituição masculina do centro do Recife. Através da observação participante, conversas informais e entrevistas com “Boys de programa” e outros atores relevantes para compreender o fenômeno da prostituição, busquei reconstruir os processos históricos e psicossociais que levaram os homens investigados ao engajamento no trabalho sexual; analisar o processo de construção dos papéis de gênero na perspectiva dos boys de programa; verificar quais fatores (idade, performances de gênero, raça/cor, fontes privilegiadas de prazer corporal, etc.) encontram-se envolvidos no negócio do sexo. O estudo se fundamentou em teorias construcionistas da sexualidade e do gênero. A análise sugere que as relações sexuais comerciais entre homens estão estruturadas em algumas dicotomias (boy/bicha; ativo/passivo), balizadas pelo fato de alguém supostamente ser penetrado. Acontecimento que vai ganhar diferentes sentidos a partir das marcações de sexo-gênero e fontes privilegiadas de prazer corporal. O estudo aponta para a centralidade do ânus, no negócio do boy. Se para o boy o ato de penetrar o cliente lhe garante a supremacia de sua masculinidade, inversamente, para o cliente, o fato de penetrar o boy destitui este último da posição de macho viril e dominador. O boy de programa que é comido pelo cliente perde o status de boy e passa a ser reconhecido como “frango”, por se igualar aos clientes passivos. Sob o peso simbólico de significado sócio-culturalmente construído, o ânus enquanto “zona proibida” para muitos boys de programa deve ser resguardado, a fim de garantir o reconhecimento público de sua masculinidade. Dentro dessa lógica, o homem não se tornará, ou ainda será reconhecido enquanto frango por “comer” outro homem, mas sim por “dar para outro homem”. É neste sentido que a região anal se configura enquanto símbolo de força e cobiça. No universo da prostituição masculina, o boy, muitas vezes, cobra e ganha mais para ser penetrado. Socialmente para os boys de programa, o sexo assume uma representação valorativa estabelecida e justificável pela relação de troca e ganho econômico, onde a honra, muitas vezes, parece se concentrar única e exclusivamente no ânus. Esta zona erógena, ainda que simbolicamente, apresenta-se como divisor de águas e fator determinante para as construções de identidades sobre as quais irão se desenvolver os processos estruturadores das performances de gênero que respaldarão as práticas sexuais comerciais.

Palavras Chaves:

Prostituição Masculina, Homossexualidade e Performances de Gênero.

ABSTRACT

This study analyzes the experience of male prostitution and has the ethnographic research carried out in the main area of male prostitution in the centre of Recife as background. By means of active observation, informal talks and interviews with “lover boys” and other relevant actors in order to understand the prostitution phenomenon, I tried to reconstruct the psychosocial and historical processes that made those investigated men engage in sexual work; to analyse the construction process of gender roles under the lover boys’ perspective; to check which factors (age, gender performance, race/color, privileged sources of physical pleasure) are involved in the sex business. The study was based on constructionist theories of gender and sexuality. The analysis suggests that the commercial sexual relations between men are structured on some dichotomies (boy/gay, active/passive) marked by the fact that someone is supposedly penetrated. Such event has different meanings as from the sex-gender marking and privileged sources of physical pleasure. The study points at the centrality of the anus in the boy’s business. If for the boy the act of penetrating the client guarantees supremacy of his masculinity, for the client, on the other hand, the fact of penetrating the boy deprives the latter of the position of dominator and virile. The lover boy who is “fucked” by the client loses his status of boy and becomes known as “fag”, as he is in a similar position to the passive clients. Under the symbolic weight of this socio-culturally constructed meaning, the anus while “forbidden zone” to many lover boys, should be protected, in order to guarantee the public knowledge of his masculinity. Under this logic, a man will not become or yet be seen as “fag” for “fucking” another man, but for “being fucked by another man”. It is in this sense that the anal region is shaped as a symbol of greed and strength. In the male prostitution universe, the boy, many times, charges and is paid more to be penetrated. In a social context, for the lover boys sex assumes an appreciative representation established and justifiable by the relation of change and monetary gain, where the honor, many times, seems to concentrate only and exclusively on the anus. This erogenous zone, even if symbolically, shows itself as a watershed and determining factor in building identities on which the structural processes of gender performance that back up the commercial sexual practice will be developed.

Key Words:

Male Prostitution, Homosexuality and Gender Performance

APRESENTAÇÃO

Há cerca de vinte anos, ao fixar residência no centro do Recife, passei a observar os processos de transformações pelos quais a cidade vem passando. Como toda metrópole, Recife apresenta uma variedade enorme quanto ao perfil social de seus habitantes. Trabalhadores, moradores e visitantes misturam-se a uma massa de personagens sociais bastante heterogêneos em estilo, classe social, estrutura familiar e cultura. Verdadeiras aldeias ou tribos que estabelecem seus habitats e dividem um mesmo espaço geográfico.

Dentro deste cenário caoticamente organizado, algumas categorias parecem se acomodar ou serem acomodadas a fim de atender às necessidades de expansão e desenvolvimento econômico do município. É neste panorama que as diferenças se fazem visíveis e se estabelecem categorias onde os indivíduos são agrupados, nomeados e renomeados. A sociedade estabelece seus próprios meios pelos quais categoriza as pessoas, definindo também o total de atributos comuns e “naturais” aos membros de cada uma dessas categorias. Segundo Goffman (1988), a partir do momento que estes ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem probabilidades de serem neles encontrados, as rotinas de relações sociais nestes ambientes estabelecidos permitem relacionamentos com outras pessoas. Assim, mendigos, assaltantes, pedintes, ambulantes, crianças em situação de rua, bêbados, travestis, traficantes de drogas e garotos de programa, entre outros, passam a compor a categoria dos “desacreditados” sob o estigma da marginalização, vivendo à margem de uma sociedade onde se encontram as “pessoas de bem”: comerciantes, policiais, estudantes, artistas, moradores, religiosos, profissionais autônomos e uma imensa massa de trabalhadores e grupos de jovens das mais diversificadas ideologias.

Cada grupo desses possui os atributos e características que definem as identidades sociais de seus protagonistas: Homens e mulheres que se dividem em categorias sociais e compartilham do mesmo espaço territorial, onde visibilidade e invisibilidade se transformam em fatores de necessidade e sobrevivência para os “homens de bem” ou “normais” e os marginalizados. Dentro desse contexto de

invisibilidade atuam e convivem os membros de uma subcategoria específica: homossexuais masculinos que se prostituem nas ruas do Recife. O mercado do sexo mostra-se então bastante amplo em sua personalização ao dividir os garotos de programa em michês, modelos, acompanhantes, massagistas, dançarinos e boys de rua. Os sujeitos de tais subcategorias através de seus atributos físicos, idade e fatores sócio-econômicos e culturais parecem definir a categorização e territorialização necessárias para atuação na atividade, atendendo a uma clientela que por sua vez também se distingue pelos mesmos atributos e fatores. Assim, enquanto os boys de programa pertencentes a classes sociais menos favorecidas economicamente se fixam nas ruas do centro da cidade, principalmente na Av. Conde da Boa Vista e suas transversais; os de classes sociais mais elevadas transitam na Av. Beira Mar, em Boa Viagem, bairro nobre da zona sul da capital pernambucana. Verifica-se então, que também em Recife, o negócio do michê (Perlongher, 1987) estabelece critérios para o exercício das práticas sexuais comerciais entre homens, tais como: valores monetários, tempo de permanência na atividade, práticas sexuais e identidades sociais.

Ao refletir sobre a prostituição corremos sempre o risco de resgatar a velha idéia preconcebida da simples e pura comercialização do corpo praticada por “mulheres de vida fácil”. Contudo, ao observarmos o fenômeno da prostituição masculina, somos levados a reformular alguns questionamentos que vão além da simples concepção teórica do que vem a ser prostituição: O que leva o homem a se prostituir? Numa época em que se busca a equidade de gênero terá o homem assumido o papel de objeto sexual e se permitido explorar e experimentar outros campos de sua sexualidade? Ou será ainda, a prostituição, um meio para alguns homens legitimarem um desejo homossexual latente, ainda que de forma inconsciente? E sobretudo, quais os fatores psicossociais envolvidos neste processo?

Neste sentido, estabelecendo como marco teórico o construcionismo social, verifiquei que na atualidade novos modelos, ou o real espaço para o exercício de antigos e novos comportamentos sexuais, fazem com que o homem se depare com outras possibilidades de se relacionar com o sexo. Os caminhos da prostituição masculina, por exemplo, ainda representam algo bastante nebuloso, pouco se sabendo a seu respeito e implicações devido à resumida importância atribuída a estudos com

esse caráter. A escassez de estudos dessa natureza contribui para a invisibilidade do tema em questão. Para tanto, este estudo tem como principal objetivo, identificar um perfil do profissional do sexo que exerce suas atividades nas ruas, possibilitando analisar os fatores psicossociais envolvidos na estruturação e construção das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife. Território, população, cotidiano, representações, relatos e discursos destes sujeitos configuraram-se como objetos de investigação para subsidiar a construção das hipóteses acerca desse tipo de atividade, antecipada, obviamente, por um breve esclarecimento das questões de gênero e sexualidade que fundamentaram toda a dissertação. Para tanto, acreditei ser necessário não apenas reconstruir os processos históricos e psicossociais que levaram os homens investigados ao engajamento no trabalho sexual, mas também, buscar conhecer o processo de construção dos papéis de gênero na perspectiva dos mesmos, e ainda, verificar quais fatores, tais como idade, performance de gênero, raça/cor, etc, encontram-se envolvidos no processo de hierarquização (*valor*) da atividade sexual comercial entre os boys de programa. Por fim, compreender o processo de articulação entre fontes privilegiadas de prazer corporal (atividade/passividade) e performances de gênero (traços de masculinidade e feminilidade) no negócio do sexo, me parece fator de fundamental importância para uma análise mais ampla acerca do fenômeno da prostituição homossexual masculina, bem como sobre o processo de acomodação social de suas performances de gênero, principais objetivos de minha pesquisa.

Quanto aos procedimentos metodológicos, optei por utilizar os princípios da pesquisa exploratória, partindo de uma “observação livre” dos homens que exercem a atividade sexual comercial, para analisar a dinâmica da prostituição de rua. Para uma discussão teórica mais abrangente, recorri aos estudos de Perlongher (1987) sobre o gueto gay paulistano urbano no período de 1959 a 1984, em paralelo com os trabalhos de Fabregas-Martínez (2002) e Rios (2004), que apresentam significativa afinidade, além de considerável concordância teórica e metodológica. Quanto ao universo da pesquisa destaco que a pesquisa de campo abrangeu todo o perímetro urbano compreendido entre os bairros de São José, Santo Antonio, Santo Amaro, além dos bairros da Boa Vista (centro do Recife) e de Boa Viagem (zona sul) - reconhecidos

como “redutos da prostituição homossexual masculina” – que serviram como referências para as observações sistemáticas.

No que se refere aos sujeitos da pesquisa, os boys de programa, meus “informantes” foram homens que se prostituem nas ruas do centro do Recife, exercendo a atividade há mais de um ano. Neste sentido, vale salientar que o fluxo dos boys de programa nas ruas apresenta constantes variações relativas a quantitativo e frequência, uma vez que suas incursões nos espaços de prostituição sofrem alterações de acordo com os dias da semana, horários e movimento da clientela, entre outros. Apesar destas especificidades, me foi possível observar e acompanhar durante toda a pesquisa de campo, uma média constante de quinze rapazes que frequentam as ruas do bairro da Boa Vista, com quem mantive constantes conversas, e dos quais, cinco concordaram em conceder entrevistas¹. Em sua maioria, estes homens são solteiros, se encontram na faixa etária entre 18 a 26 anos de idade, não concluíram o ensino fundamental e residem em comunidades populares e favelas que margeiam o centro urbano. Em muitas situações estes sujeitos exercem suas atividades tanto em espaços públicos (ruas, avenidas e praças) como privados (boates, saunas e clubes privados).

Como técnicas de coleta de dados, desenvolvi estratégias que abrangeram duas frentes, a partir de duas técnicas de investigação: Observação participante nos pontos de prostituição masculina e entrevistas. Assim, utilizando os princípios da pesquisa qualitativa, partindo de uma “observação participante” dos garotos de programa, bem como da dinâmica da prostituição de rua, busquei analisar a construção das performances de gênero dos homens que se prostituem na cidade do Recife. Em uma segunda fase, dentre os sujeitos observados, realizei entrevistas semi-estruturadas com cinco boys de programa, gravadas em MP4, versando sobre as performances de gênero nas práticas sexuais comerciais, objetivando assim, analisar as lógicas dos sistemas de gênero, sexualidade e prazer envolvidos na construção de suas performances.

Durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, foram observados os aspectos éticos, de acordo com as normas de pesquisa envolvendo seres humanos – Res CNS 196/96, considerando a capacidade civil dos próprios voluntários e

¹ Ver quadro de informantes

interessados em colaborar para dar o seu consentimento livre e esclarecido. Quanto à observação participante, foram fornecidas aos sujeitos observados, informações sobre a pesquisa, garantindo a inteira liberdade em participar ou não da mesma. A fim de garantir o sigilo necessário quanto à identidade, bem como aos dados de possível identificação dos participantes, saliento que nomes e dados pessoais dos informantes foram alterados em todo o corpo do trabalho, eliminando quaisquer riscos ou danos para os mesmos.

1. PROSTITUIÇÃO MASCULINA HOMOSSEXUAL EM RECIFE

No centro do Recife, capital pernambucana, embora a caracterização da prostituição feminina se mostre maior, mais antiga e mais bem estudada, é a prostituição masculina que vem provocando uma alteração do cenário local, ocupando uma significativa fatia do comércio sexual, ou pelo menos, uma boa parte do território público disponível ou possível para tal prática (PASINI, 2005; CARVALHO, 2000; RAGO, 2001). Nos anos 80, a prostituição parecia restrita às ruas da cidade antiga, concentrada nos bairros de Santo Antônio e de São Pedro. A definição do estabelecimento de territórios já figurava na época como um dos aspectos que mais chamavam a atenção.



No bairro de Santo Antônio, por exemplo, especificamente na Rua da Concórdia, era visível a frequência de três subcategorias distintas: garotos de programa ou michês, circulando próximos ao antigo fliperama, localizado em frente à Praça Joaquim Nabuco;

No perímetro mapeado, os boys de programa estabeleceram uma área específica de circulação, denotando uma espécie de demarcação geográfica onde as subcategorias se concentram e se subdividem em territórios. Dentro desta mesma área de circulação, encontram-se instalados alguns empreendimentos comerciais que servem como pontos de encontros e muitas vezes como espaços para o atendimento a clientes, tanto por parte dos boys de programa quanto por parte das travestis que se prostituem nas ruas. Entre estes, destacam-se um shopping center, três cinemas pornô, duas boates, cinco bares, um sex-shop, um fliperama, três saunas, cinco hotéis e três praças públicas.

Os depoimentos concedidos por alguns clientes, boys de programa e travestis, em conversas informais, evidenciaram muitas vezes, que os serviços sexuais são prestados dentro de automóveis estacionados em ruas desertas e mal iluminadas, dentro e fora da área mapeada. Ainda segundo estes depoimentos, referentes a tais serviços, verifiquei que a abrangência das atividades sexuais comerciais vai desde a masturbação individual ou mútua, até sexo oral e sexo anal, ambas com variação do protagonismo por parte dos homens que se prostituem ou dos clientes.

As questões relativas a valores, preferências, definição de categorias, performances de gênero e práticas sexuais são tanto divulgadas explicitamente nas ruas como através de anúncios em sites⁵ da internet. Tanto nas ruas como nos anúncios “on-line” os valores monetários dos programas sofrem alterações de acordo com a natureza dos serviços prestados, tempo na atividade, subcategorias, territórios e performances de gênero, podendo variar de dez a cento e cinquenta reais⁶. Nesse aspecto, torna-se cada vez mais frequente a utilização de páginas pessoais ou comunidades específicas do Orkut como canal de divulgação para os serviços sexuais oferecidos pelos boys de programa.

O fenômeno da prostituição masculina em Recife abrange ainda uma multiplicidade de manifestações, criando uma grande diversidade de conceitos para os homens que desenvolvem a atividade. Assim, parece existir uma clara definição quanto

⁵ Ver blogs individuais, site rede do sexo, 2007.

⁶ Ver também página “Garotos de Programa de Recife”, Orkut, 2007.

à hierarquização das categorias, determinado ainda, uma ampla variação de nomenclaturas vinculadas ao ato da comercialização sexual, onde os mesmos parecem se dividir ou se agrupar de acordo com as subcategorias: os boys de programa, que utilizam as ruas e locais públicos; os strippers que se apresentam em boates, clubes privados, casas noturnas e festas particulares; os atores de filmes eróticos envolvidos no ramo da pornografia; os call-boys, parceiros de tele-sexo; os acompanhantes e modelos que utilizam *sites* na internet ou empresas de agenciamento; os massagistas, que atuam em saunas e em domicílios, além dos boys de programa que atendem por agendamento eletrônico (GARCIA, 1996). Durante a pesquisa de campo, através das conversas informais com os clientes, constatei o que poderia se configurar como surgimento de duas novas subcategorias: os “moto-boys de programa” e os “táxi-boys”, profissionais que oferecem serviços sexuais agregados aos serviços de transporte de clientes que frequentam as boates, bares e clubes noturnos. Assim, os valores negociados para os programas, que muitas vezes incluem paradas em motéis ou atendimentos em domicílio dos clientes, são incorporados ao custo da corrida.

Através da observação livre, dentro do mesmo espaço territorial mapeado, e das abordagens diretas junto aos boys de programa que exercem a prostituição nas ruas, pude constatar um outro fenômeno caracterizado pela presença, cada vez maior, de crianças e adolescentes que fazem do sexo pago uma possível fonte de renda. Tal fato evidencia que a inserção dos homens no universo da prostituição, muitas vezes, se dará ainda na infância ou início da adolescência, contribuindo talvez para a definição de suas identidades sexuais. Assim, não é raro presenciar nas ruas do centro da cidade, a circulação de meninos que adotam posturas masculinizadas, semelhantes aos boys de programa, ou adolescentes em processo de transformação corporal que se tornarão futuras travestis. Durante as abordagens ou conversas informais observa-se que muitos apresentam documentos de identidade com dados alterados a fim de evitar problemas com a polícia, bem como garantir e salvaguardar a si e a clientela.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO

No dicionário da língua portuguesa, prostituição pode ser definida como o “ato ou efeito de prostituir(se)”, “comércio sexual profissional do amor sexual”, ou ainda como, “modo de vida próprio de quem se prostitui” (FERREIRA; 1986). Para alguns pesquisadores, ao se tentar definir a prostituição se faz extremamente necessário levar em consideração a existência de pelo menos três elementos fundamentais ao exercício da atividade sexual comercial: o aluguel do corpo, a ausência de amor e presença de jogos sexuais. De modo mais amplo, a prostituição pode ser concebida enquanto execução de atos sexuais de vários tipos, que através da troca de dinheiro se configura como empreendimento comercial visando a obtenção de ganhos financeiros, ou ainda, enquanto entrega carnal, desde que reiterada e sem escolha de clientes por interesse de libidinagem, havendo ou não interesse de lucro (BACELAR, 1982; ARENT, 1997; ABREU, 1998).

Fábregas-Martínez (2000:16) destaca que no que se refere ao universo da prostituição, muitas das representações sociais envolvidas no imaginário coletivo, de certa forma, justificam uma tentativa de definição inicial quanto aos atores e personagens envolvidos na prostituição. Apesar de comumente fazermos referências às pessoas que se prostituem através de substantivos que, muitas vezes, tornam-se adjetivos, tais como, prostitutas, michês e travestis, verifica-se porém, que esses termos têm se mostrado restritos e não representativos das muitas pessoas envolvidas neste universo. Da mesma forma, observa-se também a frequente tendência à adjetivação da atividade sexual comercial, dividindo-a em conceitos relativos à prostituição feminina enquanto modalidade exercida por mulheres, e prostituição masculina como modalidade específica aos homens e travestis.

Acredito, no entanto, que esse tipo de classificação parte do pressuposto de que tanto o sexo biológico quanto o gênero são sinônimos, o que se mostra incompatível e contraditório em relação às travestis. Neste aspecto, Butler (1999) postula que o sexo enquanto categoria é sempre normativo, e que neste sentido, funcionará não apenas como norma, mas como prática regulatória que produzirá a materialização imposta dos corpos que governa. A partir de tais considerações é que proponho a concepção de

prostituição masculina homossexual como prática da relação sexual desenvolvida entre pessoas do mesmo sexo biológico, independente das relações e performances de gênero envolvidas, na qual o ato terá por finalidade proporcionar prazer sexual em troca de dinheiro ou qualquer outro tipo de benefício, podendo ou não existir o vínculo afetivo ou o desejo recíproco.

Apesar de todas as tentativas de explicações acerca da atividade sexual comercial, bem como dos preconceitos em torno de quem a pratica, historicamente nunca existiu intenção declaradamente aberta quanto à erradicação da prostituição. Para alguns autores tal prática sexual quando desenvolvida por mulheres parece contribuir diretamente para a manutenção da normalidade de uma ordem burguesa. De acordo com tal argumento, esta modalidade da prostituição aparece configurada como “mal necessário” constituinte de sociedades calcadas na desigualdade de bens e consumo, onde sua sobrevivência dependerá exclusivamente das diferenças estruturais (CASTRO, 1895:1932; Cf. MAZZIEIRO,1998).

[...] a prostituição de mulheres nesta ótica, ganha uma função social, a de satisfazer a “necessidade biológica” dos homens que, por natureza têm um “impulso sexual” que muitas vezes vai além do garantido nas suas relações afetivas (CHATEAUBRIAND, 1997; CF. FÁBREGAS-MARTÍNEZ, 2000:17).

Dentro desse prisma a prostituição masculina, exercida pelos homens e as travestis, será sempre analisada socialmente sob a ótica do desvio, fundamentada única e exclusivamente no modelo bio-médico que tende a considerar a homossexualidade no âmbito da anormalidade. Em consonância com Fábregas-Martínez (2000), considero que tal interpretação da prostituição parta de uma perspectiva moralista pautada na “dominação masculina”, uma vez que, todos aqueles que se distanciam deste lugar da norma poderiam ser entendidos ou considerados como marginais ou desviantes.

Destacada por alguns autores como uma das mais antigas atividades comerciais, conceitualmente a prostituição sofreu e ainda vem sofrendo alterações de acordo com os padrões morais e sociais, bem como dos fatos históricos de cada época, indo da satanização até a sua interdição através das leis proibitivas do Código Civil das

sociedades onde esteja inserida (RAGO, 2001; FÁBREGAS-MARTÍNEZ, 2000; PERLONGHER, 1987). Referente aos estudos acerca da prostituição no Brasil pude constatar que a mulher é sempre destacada como principal personagem no cenário das práticas sexuais comerciais (MAZZIEIRO, 1998; COSTA, 2004, PASINI, 2005). Guimarães e Merchán-Hamann (2005), por exemplo, ao analisarem as representações sociais da prostituição sob a ótica feminina, destacam a prática sexual comercial como uma atividade milenar que tradicionalmente tem subvertido o exercício “controlado” da sexualidade via instituições sociais. Assim, em todo o percurso histórico do desenvolvimento brasileiro verifica-se várias tentativas e formas de controle da prostituição, ora implementadas pelas instituições religiosas, ora pelo Estado. É nesta perspectiva que se torna importante ressaltar que o termo “profissional do sexo”, empregado muitas vezes para denominar tanto os homens, quanto as mulheres e travestis que protagonizam o fenômeno da prostituição nas grandes metrópoles, mostra-se muito mais como estratégia política de reconhecimento de uma população, do que uma forma de autodenominação adequada e comum, reconhecida entre os mesmos. No universo da prostituição, muitas vezes o que se constata, é que para algumas das pessoas envolvidas, a atividade sexual comercial assume simplesmente um caráter provisório enquanto prática ou atividade com a qual não se identificam (FÁBREGAS-MARTÍNEZ, 2000:17; PERLONGHER, 1987:21).

Neste sentido, ao buscar identificar os fatores determinantes, bem como suas influências sobre a formação e construção de uma identidade, acredito ser adequado recorrer às postulações de Jerome Bruner (1990), que salienta que para compreender o homem se deve entender como é que suas experiências e os seus atos são “modelados” pelos estados intencionais, que somente se realizam mediante a participação deste mesmo homem nos sistemas simbólicos da cultura. Assim sendo, a compreensão quanto à configuração real de nossas vidas só se torna possível, a nós e aos outros, graças aos sistemas culturais de interpretação. Nesta concepção, a cultura, ao invés da biologia, dará forma à vida e a mente humana, conferindo significados à ação e situando num sistema interpretativo os seus estados intencionais subjacentes. Através da linguagem e modos de discursos, das formas de explicação lógica e de

narrativas, e ainda, dos padrões reciprocamente dependentes da vida comunitária, é que a cultura imporá padrões inerentes aos sistemas simbólicos.

A experiência no mundo social e a memória que temos dele estão poderosamente estruturadas não só por concepções profundamente interiorizadas e narrativizadas da psicologia comum, mas também pelas instituições historicamente enraizadas que uma cultura elabora para se apoiar e reforçar (BRUNER, 1990:62).

Neste sentido, não existiria uma natureza humana independente da cultura, uma vez que, sem o seu papel constituinte, “seríamos apenas monstruosidades inexecutáveis, animais incompletos ou inacabados sem condições de se completar a si próprios” (GEERTZ, 1989:49). No processo de significação, os seres humanos tendem a centrar-se nas atividades simbólicas que empregam na construção e criação de sentido, não só a propósito do mundo, mas também de si mesmos. Hall (2005) postula que uma das formas pelas quais as identidades estabelecem reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. Assim, a cultura se torna referência, influenciando diretamente o processo de construção da identidade. Nesta mesma perspectiva, Hall (2005) parece dialogar com Bruner (1990) ao afirmar que os sistemas simbólicos utilizados pelos indivíduos para a construção de significados são sistemas já existentes, profundamente enraizados na cultura e na linguagem. Já para Costa (1995) a linguagem define o que somos em essência. E através dela, passamos a ser aquilo que nos é permitido ser e acreditamos naquilo que nos é permitido acreditar. Em sua concepção, apenas a linguagem pode nos fazer entender e aceitar algo do outro como familiar e natural, ou ainda em contrário, reconhece-lo como estranho, antinatural e ameaçador. Assim, a identidade referencia diretamente o que somos, o que tentamos ser, ou ainda, o que os outros podem achar que somos. Identidade pode ainda ser entendida como um conjunto de características individuais associadas a si mesmo, uma vez que falar de identidade significaria falar de si próprio. Hall (2005) afirma que as identidades correlacionam-se simplesmente ao que se é, e passam a ter como referência a si própria para tornar-se auto-suficiente, ou seja: brasileiro, negro, homossexual, jovem. Em contrapartida, o que o outro é, ou o que percebemos como sendo o outro, se configura como diferente. Então, ser estrangeiro, branco, alto, louro ou homossexual, se distingue de minha identidade para torna-se diferença, traduzida

como aquilo que o outro é. A diferença torna-se também auto-referenciada. Logo, identidade e diferença são inseparáveis, só existindo uma em razão da outra.

No fenômeno da prostituição masculina, por exemplo, constata-se uma amplitude de identidades que passam a adquirir significados através da linguagem e dos símbolos para se tornarem representações simbólicas de classificações do mundo e de suas relações no seu interior. Estas representações identitárias servem de base, não apenas para o processo de hierarquização, mas também para o estabelecimento de uma variação de nomenclaturas e classificação das subcategorias, onde strippers, modelos, acompanhantes, atores pornô, massagistas e boys de programa estabelecem uma espécie de status social. Através dessas representações de identidade são construídas e legitimadas as posições de superioridade e inferioridade entre sujeitos que compartilham de uma mesma identidade comum – a de homens que se prostituem. Uma vez estabelecidos os significados, tais sujeitos podem dar sentido para a própria experiência e para aquilo que são. Compreendidas como processo cultural, as representações, estabelecem identidades individuais e coletivas, bem como os sistemas simbólicos nas quais estão inseridas e constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar. Exemplo disso na dinâmica da prostituição masculina é destacado por Perlongher, ao registrar que:

Quando os michês-bichas vão presos, preferem numa cela estar com os travestis do que ficar com os malandros, por que correm o risco de serem estropados. O michê-macho fica com os malandros, dificilmente será estropado numa cela porque ele está fazendo aquele jogo de macho imposto tradicionalmente ao homem. Vai sair na porrada, ele sangra e apanha mas não dá o cu⁷ – ainda se desmanchar, continua fazendo a representação máscula (PERLONGHER, 1987:118).

No referente ao poder das representações, Hall (2005:18) destaca que todas as práticas produzem significados envolvendo relações de poder, definindo quem será incluído e quem será excluído. Desta forma, os sistemas simbólicos passam a atribuir novos sentidos à experiência das divisões e desigualdades sociais, determinando quais

⁷ Cu: expressão popularmente utilizada como designação do ânus.

grupos são excluídos e estigmatizados, o que salienta a meu ver, a existência de uma necessidade em se distinguir do outro:

Os michês-bichas se relacionam mais com os travestis, que os protegem. Inclusive os michês-machos não agridem elas, não só porque consideram que estão na mesma batalha, mas porque essas bichas costumam ter a proteção de algum travesti... São poucos os michês-bichas em relação aos michês-machos. E os travestis dão cobertura a sua fragilidade (PERLONGHER, 1987:117).

Também no negócio da prostituição masculina em Recife, muitas vezes, os lugares de excludente e excluído são experimentados por uma mesma pessoa. A cultura se destaca como fator modelador da identidade, atribuindo sentido a experiência e tornando possível ao sujeito “optar” entre as várias identidades possíveis através de um modo específico de subjetividade. Bruner (1990:24) propõe que a evolução humana transpôs uma linha divisória quando a cultura tornou-se o fator fundamental para a configuração das mentes dos que vivem sob sua influência. É nesta concepção, que a cultura parece se configurar muito mais como produto da história do que da natureza. Através dela será estruturado um mundo ao qual temos que nos ajustar, encontrar e/ou definir as ferramentas necessárias ao processo de adaptação.

[...] nosso modo de vida, culturalmente adaptado, dependerá dos significados e dos conceitos compartilhados, bem como dos modos de discurso partilhados para negociar as diferenças no significado e na interpretação” (BRUNER, 1990:24).

No âmbito da organização das parcerias homossexuais na comunidade gay carioca, Rios (2004) tende a considerar que:

No que se refere às parcerias, vale ressaltar os roteiros sexuais, propostos por Gagnon (2006), que fazem interagir sexualmente personagens como o mais velho e o mais novo (idade), o ativo e o passivo (prazer), o bofe e a bicha (gênero), estabelecidos e outros (status sócio-financeiro), o príncipe encantado e o mocinho em perigo (amor romântico), alocados em hierarquizações sociais que organizam cadeias de desigualdades (RIOS, 2004).

Não se pode então, desconsiderar a importância do fator relacional no processo de estruturação da identidade dos homens que exercem a prostituição. Perlongher (1987) destaca que o michê-boy dependerá de uma outra identidade, a do michê-bicha, para lhe fornecer as condições necessárias para que possa existir. Por sua vez, o michê-bicha se distingue por aquilo que ele não é, para coexistir muitas vezes num mesmo espaço. Fenômeno semelhante pode observar no processo de demarcação das identidades dos boys-ativos e boys-passivos. Assim, no âmbito das demarcações das diferenças, tanto a categoria dos michês-boy de São Paulo, quanto a dos boys-ativos de Recife, parecem ainda travar outra batalha identitária. A partir do momento em que não se reconhecem como homossexuais, independentemente das características e práticas sexuais inerentes aos serviços prestados, negam a existência de qualquer similaridade com a comunidade dos michês-bichas e boys-passivos, bem como, com a comunidade dos gays. Nesse processo de negação ou não reconhecimento, tentam legitimar uma superioridade à parte, uma vez que, em suas representações, o homossexual (que em Recife passa a ser designado como “frango”) passa a ser quase sempre identificado como o outro.

Nomenclaturas e categorias semelhantes às observadas tanto em Porto Alegre (FÁBREGAS-MARTÍNEZ, 2000), quanto em São Paulo (PERLONGHER, 1987), onde os serviços sexuais são caracterizados pela posição adotada pelos homens que se prostituem durante o intercuro sexual, podem ser facilmente identificadas também em Recife. Assim expressões como “ativo”, “passivo”, “liberal”, “100% ativo”, “ativo e passivo”, “ativo liberal” e “liberal total”, denotam as potencialidades eróticas oferecidas pelos boys de programa. Em Recife, contudo, algumas destas nomenclaturas parecem ter sofrido atualizações linguísticas, onde o termo “flex”⁸ passou a ser adotado por alguns boys como referencial às possíveis variações de conduta erótica e performances sexuais durante a interação com os clientes. Deste modo, observei que na capital pernambucana, as identidades dos homens que exercem a prostituição nas ruas encontram-se marcadas pela diferença, e por sua vez, sustentadas pela exclusão. Neste contexto:

⁸ Flex: Simplificação gramatical do adjetivo flexível, para designar a possibilidade do boy de programa adotar tanto a postura ativa quanto passiva durante o intercuro sexual com o cliente. O termo figura como alusão a modalidade dos carros flex, que podem rodar com gasolina ou álcool.

O significado depende não só de um signo e de um referente, mas também de um interpretante – uma representação do mundo, em cujos termos a relação signo-referente é mediada (BRUNER, 1990:76).

Estas significações simbólicas são reforçadas para que o sujeito assuma e reivindique seu lugar social dentro da comunidade com a qual esteja identificado. Por fim, parece importante destacar também o nível psíquico como dimensão determinante na estruturação de uma identidade. Esta dimensão, juntamente com as dimensões simbólica e a social, completará sua conceitualização.

No processo de afirmação da primazia de uma identidade, se faz necessário não apenas coloca-la em oposição a uma outra identidade, que é então desvalorizada, mas também reivindicar alguma identidade verdadeira, autêntica, que teria permanecido igual ao longo do tempo (HALL, 2005:15).

Segundo Geertz (1989), a enorme e ampla variedade de diferenças entre os homens, em crenças e valores, em costumes e instituições, tanto no tempo como de lugar para lugar, é essencialmente sem significado ao definir sua natureza. Para os michês, investigados por Perlongher (1987) e garotos de programa, por Fábregas-Marínez (2000), a prostituição parece determinar estruturas emocionais, onde sexo e desejo passam a transitar, muitas vezes, em vias distintas. Com os clientes são estabelecidas relações onde o sexo torna-se negociável e tudo parece ter um preço, inclusive as emoções ou simulações das mesmas. Já nas relações pessoais, a emoção ganha espaço e o boy de programa parece tornar-se tão susceptível e frágil às relações de apego como qualquer outro ser humano (FÁBREGAS-MARÍNEZ, 2000).

Essa busca pela real satisfação que não se restringe ao sexo, de forma mais ampla poderia ser verificada e entendida como vivência da sexualidade. Se tomarmos conceitualmente sexualidade como fenômeno que tem expressão entre indivíduos de grupos com valores e atitudes específicas, e diretamente inter-relacionado com o seu contexto, circunscrito a um lugar psicológico, verificamos que a prostituição em si, não foge aos ditames destas grupalidades, recebendo uma carga cultural, afetiva e simbólica coerente com o contexto que a cerca (VALADARES, 1994, CF. PERLONGHER, 1987). Por tudo isso, ao analisar os aspectos psicossociais envolvidos

na estruturação das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife, percebo a necessidade de uma reflexão anterior acerca do que é o homem em sua relação com a própria sexualidade.

1.2. Década de 80: Pegações e Práticas Sexuais nos Espaços Homoeróticos de Recife

No início da década de 80, me transferi para o centro do Recife, mas precisamente para o terceiro andar de um pequeno edifício de seis andares, localizado em uma das esquinas do cruzamento entre as ruas da Concórdia e a Marquês do Herval. Ambas, repletas de lojas que integram, ainda hoje, o antigo centro comercial da cidade. Na Concórdia, durante o dia, o vai e vem de carros, caminhões e motos, se misturavam à enorme quantidade de pessoas que invadiam as lojas atrás de todo tipo de produtos e variedades. O burburinho desenfreado parecia avisar que a cidade nunca dormia, pelo menos naquele trecho, o que de fato acontecia, uma vez que, após o fechamento das lojas outro tipo de comércio se estabelecia no local.

Por volta das vinte horas, risadas, brincadeiras, gritos e “curras”⁹, invadiam a rua e suas transversais, sinalizando a chegada das “meninas”, como eram pejorativamente nomeadas pelos moradores do bairro, e que faziam ponto abaixo de minha janela. Lembro-me bem de alguns nomes adotados por elas, pois remetiam a personagens de novelas ou de filmes estrangeiros famosos na época. Assim, tantas e quantas Sheylas, Cíntias, Palomas, Susis e, Flávias, freqüentaram minha rua, assoviando e se insinuando quando eu ou tantos outros homens passava, voltando da faculdade, de festas ou mesmo de trabalhos noturnos? E quantas outras frequentavam as esquinas, fazendo programas nas ruas, dentro dos automóveis de clientes ou em pensões das

⁹ Curra: expressão êmica utilizada como sinônimo para xingamentos moral, normalmente de caráter homofóbico. Na comunidade homossexual, levar uma curra significa ser ofendido verbalmente. O termo pode também ser utilizado para designar as várias formas de violência física sofridas pelos gays. A expressão ser currada relaciona-se ainda as modalidades de violência sexual, praticadas por um ou mais sujeitos em relação a outro.

proximidades? Quantas histórias foram contadas e recontadas através das canções interpretadas por grandes divas da música popular brasileira, que na voz daquelas travestis assumiam sonoridades diferentes, às vezes em tons melancólicos e abafados, outras vezes, ao contrário, em declamações estridentes e desafinadas? Eram os sons da noite do bairro de Santo Antônio que tentava dormir, e que não raras às vezes, era acordado por gritos, gargalhadas afetadas, vozes efeminadas, buzinas dos carros ou mesmo gemidos de prazer que deixavam explícito o tipo de comércio que era realizado a altas horas da noite, e que só findava com o amanhecer do dia.

Minha chegada ao centro da cidade coincide com o período de abertura política, onde a censura se tornava mais amena com o passar dos tempos. Filho da geração de sessenta, pude, de certa forma, acompanhar as transformações que se deram durante e após a revolução de sessenta e quatro. Eram os tempos de chumbo, onde a intolerância dos generais, as perseguições políticas, a repressão cultural e principalmente social, contribuíram e refletiram diretamente na construção de nossas identidades. A palmatória acabara de ser abolida nas escolas, mas as condutas autoritárias, o respeito imposto, bem como, as doutrinas e dogmas da “Santa” Igreja Católica mantiveram-se implacáveis, estabelecendo padrões de conduta e acima de tudo, controlando, vigiando e regulando a sexualidade dos alunos. Aos sadios, neste sentido, entenda-se pessoas com orientação sexual heterossexual, a tolerância quanto às descobertas, curiosidades e afirmações sexuais. Aos “desviados”, aqueles que não se enquadravam no modelo hegemônico estabelecido para a sexualidade reprodutiva, os castigos, as penitências e punições possíveis a uma instituição educacional, que embora municipal, era regida pela doutrina católica. Nesta época, quando não se verbalizavam dúvidas oriundas da sexualidade, ou mesmo, se expressavam comportamentos e condutas “invertidas”, a educação respondia e se pautava nas doutrinas de duas poderosas instituições formadoras de caráter: A Igreja e o Estado.

Não existiam as possibilidades de masculinidades, preferências sexuais, e muito menos diversidade sexual, tão comum nos dias atuais. O modelo heterossexista estabelecia limites à vivência e a consolidação da sexualidade dos indivíduos: ou se era homem, ou se era mulher. Não existia meio termo e as “aberrações” ficavam restritas ao mundo artístico. A arte era considerada um campo feminino, não extensivo aos

homens, que ao contrário eram estimulados a valorização viril através dos esportes violentos e competições acirradas, como forma de reafirmação da masculinidade. A arte estimulava a sensibilidade, e por isso era motivada e integrada aos roteiros de formação da conduta moral das meninas.

Neste cenário de repressão do final dos anos setenta, ser homossexual significava negar a própria identidade, esconder desejos, sofrer por paixões, que como diria Oscar Wilde, “não ousariam em dizer o nome”. Adoecer, ou em última hipótese se entregar, estabelecendo parcerias conjugais e sexuais com pessoas do sexo oposto, através de casamentos fadados ao fracasso, figuravam como algumas das poucas alternativas viáveis, uma vez que assumir-se homossexual representava assumir também um caráter de pertencimento vinculado ao submundo, estigmatizado e invisível ao social (GOFFMAN, 1988).

A virada da década marca o renascimento da imprensa, onde as novas temáticas emergiam desse submundo e novos sujeitos sociais começavam a ser construídos. “O que antes parecia inexistir, ganha visibilidade. Dos subterrâneos das cidades, novos personagens vêm à luz e entram em cena”. Esta abertura política possibilita ainda “que práticas até então mantidas em segredo, levadas a cabo em esconderijos, passem a se realizar no espaço público” (ALBUQUERQUE JR & CEBALLOS, 2004). Os anos oitenta tornam-se então, a era dos questionamentos e das lutas pelos direitos humanos, consolidando os movimentos sociais que trouxeram à tona as discussões relativas aos prazeres, aos corpos, às sexualidades e suas possibilidades no campo do erótico. Iniciava-se o processo de reconhecimento do homem enquanto ser independente e livre em sua plenitude, incluindo a sexual, e do estabelecimento do indivíduo enquanto sujeito de direito e do prazer.

O movimento homossexual abriu caminhos às novas possibilidades de práticas, vivências e construções de diferentes identidades no campo da sexualidade pernambucana. O modelo heterossexista, pautado na bipolaridade masculino/feminino, tornou-se insuficiente e defasado para explicar e/ou abranger uma gama de “novas” categorias e identidades emergentes. Os espaços de sociabilidade homossexual foram se firmando no centro da cidade e o espaço geográfico recifense começou a ser redesenhado para acomodar e atender a uma demanda de desejos, experiências e

práticas sexuais. Aos poucos as diferenças sexuais foram sendo incorporadas e absorvidas pela sociedade, que as acomodou, se não no campo da compreensão ou aceitação, mas pelo menos, no âmbito da convivência pacífica.

Assim quem vem ao Recife e quer se entrosar na vida 'guei' da cidade não precisa de guia ou cicerone, pois tudo aqui, funciona às claras, sem camuflagens. Nosso movimento guei está cada dia melhor e mais aberto. O pessoal está nas ruas, aos bandos, em revoadas nas noites de sexta e sábado pelas ruas centrais... como diz um dos jornalistas: A população já acostumou a vê-los desfilar pelas ruas, descontraídos, mais soltos do que pensamento de anistiado, e tão perdidos quanto o rumo do "Skylab" (TONY, 1978; CF. ALBUQUERQUE JR & CEBALLOS, 2004).

Contudo os depoimentos pessoais, que colhi junto a homossexuais que viveram a efervescência das transformações pós-ditadura, registram que os espaços homossexuais e de vivências homoeróticas da década de setenta se restringiam a determinados locais onde, invisíveis aos olhos da sociedade burguesa, tornavam-se possíveis os encontros que se desenvolviam de forma restrita e limitada. Neste aspecto, um dos informante, que aqui passo a chamar de Marcos - o divorciado - descreve sem grandes romantismos as dificuldades relativas à dinâmica da pegação no início dos anos oitenta.

Tinha os cinemas, que não passavam filmes pornô, e alguns bares, entre eles, o Savoy, o HC, o Mustang, o Mangueirão e Bar da Cris, onde as pegações não eram acintosas. Era onde se namorava e se paquerava. E depois, se acertavam os futuros encontros, não necessariamente sexuais (MARCOS – O DIVORCIADO, 55 ANOS, BRANCO. DEPOIMENTO PESSOAL, 2008).

Para Marcos, a efervescência sexual gay de Recife coincide com o reconhecimento e reafirmação de sua homossexualidade, que antes "enrustida" o levou a efetivar uma relação marital, pautada no modelo heterossexista por mais de trinta anos. Funcionário público, de classe média, pai de dois filhos, ao se separar da esposa fixou residência no bairro da Boa Vista e passou a vivenciar tardiamente a plenitude de sua sexualidade através de encontros e relações fortuitas que se dava em espaços de pegação da cidade. Os banheiros dos bares se destacavam como espaços onde os encontros eram certos e onde se tornava possível encontrar "homens que procuravam

outros homens”. Em alguns destes encontros o dinheiro sempre funcionava como “facilitador” e/ou agenciador para as práticas sexuais de caráter homossexual.

Alguns homens já esperavam pelas bichas com o pau¹⁰ duro. Deixavam a gente chupar e depois pediam o dinheiro da cerveja ou da passagem. Eram desculpas esfarrapadas, porque no outro dia, eles estavam lá, do mesmo jeito (MARCOS – O DIVORCIADO, 55 ANOS, BRANCO. DEPOIMENTO PESSOAL, 2008).

Em seu discurso também é destaca o que os banheiros públicos e o famoso “quem-me-quer” que margeia o Rio Capibaribe, sempre serviram como espaços de pegação para os homossexuais da cidade. Vale salientar que atualmente, o espaço ainda hoje, se configura como ponto de prostituição masculina homossexual, que acontece no trecho localizado a Rua Dr. José Mariano, no perímetro compreendido entre a Ponte Seis de Março (Ponte Velha) e a Ponte da Boa Vista (Ponte de Ferro). Nesse território, mais conhecido como Cais José Mariano, os vários bancos, árvores e um banheiro público servem de espaços para as práticas sexuais comerciais e/ou encontros homoeróticos, que se dão na via pública em altas horas da madrugada.

Já nos banheiros dos cinemas “São Luiz”, na Rua da Aurora; e no “Veneza” na Rua do Hospício, as pegações eram mais discretas e se configuravam como relações homoafetivas entre entendidos¹¹. Roberto - o estudante - relata que descobriu o mundo gay nos banheiros dos cinemas.

Minha primeira vez foi no banheiro do Cinema Veneza. Eu tinha uns 19 anos e o cara chegou no mictório de lado e ficou me olhando. Ele era bem mais velho e tinha uma bunda linda. Já comi muita gente nos banheiros dos cinemas. Naquela época era mais fácil, porque todo mundo sabia o que rolava nas cabines (ROBERTO – O ESTUDANTE, 39 ANOS, BRANCO. DEPOIMENTO PESSOAL).

Conta ainda que antigamente os jovens gays saiam diretamente dos colégios, também localizados no centro da cidade, para os cinemas. Contudo, quem se posicionava de pé encostado nas paredes, no final da sala de exibição, pouco se

¹⁰ Pau: designação popularmente utilizada para se referir ao pênis masculino. “Pau duro” é utilizado como sinônimo de pênis ereto – excitação masculina.

¹¹ Ver Rios (204) - O Feitiço de Exu: Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro

interessava pelos personagens fictícios. O atrativo da sétima arte consistia mesmo em presenciar ou mesmo vivenciar as fortes emoções das cenas eróticas explícitas que se davam entre homens dos mais variados tipos, idade e classes sociais. No final da década os principais cinemas do centro da cidade, como o “Moderno”, em frente a Praça da Republica; O “Astor” e o “Ritz” na Avenida Visconde de Suassuna; bem como o “Trianon” e o “Arte Palácio”, ambos na Avenida Guararapes, passaram a exibir exclusivamente filmes eróticos, e se tornaram espaços de circulação para prostitutas e boys de programa, que atendiam seus clientes tanto nos banheiros quanto nas próprias salas de exibição. Nos dois últimos, se os camarotes localizados no final das salas de exibição, serviram nos tempos áureos para demarcar as diferenças sociais, no final dos anos oitenta, contudo, passaram a funcionar como uma espécie de espaços reservados as “surubas”¹² e práticas sexuais que envolviam tanto casais hétero quanto homossexuais. Em determinadas horas, tais espaços concentravam mais gente do que as platéias. Nestes cinemas era frequente se ver homens ajoelhados entre as cadeiras, em meio às pernas de outros homens que fingiam prestar atenção ao que se passava na grande tela.

Fora dos cinemas, ao que tudo indica, a prática da pegação também acontecia em toda extensão da Avenida Conde da Boa Vista e suas principais ruas paralelas, demarcando o período como marco do processo de definição e reconhecimento destes espaços como territórios gay.

Desde a década de setenta, os olhares, as trocas de sinais, combinavam os encontros que terminavam nas antigas pensões do centro (MARCOS – O DIVORCIADO, 55 ANOS, BRANCO. DEPOIMENTO PESSOAL, 2008).

Segundo o antigo Jornal Lampião da Esquina (1980), irreverente publicação voltada ao público gay, a cidade do Recife, já mesmo na época da ditadura, apresentava um roteiro de espaços onde os homossexuais podiam encontrar parceiros sexuais ou simplesmente apreciar os jovens rapazes que pescavam às margens do Rio Capibaribe:

¹² Suruba: Prática sexual envolvendo várias pessoas.

Nos banheiros da biblioteca e da faculdade, as pegações e práticas sexuais entre homens se davam durante todo o dia. Nestes espaços, segundo relatos, parece que questões relacionadas à idade, raça/etnia e classe social não se mostravam como demarcadores de diferenças tão significativos. Cleiton – o funcionário - trabalhava no horário da tarde, e relata que quando chegava sempre dava uma passada no banheiro para ver como estavam às coisas.

De meio dia, o movimento aumentava muito. Tinha homem de todo tipo: branco, negro, alto, magro, senhores sérios e garotos que vinham das escolas. Tinha até estrangeiro. E era muito engraçado observar o clima de nervosismo que pairava no ar. Eu aproveitava para escovar os dentes e sempre conseguia ver alguém de pau duro, esperando do lado de fora, enquanto alguém se masturbava dentro da cabine (CLEITON – O FUNCIONÁRIO, 45 ANOS, MORENO. DEPOIMENTO PESSOAL, 2008).

Seguindo seu relato, acrescenta que sempre escolhia a pia próxima a primeira cabine porque dava para ver, pelo reflexo no chão, os “membros eretos em movimentos masturbatórios”. Ainda segundo ele, alguns frequentadores, “os mais afoitos” deixavam a porta entreaberta.

As bichas fingiam que estavam na espera só pra ficar olhando o cara se masturbar. Algumas paravam mesmo, bem perto da porta e muitas vezes começavam a pegar no pau do cara. Outras até se baixavam para chupar. Vi várias bichas dando o cu de joelhos nas bacias sanitárias para que ninguém de fora percebesse que tinham duas pessoas na cabine. Mas a gente percebia, porque ficava olhando o movimento das pernas do que estava comendo. Outras vezes, até se ouvia os gemidos quando eles gozavam. E também dava pra ver a gala¹⁴ pingando no chão (CLEITON – O FUNCIONÁRIO, 45 ANOS, MORENO. DEPOIMENTO PESSOAL, 2008).

Em outra passagem deixa claro a heterogeneidade dos atores sociais envolvidos nas práticas sexuais:

Já vi garoto novo agarrado em cacete de negão bem mais velho, como também já vi negão tomar no cu como quem toma refrigerante. Quando as bichas tão na seca, não têm essa coisa de diferença. Todo mundo

¹⁴ Gala: relativo popular a sêmem.

dá ou come. Na hora do sexo não tem preconceito, o que importa é o prazer (CLEITON – O FUNCIONÁRIO, 45 ANOS, MORENO. DEPOIMENTO PESSOAL, 2008).

No Parque 13 de Maio, a pegação apresentava diferentes modalidades. Por ser um espaço aberto, e por isso mesmo, mais exposto, os gays de plantão tendiam a se misturar aos transeuntes e visitantes. A paquera era o meio de chegada. Muitos ficavam parados em frente às jaulas dos animais, que na época eram muitos e de variadas espécies, e faziam sinais com os olhos, boca ou movimentos corporais intencionais para deixar claro o interesse por determinado pretendente. Se correspondido, caminhavam separados até o banheiro do parque ou seguiam sempre, um na frente e o outro atrás, para espaços mais reservados como hotéis ou residências próprias.

Os boys de programa também sempre frequentaram o parque e junto com as prostitutas, cada um a seu modo, aguardavam ou abordavam os clientes. Os boys, normalmente perambulavam pelas ruas mais arborizadas até encontrar espaços menos movimentados, onde fingiam urinar e com isso exibiam seus pênis. Era um sinal para que alguém interessado se aproximasse e a negociação pudesse se realizar. Nos dias atuais, os códigos e sinalizações assumiram um caráter mais sofisticado, e talvez mais discreto, e as pegações passaram a se dar na pista de cooper que se estende por toda a extensão do parque, ou ainda, na área reservada aos equipamentos de ginástica. Assim, corpos suados e malhados são constantemente exibidos através de exercícios que salientam as musculaturas e evidenciam a potência e suposta virilidade dos machos que buscam outros homens para se relacionar sexualmente. Contudo, como em quase todos os lugares de socialização gay, os códigos gestuais parecem cumprir sua principal função, invisibilizar socialmente as identidades individuais.

Com o tempo as mudanças geográficas e sociais também se deram no campo da prostituição, que se espalhou pelas ruas, principalmente no bairro de Santo Antônio. Assim, os homens passaram a dividir espaços públicos com as mulheres, divididos em categorias e territórios específicos.

Para quem gosta de pegação de rua, não há nada como a famosa Rua Nova e suas transversais, da Palma e do Sol. Há de tudo, desde travestis bíblicos, passando por tudo que há no meio, até os midnight

cowboys, que geralmente não dispensam o assalto após a “operação” (ELLE, 1979; CF. ALBUQUERQUE JR & CEBALLOS, 2004).

Entre os bares mais famosos da cidade, onde era possível se perceber a emergência da prostituição masculina e onde a prática da pegação homossexual acontecia mais frequentemente nos banheiros, o “Nova Portuguesa”, localizado na Avenida Dantas Barreto; o antigo “Bar Savoy” e “O Botiginha”, ambos na Avenida Guararapes, exemplificam a expansão territorial da comunidade gay. Em alguns lugares, como por exemplo, o conhecido “beco do mijo”¹⁵, localizado na Rua Siqueira Campos e até hoje reconhecido como espaço gay, os prazeres às vezes chegavam as “via de fato”. Neste sentido pode-se entender a ocorrência de práticas sexuais que incluíam sexo oral e sexo anal entre homens. As batidas policiais apesar de frequentes, não eram suficientes para banir ou mesmo afugentar os frequentadores noturnos.

O período de maior expansão entre os empreendimentos comerciais voltados ao público gay é marcado pelo surgimento da Thermas Recife, primeira sauna da cidade, localizada na Avenida Mário Melo, bem como pela inauguração da Misty, primeira boate a empregar o conceito GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Voltada à classe média alta, a boate rompeu conceitos e padrões sociais da época, abrindo espaço às relações de gênero mais igualitárias, onde a azaração e sexo sem compromisso não se restringia mais ao mundo masculino. As mulheres agora levantavam as bandeiras da liberdade sexual e econômica, partindo para cima de seus objetos de desejo, e assumindo definitivamente a iniciativa quanto a paquera e o assédio. Neste sentido, um bom exemplo de como o social tende a encontrar formas de ajustar novos conceitos, redimensionando e reformulando seus significados de acordo com as exigências de uma determinada época, relaciona-se a meu ver, ao fato do conceito “azaração” ter se

¹⁵ Beco do mijo: Trecho da Rua Siqueira Campos, localizado por trás do prédio da atual Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, conhecido nos anos oitenta como maior ponto de pegação para homossexuais mais velhos. Ainda hoje, o espaço se mantém consolidado como território gay, frequentado também pelos boys de programa que costumam circular por trás do prédio dos correios e a “roda” – antigo sebo da cidade, onde se pode encontrar raras publicações literárias.

transformado numa tendência, que foi traduzida entre os jovens do novo século em “ficar”¹⁶.

Essa necessidade de mudanças e flexibilidades nas condutas e comportamentos da sociedade, que marcaram as duas últimas décadas do século XX, foi determinante para a consolidação de um comércio específico, destinado a um público multifacetado em estilos e ávido por novidades. A comunidade gay, de certa forma, estabeleceu regras de funcionamento para o mercado, impondo características vinculadas a uma ideologia acromática quanto à nuances e formas de vida que se pautam numa irreverência e numa fluidez comportamental capaz de provocar um redimensionamento geográfico constante e ininterrupto no centro da cidade. Talvez, pautada na compreensão dessa nova tendência mercadológica, a “Misty”, no início da década de noventa, tenha se tornado ícone gay, que atravessa gerações adotando um processo de metamorfose identificado com seu público. Assim, as mudanças constantes na decoração e estruturação interna, incluindo a relocação dos bares, sala vip, localização das “pick-ups”¹⁷ e áreas de socialização, bem como a criação de novos subespaços, davam ao estabelecimento comercial um ar camaleônico capaz de seduzir e atrair públicos das mais distintas camadas sociais. Essa característica também se evidenciava ao público através das mudanças constantes nas tonalidades de cores das paredes externas e fachadas da boate, que mostrou flexibilidade também na construção e definição de sua própria identidade. A casa mudou de conceito e nome várias vezes, sendo chamada de “Doctor Freud”, “Alcatraz”, até finalmente se estabelecer como “Metrópole” em meados dos anos 2000, demarcando definitivamente a ideologia da livre expressão sexual simbolizada na bandeira do arco-íris hasteada na entrada.

Na contramão de uma identidade homossexual burguesa, o “Mangueirão”, boate menos glamourizada, também localizada no centro, a Rua Bernardo Guimarães, era reconhecida como espaço gay alternativo. Frequentada, na mesma época, por estudantes, membros dos movimentos estudantis e políticos de esquerda, bem como

¹⁶ Ficar: entre os adolescentes e jovens, o termo corresponde as relações rápidas, sem compromisso ou envolvimento afetivos e emocionais. Neste sentido, “ficar” diferencia-se do termo namorar, por designar encontros passageiros, onde normalmente, não envolvem relações sexuais.

¹⁷ Pick-up: mesa de som eletrônico, comandadas normalmente por DJ profissionais, comuns em festas noturnas e boates.

pela classe artística e mais uma grande variedade de gays. Estes, vindos em sua maioria dos bairros populares e municípios circunvizinhos, eram conhecidos pejorativamente como “bichinhas suburbanas”. O Mangueirão acolhia a um público mais receptivo e “cabeça”¹⁸ ao passo que representava a própria irreverência, personificada nas “bichas efeminadas”, boys de programas e travestis que participavam de concursos no estilo Miss Gay, ou ainda de performances artísticas que envolviam coreografias, declamações de poesias e dublagens. O local servia também como esquadro para um estilo de arte marginal, onde o teatro encontrava espaço para experimentar um estilo de linguagem menos erudito, explicitando a cultura sexual popular através de personagens comuns do mundo gay, envolvidos em situações corriqueiras onde o erotismo e o sexual se misturavam com o simples propósito de fazer rir. Alguns espetáculos satíricos do circuito oficial e profissional do teatro pernambucano, tais como, “A Louca dos Jardins” e “A Assembléia das Deusas”, chegaram mesmo a cumprir temporadas, em horários alternativos que se davam após a meia-noite. Porém, talvez a grande contribuição deixada pelo Mangueirão, que encerrou as atividades no final dos anos noventa, tenha sido a possibilidade das mais variadas formas de expressão sexual, como também a confirmação e reafirmação da multiplicidade de categorias identitárias da comunidade gay. Neste sentido, as duas casas – a Misty e o Mangueirão - principais opções da época aos homossexuais, contribuíram de forma decisiva, cada uma a seu modo, estilo e ideologia, para o estabelecimento definitivo de uma identidade própria dos gays recifenses.

Posteriormente surgiram outras boates e casas noturnas, tais como a “Dyaguilaif”¹⁹, na Rua das Ninfas; o “Bela Bar Tok”, na Rua do Progresso; o “Comida Caseira”, que funcionava como restaurante durante o dia e a noite se transformava em boate, localizado a Rua José de Alencar; o “Taberna Gaúcha”, na Avenida Mário Melo; e o “Etc & Tal”, na Avenida Dantas Barreto. Estes empreendimentos, apesar do pouco tempo de existência, parecem ter despertado a atenção do empresariado local para a necessidade de um maior investimento no quesito entretenimento e diversão gay na cidade.

¹⁸ Cabeça: no sentido popular, o termo denota pessoas bem resolvidas que respeitam a diversidade sexual. Entre os homossexuais, funciona como correlato ao adjetivo entendido.

¹⁹ Dyaguilaif: expressão abrigada, muito utilizada entre os gays na década de oitenta.

O “Bar do Karalho”, ou simplesmente “Bar do K...”, na Rua José de Alencar, marcou época por ter sido o primeiro estabelecimento comercial a tornar público os encontros e relações homoafetivas, que eram explicitados através de beijos, abraços e carícias entre os casais gays que se aglomeravam na rua sem o menor “pudor ou censura”. Outros tantos ocupavam o dancing, colados em duplas ou grupos, em coreografias que aquecidas ao ritmo das “lambadas”²⁰ lembravam sarros frenéticos ou simulações de surubas. Quando soltos, o ritmo da “disco-music”²¹ possibilitava as mais estranhas e divertidas performances gays que, muitas vezes, se estendiam até a rua. Devido à algazarra generalizada e à livre expressão homoerótica, o bar foi alvo de várias denúncias policiais e ações de justiça, em atendimento aos moradores do bairro que reclamavam da “pouca vergonha” dos frequentadores e reivindicavam a manutenção da moral e dos bons costumes locais. Dos edifícios, localizados em frente ao bar, eram jogados ovos, tomates e água nos homossexuais que resistiam à perseguição e à repressão sexual de forma pacífica e determinada.

Na época, a Rua José de Alencar já figurava como território homossexual de maior expressão da cidade, uma vez que além do “Bar do K...”, foram inaugurados os bares “Porção Mágica” e o “Aritana”, que juntos ao “Mustang”, formavam uma espécie de oásis gay. Esse processo de territorialização definida e bem demarcada, coincide exatamente com a entrada das “Dragg Queens” no cenário cultural de Recife. Exuberantes e engraçadas, as “Draggs” divulgavam pelas ruas os últimos acontecimentos sociais da comunidade. Assim, festas, inaugurações de casas de shows, boates, saunas, vídeolocadoras e sex-shops eram anunciadas de forma divertida e “inconsequente” entre a multidão.

²⁰ Lambada: ritmo caribenho, muito comum nos anos oitenta, que se dançava agarrado, em duplas ou grupos de pessoas que desenvolviam coreografias sincronizadas e que mais parecia uma espécie de forró acelerado.

²¹ Disco-music: estilo musical comum no final dos anos setenta e início dos anos oitenta, que invadiu as casas noturnas e boates.

1.3. Travestis e Boys de Programa: Uma Guerra Entre Paus e Bundas

Na década de oitenta, a batalha na Rua da Concórdia parecia seguir um ritual diário. As travestis chegavam sozinhas ou em duplas e se posicionavam em pontos estratégicos à espera de clientes. As roupas extravagantemente decotadas salientavam propositadamente os seios fartos e as bundas avantajadas, “bombados em Chica”²², que desfilavam seminuas ou totalmente à mostra. A maquiagem exagerada, aliada a enorme quantidade de adereços, entre pulseiras, brincos, colares, anéis e cintos, sinalizava que ali não estavam mulheres comuns. Eram mais que isto. Eram seres “mitológicos” ou “lendários”, meio homem, meio mulheres, que perpetuavam fantasias e medos nas cabeças dos homens e a indignação das mulheres de família. Eram acima de tudo, corajosas, pois além dos preconceitos e discriminações que sofriam, enfrentavam os perigos da noite como animais selvagens e astutos, onde em algumas situações se faziam presas fáceis e em outras se tornavam caçadoras implacáveis.

Neste mesmo período, o pânico das travestis tinha um motivo chamado “Aracati”, criminoso homofóbico, que durante a noite exacerbava seu instinto e saía à caça. Acho que perdi a conta de quantas travestis foram assassinadas nas ruas do bairro, dia após dia, pelo mesmo personagem assombrado. Muitas lendas e histórias eram contadas a seu respeito. Algumas o identificavam como policial que fora vítima de assalto por uma travesti que fugiu da cidade, enquanto outras, o classificavam como doente ou mesmo como justiceiro da moral. Independente de sua verdadeira identidade, o fato era que Aracati representava um perigo também para nós moradores do local, que evitávamos as ruas depois das dez horas da noite. Agindo sempre da mesma forma, atirando nas travestis de dentro de um carro em alta velocidade, ele fez dezenas de vítimas nos primeiros cinco anos da década de noventa.

As travestis, na época, também eram vítimas da polícia, que realizava batidas frequentes e muitas vezes as levavam presas nos camburões. Em outras situações, tais batidas policiais eram motivadas por motivos diversos, como estorção financeira, pois

²² Chica: nome muito conhecido entre as travestis, considerada como referência no mundo gay por ser a melhor e mais experiente “bombadeira” do Recife.

as travestis muitas vezes tinham que pagar o “pedágio” ou “proteção”, ou ainda, por mera diversão dos “alibans”²³ que botavam “viados para correr”. Algumas vezes, os motivos figuravam no campo sexual, onde alguns policiais mantinham relações sexuais com as travestis, sem pagar o programa. Neste quesito, lembro-me de uma travesti, conhecida como “pentinho” (denominação dada pelas demais colegas de ofício devido a seu hábito de pentear os cabelos compridos seguidamente), ser obrigada a transar com três policiais em serviço que a acuraram dentro do carro da patrulha. Os jovens de classe média e alta também representavam perigo constante. Não eram raras as curras e perseguições, onde as travestis eram colocadas para correr sob ameaças de tiros. Em algumas situações, as ações violentas transformavam as ruas em verdadeiros campos de batalha, onde tomates, ovos podres, água, lama e até fezes e urina em sacos plásticos, eram jogados e arremessados contra as mesmas. Em uma dessas “brincadeiras violentas”, uma travesti foi algemada em um poste de iluminação por três rapazes armados. Bêbados, eles jogavam gasolina sobre a vítima e ameaçavam atear fogo em seu corpo, enquanto gritavam ofensas de caráter homofóbico.

Entre as travestis, existia um código de ética, reconhecido como “fazer justiça” ou “fazer a vez”. Desta forma, sempre após um assassinato ou situação de grande violência sofrida por uma delas, o código “botar pra fuder”, significava penalizar algum cliente. Esse fazer justiça, muitas vezes, se traduzia em assaltos, principalmente a jovens da classe média e alta, a quem denominavam de “gays enrustidos” e que incluíam políticos conhecidos, profissionais renomados ou os “filhinhos de papai”, que buscavam nas ruas as alternativas viáveis para satisfazer seus desejos sexuais, e eram, algumas vezes, expostos a escândalos ou humilhações.

A Rua da Concórdia, como já destacado anteriormente, figurava já na década de oitenta como o melhor exemplo da definição de territorialidade da prostituição em Recife. Primeiro por se configurar como um dos pontos de programas mais antigo da cidade, e segundo por possuir áreas de atuação muito bem definidas, divididas entre as prostitutas, as travestis e os boys de programa. As travestis dominavam ainda o perímetro que compreendia a Rua Tobias Barreto e toda a extensão da Rua Floriano Peixoto e redondezas da Casa da Cultura. Interessante destacar que, mesmo nos dias

²³ Aliban: dialeto da cultura africana, utilizada entre as travestis e gays brasileiros para designar policiais.

atuais, a prostituição no local segue as mesmas regras de definição de espaços e territórios.

Na Praça Joaquim Nabuco, reduto dos boys de programa, era comum ver garotos jovens sentados nas muretas e bancos dos jardins ou parados em postes iluminados. Apesar de uma frequência considerável, a prostituição de rua, envolvendo os boys de programa não era tão evidenciada e efetiva como nos dias atuais. Muitas vezes, o local servia muito mais como ponto de “pegação” para os gays que buscavam parceiros mais jovens, sem compromisso ou riscos de exposição social. Contudo, apesar da definição territorial, era comum os boys transitarem junto às travestis, e algumas vezes, chegarem mesmo a ser detidos e presos com elas. Porém, enquanto as travestis exibiam seios e bundas, fartas em silicone, reforçando a feminilidade através dos gestos e roupas, os boys de programa se valiam dos pênis endurecidos que eram evidenciados nas calças apertadas. As performances de gênero se dividiam em dois pólos antagônicos: masculino e feminino, personificados estereotipadamente nos corpos dos homens que se prostituíam numa mesma rua.

Em toda a extensão da Rua da Concórdia, todas as noites, travava-se uma verdadeira guerra entre bundas e paus, que variavam de forma e tamanhos, e que frequentemente eram exibidos e destacados como atributos mercadológicos. As ruas viviam em frenético movimento. Os clientes circulavam com as janelas dos carros abertas, e muitas vezes praticavam sexo oral nos boys de programa, com o motor ainda ligado. Era uma garantia às possibilidades de fugas emergenciais devido a chegada da polícia. Uma das passagens que pude presenciar de minha janela, diz respeito a interdição de dois policiais junto a um boy de programa que atendia a um cliente no meio da rua. Com a partida acelerada do cliente, o negro alto e forte ficou exposto a ação dos “Cosme e Damião”²⁴ que o surpreenderam ainda excitado. Os policiais começaram um jogo de intimidação e sedução junto ao rapaz, que se mostrava cada vez mais acuado na parede de uma das lojas. Com o cacetete, um dos policiais parecia “brincar” com o pau do boy, ao mesmo tempo que o ofendia chamando-o de puto. Depois de algum tempo, um dos policiais se posicionou no cruzamento das ruas para

²⁴ Cosme e Damião: denominação usada na década de oitenta pelos gays e travestis para designar os policiais, que em duplas, faziam as rondas noturnas.

verificar o movimento. O outro, por sua vez, começou a massagear o pênis do boy, que passado o susto inicial, parecia começar a gostar do jogo proposto. Olhou para o policial e perguntou: “É um boquete que você quer? Então pode fazer.” O policial ainda armado, olhou para os lados, até que por fim, baixou-se diante das pernas do boy e começou a chupá-lo. Depois de se masturbar, o primeiro policial trocou de lugar com o parceiro de patrulha que aguardava o sinal na esquina. Trocaram de posições e a cena se repetiu. Saciados, voltaram a assumir a antiga autoridade e declararam: “se a gente te ver novamente por aqui, tu vai preso, puto safado.” Assim, verifica-se que os programas efetivados tanto pelas travestis quanto pelos boys de programa eram realizados, muitas vezes, tanto nas esquinas escuras das ruas paralelas, embaixo das marquises de lojas ou dentro de automóveis de clientes. Talvez seja relevante destacar, que nessas relações, muitas vezes, o prazer encontra-se diretamente inter-relacionado as relações de poder e violência comum a estes espaços.

No que se refere aos espaços privados, onde eram possíveis a realização de programas, destaca-se a antiga “pensão da tia”²⁵, localizada na Rua Tobias Barreto, de esquina com a Rua Floriano Peixoto. A “Tia” era o “puteiro” mais antigo do centro, famoso pelo “banho tcheco”²⁶. Por não dispor de chuveiros ou mesmo de água nas torneiras, a higiene pessoal ficava por conta de um pequeno balde com água e um rolo de papel higiênico, pelos quais o cliente pagava um valor adicional. Apesar das condições inadequadas e das reclamações constantes, a “tia” tinha freguesia certa e garantida. A pensão era frequentada também por muitas prostitutas que entravam acompanhadas de seus clientes. Os boys de programa, por sua vez, entravam separados, depois dos clientes. Uma vez dentro do espaço, aguardavam recuados próximos às paredes de entrada ou em pontos de maior penumbra para evitar que fossem reconhecidos, enquanto aguardavam o acerto financeiro entre o cliente e a proprietária.

²⁵ Tia: prostituta antiga que mantinha uma pensão na Rua Tobias Barreto, onde tanto as travestis, boys de programa e prostitutas realizavam seus programas. Até o final dos anos setenta, a pensão da tia era o único espaço que permitia a entrada de homossexuais. Nos anos posteriores o termo “pensão da tia” tornou-se sinônimo para espaços precários, sem adequadas condições de higiene.

²⁶ Banho Tcheco: higiene corporal, incluindo os órgãos genitais, que se dava com a pessoa acocorada, ou de joelhos próxima a uma bacia com água. O termo tcheco, neste sentido, refere-se ao barulho produzido através dos movimentos frenéticos das mãos ao jogar água no corpo.

Otras alternativas, tanto para a efetivação dos programas, quanto para a realização de encontros homoafetivos e/ou homoeróticos, eram os antigos “Motel D’ouro” e o “Hotel Cruzado”, que ofereciam pernoite e apresentavam melhores serviços e condições de higiene. Fora estes, o antigo “Hotel 69”, também localizado na Rua da Palma e “O Pérola”, na Rua das Flores, que em condições de limpeza e em qualidade de serviços se assemelhavam a pensão da Tia.

1.4. Homens à Venda em Todos os Cantos e Recantos do Recife

Quinta-feira, 19 de setembro de 2007, 23:30

Início minha peregrinação pelas ruas do Recife, com o objetivo de mapear os principais pontos atuais de prostituição masculina da cidade. Entrando pela Rua João Fernandes Vieira, chego à Avenida Oliveira Lima. Na Praça em frente à Matriz da Soledade, dois garotos se posicionam paralelos ao carro. O mais alto é magro, de pele e cabelos escuros. Trajando short estilo surfista e camiseta regata, toma a iniciativa e sem muita sensualidade simula um “strip-tease”. Ele exhibe o abdômen e ligeiramente acaricia o pênis que se mostra ereto. O segundo, mantém-se afastado, e em seguida, dirige o olhar para um outro veículo que se aproxima pela Rua da Soledade. São boys de programa, advindos dos subúrbios da cidade, que freqüentam as ruas do centro e desenvolvem atividades sexuais de caráter comercial com clientes homens.

O sinal abre e sigo em frente pela Rua do Riachuelo até chegar a uma boate localizada na bifurcação com a Rua Corredor do Bispo Ayres, em frente à Praça Manoel de Oliveira Lima. Uma multidão fervilha na noite ao som de músicas bregas²⁷ que vêm de automóveis estacionados próximo ao local. É a noite acontecendo no bairro da Boa Vista. A multidão se mostra indiferente a minha presença. Gays e lésbicas se misturam aos boys de programa e travestis que batalham no local e se movimentam num ritmo frenético que parece acompanhar a mistura de sons que invadem o espaço.

Continuo minha jornada até o próximo sinal de trânsito, no cruzamento da Rua Gervásio Pires com a Rua do Riachuelo. Quatro garotos e uma travesti se posicionam

²⁷ Brega: Estilo musical característico da Região Norte/Nordeste.

encostados no muro de uma clínica médica. Todos olham para o veículo e se apressam em movimentos ritualísticos onde o corpo se torna produto principal a ser ofertado. As indumentárias favorecem a demonstração de pênis e bundas, deixando exposto não o corpo por inteiro, mas apenas o que pode se comprado. O fluxo de automóveis aumenta, dois garotos se dirigem a um veículo que sinaliza e pára afastado, no outro lado da rua. Sigo pela Gervásio Pires e paro novamente no cruzamento com a Avenida Conde da Boa Vista, onde outros boys esperam sentados num fiteiro. São morenos ou morenos claros, magros, estatura mediana e sem grandes atrativos físicos. Do outro lado, três deles atendem aos “chamados” de clientes que estacionam em trechos mais escuros. Um deles entra no carro enquanto os outros dois voltam à esquina para aguardar novos clientes.

Pela Rua Manoel Borba, chego a uma segunda boate. A clientela se mostra diferenciada quanto a fatores relativos a classe social e aspectos físicos. Na fila de espera, alguns boys de programa se misturam ao público. São altos, fortes, malhados, em sua maioria de pele clara, cabelos curtos e exibem tatuagens nos braços musculosos. A indumentária utilizada por estes revela diferenças de status social e performances em relação aos boys de rua. Calças jeans ajustadas ao corpo, camisetas, tênis ultramodernos e às vezes bonés, deixam evidente a diferenciação relativa também aos valores estabelecidos para os programas. Em frente, virando à direita, pela Rua Dom Bosco, chega-se ao início da Avenida Conde da Boa Vista onde mais alguns boys de programa se posicionam nos abrigos de ônibus ou embaixo de árvores. Num posto de gasolina, no cruzamento com a Rua Gonçalves Maia, pessoas se encontram para conversas, paqueras e pequenos lanches antes de enfrentar a noite na boate. Mais boys de programa circulam pelo local, desta vez, acompanhando clientes antigos. No próximo cruzamento, desta vez com a Rua da Soledade, outros boys de programa marcam espaço próximo ao Cinemix.

Sigo novamente pela Rua Gervásio Pires, dessa vez em direção ao Cais José Mariano. No trecho entre Ponte 1º de Março e Ponte da Boa Vista, conhecido como “quem-me-quer”, onde os boys de programa exibem os pênis para os motoristas que passam lentamente em seus veículos. Algumas vezes os programas são realizados no local, embaixo das árvores ou por trás do banheiro público. Mais a frente, já no início da

Rua da Aurora, encontro mais alguns boys caminhando pela beira rio ou em paradas de ônibus.

Agora, pela Av. Mário Melo, observo travestis em atendimento a clientes, dentro e fora dos carros. A movimentação se estende até a Rua do Hospício por onde sigo, mais uma vez, em direção à Avenida Conde da Boa Vista. Passando pela Ponte Duarte Coelho, que corta o Rio Capibaribe em sentido a Rua do Sol, dirijo rumo a Casa da Cultura, onde mais algumas travestis circulam demarcando um dos territórios mais antigos da prostituição masculina homossexual do Recife.

Sexta-feira, 20 de setembro de 2007, 00:30

Entro na boate da Avenida Manoel Borba. A música invade o local e uma multidão de pessoas dança freneticamente. Boys de programa exibem o corpo no dancing através de performances que objetivam valorizar a musculatura corporal. Alguns se exibem diante do espelho em coreografias narcísicas, enquanto são observados e muitas vezes desejados. As luzes se apagam por alguns segundos, e como mágica, dois gogo-boys aparecem nas “gaiolas”²⁸. Dançam em ritmo erotizado enquanto se desvencilham das roupas e adereços. Em alguns momentos estimulam a participação do público, permitindo breves contatos e toques corporais. Após o show passam a circular pelos vários ambientes e negociam os programas, normalmente realizados em motéis ou em domicílios do cliente ou do boy.

Por sua vez, outros boys de programa mostram-se acompanhados por clientes certos, o que não os impede de realizar contatos através de toques, roçadas ou olhares com clientes em potenciais. Também se verifica a presença dos boys de companhia, ao lado de travestis, muitas vezes, simulando e/ou protagonizando cenas de caráter afetivo.

Com o fechamento do dark-room, num espaço reservado, localizado no pavimento superior, sob a penumbra, pode-se presenciar alguns jogos eróticos, envolvendo tanto alguns boys de programa quanto freqüentadores da casa, incluindo

²⁸ Gaiolas: Praticáveis instalados nas paredes onde os gogo-boys se apresentam.

carícias e algumas práticas sexuais. No banheiro, contudo, a pegação rola, muitas vezes de forma discreta, porém com o avançar das horas é comum se presenciar a exibição de pênis e bundas por parte dos boys e de clientes.

Sábado, 21 de setembro de 2007, 01:30

Chego à Boate da Rua do Riachuelo, que comemora os sete anos de existência. Durante os shows, as transformistas mostram a exuberância dos corpos moldados em formas femininas. Seios fartos, quadris largos e pernas bem torneadas são resultados de aplicações simultâneas de silicone. Re-encontro Márcia, uma de minhas informantes. Ela diz que vai se apresentar no domingo durante o show das “caricatas”²⁹. Vale destacar que as apresentações da casa são programadas por subcategorias: sextas-feiras para travestis, sábados para transformistas e domingos para caricatas.

Márcia reclama porque não falei com ela antes. Digo que não a havia visto, ao que ele retruca: - Tá boa? Digo que não quis incomodá-la uma vez que estava acompanhada de um rapaz. Ela diz: - É mona! Estou batalhando, mas não rolou. Pede uma cerveja e diz: - Tenho uma novidade. Pega meu dedo e enfia por dentro de sua calça. Digo que não entendi. Ela repete o gesto e coloca meu dedo em sua “vagina”. – “Sou mulher agora”. Conta que fez a cirurgia (acho que mais ou menos há dois meses – o barulho não me permite escutar direito) – “Sabia não?” Digo que não e aproveito para perguntar se era o que ela realmente queria. Resposta: - “Era. Mas agora não sei mais. Não dá para levar (com gestos mostra o tamanho do pênis). Só dá pequeno. Eu gosto de rola grande. Se fosse para continuar dando o cu não precisava fazer buceta”. Convida-me para o show no domingo e diz que vai me apresentar ao marido.

No palco alguns strippers aparecem e repetem as coreografias de sempre. Tiram as roupas e exibem as bundas. No final da apresentação começam a circular pelos ambientes e iniciam suas abordagens. Muitas vezes os acordos se restringem a acompanhar os clientes em troca de cerveja e/ou cigarros.

²⁹ Caricatas: espécie de transformista ultra-exagerado e estereotipado que emprega o tom satírico as performances.

Sexta-feira, 19 de outubro de 2007, 23:30

Pela Avenida Agamenon Magalhães, rumo em sentido à Boa Viagem. Sigo em frente pela Avenida Engenheiro Domingos Ferreira, onde as travestis fazem ponto. Diferente das do centro da cidade, se apresentam mais arrumadas, bem vestidas em saias curtas e justas e blusas ligadas ao corpo que evidenciam os seios. Voltando pela Avenida Bernardo Vieira de Melo, entro na “curva do S” e chego a Avenida Beira Mar de Piedade em sentido Boa Viagem. Nas proximidades do Hospital da Aeronáutica, alguns boys de programa caminham pela orla. Alguns parados, outros sentados em bancos, muitas vezes, passam despercebidos devido a indumentária semelhante aos moradores do bairro. Eles se levantam com a aproximação do carro. Como os boys do centro, levam a mão até o pênis em sinal indicativo. São mais altos, corpos atléticos, cabelos curtos, de pele clara e comportamento discreto. Se assemelham aos boys que frequentam a boate da Avenida Manoel Borba, no centro de Recife. Alguns veículos param. Eles se aproximam das janelas, conversam com os clientes e entram.

Entrando na Avenida Beira Mar de Boa Viagem, a partir da Rua Baltazar Passos, até a Praça de Boa Viagem, o fluxo de boys de programa é maior e mais visível. Muitos concentram-se em grupos, próximo aos equipamentos de ginástica da orla e alguns fazem ponto nos abrigos das paradas de ônibus. Na praça, contudo o fluxo de prostitutas é maior, configurando a demarcação de territórios.

1.5. Estruturação e Construção das Performances de Gênero

No intuito de analisar o processo de estruturação e construção das performances de gênero, por parte dos boys de programas que atuam nas ruas do Recife, durante o desenvolvimento das práticas sexuais homossexuais de caráter comercial, percebo que o principal questionamento quanto ao processo de acomodação ou subjetivação destas performances se dá de forma muito mais “confortável” e fluida para os próprios sujeitos pesquisados, do que propriamente para os pesquisadores.

Segundo Gagnon (2006), o processo de combinação e recombinação descontínuas e contínuas de recursos culturais e psicológicos, a fim de atender as

exigências adaptativas, consiste, em parte, das maneiras pelas quais os projetos e as metas, culturalmente fornecidos às pessoas, contém as motivações do comportamento e, em parte, do papel que esses projetos têm na moldagem e na coordenação das atividades verbais e não-verbais envolvidas na conduta sexual. Assim, pensar do ponto de vista teórico, sobre como esses homens, que em Recife se autodenominam como “boys de programa” ou exclusivamente “boys”, e que atendem a uma clientela majoritariamente homossexual reorganizam as próprias idéias que fazem de suas orientações sexuais e identidades de gênero, a ponto de não estabelecer “conflitos” entre suas próprias concepções de masculinidade e a prática sexual comercial que desenvolvem, apresenta-se como tarefa por demais complexa.

Partindo do conceito gramatical, gênero serve como definição a categorias que classificam os nomes em masculino, feminino e neutro. Em uma maior amplitude de conceitos, a palavra tem seu sentido vinculado ao agrupamento de indivíduos, objetos e coisas que tenham características comuns. Biologicamente, a palavra gênero representará a reunião de espécies, porém, sob o prisma das relações sociais, o mesmo termo fará referência a modos ou estilos; enquanto que no âmbito da antropologia se relacionará com a forma pela qual se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos (FERREIRA, 2001).

Partindo deste princípio, passei a observar na literatura uma insistente contextualização do gênero enquanto resultado de uma construção social. Contudo, para Butler (2008), em algumas explicações, tal idéia sugere apenas certo determinismo de significados inscritos nos corpos anatomicamente diferenciados, passando esses, a ser compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Neste sentido, a autora destaca que:

[...] Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei, ou conjunto de leis, têm-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino (BUTLER, 2008:26)

Para Butler (2008), Simone de Beauvoir, ao afirmar que ninguém “nasce mulher”, mas “torna-se mulher”, pressupõe que o gênero é “construído”. Porém, em sua concepção, de alguma forma um agente implicado na formulação desse gênero, de

alguma maneira, assumiria ou se apropriaria do mesmo para possibilitar, em princípio, a assunção de algum outro. A autora ao refletir sobre a noção de “construção” sugerida por Beauvoir questiona até que ponto essa construção pode ser reduzida ao entendimento de uma forma de escolha, uma vez que não haveria nada em sua explicação que possa garantir que este “ser” que se torna mulher, seja necessariamente fêmea.

Se, como afirma ela, “ corpo é uma situação”, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo (BUTLER, 2008:27).

Em consonância com Butler (2008), a meu ver, a discursão relativa ao significado de “construção” abre espaço para um debate mais amplo, onde a controvérsia parece concentra-se numa polaridade filosófica convencional, sobre o que se pode entender e aceitar como livre-arbítrio e o que pode ser pensado como determinismo. Até que ponto o corpo torna-se um meio passivo, no qual se encontram inscritos os significados culturais? Bento (2003) destaca que é através das roupas que cobrem os corpos, dos gestos, bem como de uma estilística corporal e estética previa, culturalmente estabelecida como apropriada, que o gênero adquire vida social.

[...] São estes sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo, que é basicamente instável, flexível e plástico. Essas infundáveis repetições funcionam como citações e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza (BENTO, 2003).

Porém no referente as performances de gênero apresentadas pelos boys de programa de Recife, considero importante destacar o conceito de “performances” ou “noção de performatividade” de gênero, proposto por Butler (1999: 254). Neste caso, considero importante e necessário que estas, sejam compreendidas não simplesmente como um ato singular ou deliberado, mas sobre tudo, como prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produzirá o efeito que nomeia. Neste sentido, ainda

seguindo o raciocínio de Butler (1999), pressuponho que as normas regulatórias do “sexo” trabalhem de forma performativa na constituição da materialidade destes corpos.

[...] e mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER; 1999: 254).

Dentro desse contexto, Bento (2003) parece comungar com a autora, ao destacar que, se tomarmos a discussão relativa aos gêneros pautada simplesmente no sistema binário, sempre se produzirá e se reproduzirá a idéia de que o gênero apenas reflete e espelha o sexo. Assim, observo que todas as demais esferas constitutivas dos sujeitos estariam diretamente interligadas a uma determinação inicial, onde “a natureza determinaria as sexualidades e posicionaria os corpos de acordo com as supostas disposições naturais”.

No entanto, como aponta Butler (1999), quando a condição de gênero se formula como algo radicalmente independente do sexo, o gênero mesmo se torna vago e, talvez, neste momento, se tenha de pensar que o sexo sempre foi gênero e que não existe uma história anterior à própria prática cotidiana das reiteraões. Reiterar significa que é através das práticas, de uma interpretação, em ato das normas de gênero, que o gênero existe e se faz existir (BENTO, 2003).

Assim, os boy de programa de Recife parecem adotar um conjunto de relações, inscritas através dos corpos, referendadas por uma matriz pautada em instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória, que tornam-se normas reguladoras de gênero. Enquanto o boy-ativo repete sucessivamente o que “aprendeu” num processo de construção sóciocultural, imposto e/ou absorvido, de forma estereotipada, o constructo do masculino; o boy-passivo, parece se regular, também esteriotipadamente, num modelo anti-hegemônico deste mesmo constructo. Para Butler (1999; CF. BENTO, 2003), o conceito de normas de gênero parece diretamente relacionado às idealizaões que estabelecem os domínios da masculinidade e da feminilidade, apropriadas e impróprias, fundamentadas no dimorfismo ideal, bem como na complementaridade heterossexual dos corpos.

O dimorfismo, a heterossexualidade e as idealizaões serão as bases que constituirão o que Butler designou por “normas de gênero” e que

terão como finalidade estabelecer o que será intelegivelmente humano e o que não, o que se considerará “irreal” e o que não, delimitando o campo ontológico no qual se pode conferir aos corpos expressão legítima (BENTO, 2003)

Tanto a fixidez dos corpos, quanto seus contornos e movimentos enquanto constituição será plenamente material. Contudo, essa materialidade precisa ser repensada enquanto efeito do poder, nunca concebendo o gênero apenas como constructo cultural, simplesmente imposto sobre a superfície do material, seja essa, entendida como corpo ou ainda como suposto sexo. Butler (1999) sugere assim, a compreensão do sexo em sua normatividade, o que torna inviável se pensar na materialidade do corpo separadamente da materialização da norma regulatória.

[...] O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER; 1999: 255).

Para Navarro-Swain (2000), em consonância com Butler (1999), o gênero cria, portanto, o sexo e nunca o contrário.

[...] as imagens e os sentidos atribuído aos corpos não são, portanto, superfícies já existentes, sobre as quais se escastram os papéis e os valores sociais; são, ao contrário, ma invenção social, que sublinha um dado biológico cuja importância, culturalmente variável, torna-se um destino natural e indispensável para a definição do feminino (e também do masculino) (NAVARRO-SWAIN, 2000; CF. ABREU & SOIHET, 2003:218)

1.6. As Performances de Gênero no Universo Gay de Recife

Apesar de sua amplitude, nas ciências humanas, gênero enquanto conceito transcende aos limites lingüísticos e gramaticais e passa a assumir um caráter mais relacional do que meramente biológico e analítico nas relações entre homens e mulheres (SCOTT, 1991). Se em nossa sociedade as diferenças anatômicas entre os sexos ainda servem como base para estruturação das concepções de feminilidade e

masculinidade, constata-se que o corpo se torna o “locus de aprendizagem” para a definição dos modelos macho/fêmea, que ao assumir um caráter “hegemônico”, se torna socialmente aceito pelo senso comum. Dentro desta perspectiva, este mesmo corpo, torna-se ainda, vitrine pra servir de referência para o entendimento sócio-cultural do que é ser homem e ser mulher, que é reforçado pelas e nas instituições que validaram os modelos convencionais de gênero. Uma vez definidos e reconhecidos como verdade absoluta, estes modelos estantes passaram a funcionar como aparelhos ideológicos, perpetuando o preconceito materializado em esquemas de vida estáticos, repletos de comportamentos inflexíveis que insistem em separar as coisas de homem das coisas de mulher.

Ainda seguindo Scott (1989), falar de gênero é mais que pensar um lugar. É refletir a respeito de uma relação dentro de uma perspectiva unilateral, buscando entender e interpretar a atuação humana e seus papéis sociais, uma vez que ambos os universos masculino e feminino se influenciam reciprocamente. Nesse contexto, o termo gênero pode sugerir que informações relativas às mulheres são necessariamente informações também sobre os homens, e que o estudo de um implicará sobre o estudo do outro. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, e ambos são criados dentro e por esse mundo. Desta maneira, pensar sobre gênero implica pensar, sobretudo no poder, enquanto demarcador sócio-cultural, que se torna também instrumento de classificação. Assim, ao instituir saberes aos corpos, o poder cria uma rede de dominação e hierarquização que se manifestará sutilmente nas relações, não só entre sexos, mas também entre classes, raças e etnias (SCOTT, 1989). Pressuponho então, que a imagem de gênero tende a se construir, ou ainda, ser construída, de forma mais adequada às culturas para atender aos interesses e expectativas das sociedades que privilegiam uma sexualidade hegemônica pautada na heterossexualidade. Estas, tendem, muitas vezes, a desconsiderar a diversidade sexual para atribuir às identidades sexuais distantes da vida reprodutiva um caráter antinatural.

Em consonância Gayle Rubin (1984) chama a atenção para o fato de que a sexualidade humana não pode ser compreendida puramente em termos biológicos, e que apesar do corpo, cérebro, genitália e da capacidade da linguagem serem fundamentais, não determinam o conteúdo, as experiências ou as formas institucionais

da sexualidade humana. Os sentidos e significados do sexual mediados ao corpo são fornecidos pela cultura e não só exclusivamente pelo biológico. Seguindo Gagnon (2006) podemos perceber que nas preferências quanto ao gênero nas relações eróticas, as características do ator sexual e de sua conduta, são cada vez mais reconhecidas como um artefato especificamente cultural e histórico.

Por propor uma análise dentro de uma visão mais construcionista da sexualidade, é que optarei por utilizar a teoria dos roteiros sexuais, proposta por William Simon e John H. Gagnon (2006). Primeiro por acreditar na necessidade de focar uma perspectiva mais ampla, não biológica, aos estudos relativos à sexualidade humana, e segundo, por considerar a aprendizagem cognitiva e social como fatores fundamentais para o processo de estruturação, e compreensão de nossa parte, do comportamento sexual dos homens que protagonizam o fenômeno da prostituição em Recife. Ao analisar as mudanças nas atitudes sociais para com a sexualidade, bem como, nas posturas, condutas e concepções relativas a compreensão da diversidade sexual, tanto por parte da ciência quanto por parte da sociedade em geral, Gagnon (2006) destaca que somos produtos individuais das mudanças culturais que procuramos compreender, e os próprios recursos culturais que utilizamos resultam desse processo de mudança cultural. Assim, tanto os símbolos, como a linguagem e os estilos de apreensão configuram-se como recursos disponíveis a que podemos recorrer para codificar, identificar e reorganizar nossas concepções relativas a um novo objeto.

Seguindo seu raciocínio e objetivando facilitar o processo de compreensão relativo às denominações, intitulações e classificações identitárias, que se apresentam por demais complexas em variedade e significados no mundo homossexual recifense, onde a prostituição masculina está inserida, passo a me referir aos garotos de programa como “boys de programa”. Tal justificativa se baseia em dois argumentos práticos: primeiro pelo processo de autodenominação e auto-reconhecimento dos próprios sujeitos pesquisados, e segundo, pelo fato da classificação “boy” estar comumente relacionada na comunidade homossexual à identificação dos gays “ativos” - homens que apresentam performances comportamentais mais próximas do gênero masculino; ou ainda, para nomear os homens que desenvolvem práticas sexuais com homens, sem, contudo, haver necessariamente conotação comercial (RIOS, 2004).

Assim, termos como “boys” e “bofes” (sendo o último menos comum nos dias atuais) são usados para denominar os gays com aspectos e caracteres comportamentais que pressupõe uma performance sexual ativa durante as relações sexuais e se aproximam ao correspondente, no imaginário gay, do “homem de verdade” ou homem heterossexual (GREEN, 2000). Em contrapartida, termos como “bicha”, “a passiva” e seus correlatos “mulher” e “a senhora”, são constantemente utilizados para adjetivar e conseqüentemente classificar os “gays passivos” – homens que se encontram identificados com performances comportamentais atribuídas ao gênero feminino. Neste sentido Bento (2003) sugere que, como outras, tais enunciações representam citações originárias de um “sistema mais amplo de operações de recorte e cola”:

Segundo Derrida (1991), um enunciado performativo não poderia ser bem sucedido se sua formulação não citasse um enunciado “codificado” ou repetível. Embora a intenção do ato não desapareça, ele não comandará todo o sistema e toda a cena da enunciação, uma vez que essa cena encontra-se “amarrada” a uma série de enunciados vinculantes que lhe confere sentido (BENTO,2003).

Apesar de se verificar certa adoção de posturas comportamentais, incluindo-se atitudes verbais e não verbais, onde questões entendidas como orientação e preferências sexuais parecem se basear no modelo cultural heterossexista, e onde os aspectos relativos à masculinidade/feminilidade e atividade/passividade parecem explicitados como forma de reafirmação e conformação das identidades dos sujeitos, tenho observado que, muitas vezes, os próprios homossexuais adotam tais recursos, ainda que de forma inconsciente, como reflexo de uma cultura especificamente gay. Uma cultura própria que parece definir a forma de vida, os comportamentos, as indumentárias, os estilos, os gostos, traduzidas nas performances de gênero (BUTLER, 2008), bem como nos roteiros sexuais de seus integrantes (GAGNON, 2006). Tal cultura parece ainda, muitas vezes, se mostrar muito mais rígida por si, ou em si mesma, estabelecida em parâmetros hierárquicos do modelo macho/fêmea.

Nesta concepção de comunidade própria ou apropriada, “o ser gay” se difere do “estar gay”, onde para ser reconhecido e aceito é necessário “ser diferente”, engajado, libertário e contrário às regras e padrões sociais que se mostram fossilizados por uma cultura machista. Para seus integrantes, o ser gay, representa de fato uma conduta de

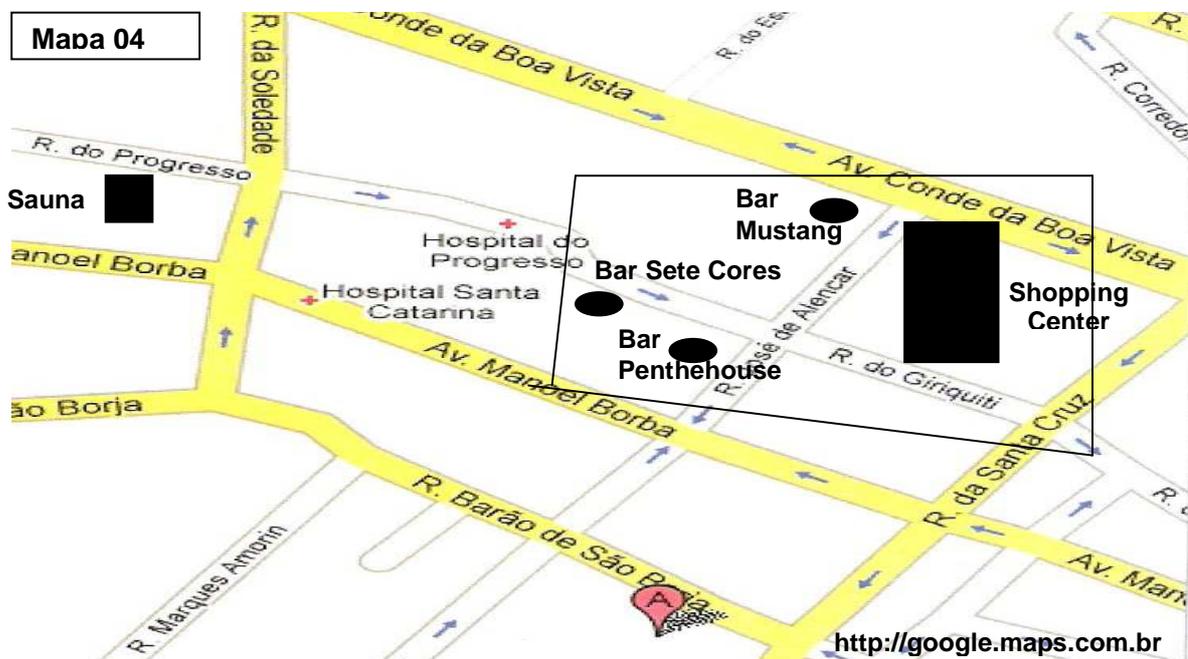
vida que se fundamenta no questionamento de paradigmas sociais relacionados a uma sexualidade rotulada e dividida, onde heterossexualidade e homossexualidade se apresentam de formas antagônicas.

O ser gay está diretamente ligado ao fato de sentir-se gay, num processo de assunção identitário e não apenas de identificação com o ideário gay. Porém, na busca por uma identidade própria, apoiada nos fundamentos ideológicos divulgados pelo movimento homossexual moderno, verifico que em Recife, tais reivindicações parecem se manter, muito mais, no âmbito discursivo do que no das performances de gênero, ou ainda, das práticas sexuais, uma vez que a comunidade gay parece retornar ao modelo tradicional, pautado no falocentrismo e na heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2008), para se dividirem em subcategorias de “bichas passivas” e “bichas ativas”. Neste processo de sectarização parece também perpetuado uma espécie de endo-homofobia, que se configura como discriminação voltada à própria comunidade, e onde, se estigmatiza uma determinada categoria em detrimento da suposta superioridade de outra (GOFFMAN, 1998).

Confirma-se então o modelo macho/bicha, destacado por Peter Fry (1982) como modelo de relacionamento sexual intermasculino clássico no Brasil, onde os parceiros se classificam e são classificados de acordo com a posição assumida durante o coito (PERLONGHER, 1987). Em contrapartida, nos espaços de socialização gay da cidade, principalmente no território homossexual de maior expressão da cidade - “centro de encontro dos entendidos” - denominação adotada por mim para referenciar o espaço localizado entre a Rua José de Alencar e a Rua do Giriquiti, torna-se possível observar uma confluência de categorias, diferentes em estilos, status social, ideologias, identidades sexuais e relações de gênero. São as tribos noturnas do Recife que se aglomeram todas as noites a partir das dezessete horas, com maior intensidade nas quintas e sextas-feiras, e com menor fluxo aos sábados, no espaço que circunda o Shopping Boa Vista e os bares “Mustang”, “Penthouse” e “Sete Cores”. Neste território, os “darks”, “emos”, “jovens travestis”, “gays”, “boys”, “mariconas”, “lésbicas” e “jovens heterossexuais” se misturam em conversas e encontros, onde a livre expressão sexual parece garantida. É neste espaço, especificamente, que a socialização gay

recifense acontece de fato, e onde os papéis e performances de gênero não seguem modelos rígidos.

Dentro deste cenário caoticamente organizado e redesenhado não é rara a constatação de encontros que possibilitam as mais diversificadas parcerias entre as diversas categorias sexuais. Assim, pude constatar que os contatos íntimos e eróticos, que incluem beijos, abraços e carícias, podem se dar tanto entre casais heterossexuais, quanto entre garotas heterossexuais e jovens homossexuais, lésbicas e gays, lésbicas e lésbicas, jovens travestis e gays, gays e gays, dragg queens e garotas heterossexuais, emos e emos, dark e dark, e mais uma infinidade de possibilidades, onde muitas vezes, as mãos e as bocas, bem como os sarros eloquentes não ficam limitados às relações paritárias entre duplas, mas permitem trios, quartetos ou maiores grupos de pessoas. Neste sentido, os roteiros se mostram redefinidos dentro de um contexto de fluidez e transitoriedade erótica onde as categorias mostram-se insuficientes e não adequadas enquanto instrumentos de classificação das identidades de gênero.



Ainda neste espaço, apesar do público ser predominantemente jovem, entre a faixa etária dos 16 aos 20 anos de idade, observei também uma grande frequência dos “gays de outras gerações”, normalmente categorizados por aqueles como “as tias”, “as tias velhas” ou “as mariconas”, em encontros afetivos com parceiros estáveis, em relações de paquera ou encontros fortuitos com os boys de programa que buscam um “pagante”³⁰ ou mesmo um “cliente”³¹.

Estas categorias parecem se dividir e se agrupar de acordo com as afinidades, ideologias e estilos, parecendo não haver demarcações claras quanto a territórios específicos. Assim, as mesas dos bares, os muros dos empreendimentos comerciais, as escadarias dos edifícios, bem como, as esquinas e os pontos escuros das duas ruas, servem de cenário para simples conversas ou mesmo encontros amorosos. Neste quesito, as relações se configuram no estilo “ficar”, onde o fato de estar com alguém num determinado dia ou momento não significa necessariamente compromisso ou ligação amorosa e/ou afetiva. Muitas vezes as trocas de casais se dão em momentos simultâneos, muito próximos aos verificados em boates e casas noturnas. Outro aspecto que caracteriza o local como espaço jovem é o som dançante, normalmente eletrônico ou ritmado ao estilo bate-estaca, que vem dos bares e que, muitas vezes, se mistura ao estilo brega que toca nos carros, estacionados próximos, ou que circulam constantemente pelo local. O uso de drogas também é comum, variando entre vinhos baratos, cervejas e vodca, misturados à maconha, loló, lança-perfume (ou simplesmente lança) e ao crack.

Fenômeno semelhante também é observado na “*Select*”, loja de conveniência de um posto de gasolina, localizado na Avenida Conde da Boa Vista, esquina com a Rua Gonçalves Maia, onde o fluxo de jovens gays e lésbicas se mistura as demais categorias anteriormente identificadas. Apesar da necessidade de se considerar a diferença relativa a espaços geográficos, cenários e classe social dos frequentadores, constata-se que o estabelecimento de categorias, performances de gênero e

³⁰ Pagante: termo utilizado para indicar o homossexual normalmente mais velho que paga bebidas aos boys de programa em troca de relações sexuais ou apenas companhia.

³¹ Cliente: termo comumente utilizado, também entre os jovens, para identificar o homossexual que paga pelas relações sexuais com boys de programa.

1.7. Ativos, Passivos e Flex: Relações Entre Boys de Programa e Clientes

Partindo do pressuposto que tanto a sexualidade, quanto o sexo e a identidade sexual podem ser entendidos enquanto resultados de construções sociais e históricas, propomos dentro de uma abordagem construcionista, no campo das ciências sociais, contextualizar sobre o processo de construção e estruturação das performances de gênero dos homens que se prostituem na cidade do Recife.

Segundo a lógica de Fábregas-Martínez (2002) para entendermos o que é sexual, em oposição ao que não é sexual, não se pode depender de um substrato biológico, mas especificamente do que aprendemos a entender e reconhecer como sexual nos diversos contextos sociais e culturais. Para Richard Parker (2002) o predomínio da tradição em nossa cultura impossibilita uma compreensão da natureza das interações sexuais de forma isolada da construção social do gênero. Ao adotarmos um modelo de vida sexual organizado em detrimento de uma ênfase cultural, esta passa a permear tanto as nossas práticas sexuais, como também nossas relações entre as mesmas e os papéis de gênero. Dito de outra forma percebe-se, que as distinções simbólicas que fazemos entre atividade e passividade passam a organizar no concreto nossas noções de “macho” e “fêmea”, bem como de masculinidade e feminilidade. Estas, por sua vez, intrínsecas às relações de gênero, moldam as relações de poder que passam a contribuir de forma decisiva para a definição e consolidação do modelo hierárquico macho/fêmea, que ao ser consolidado e incorporado em nossa cultura é perpassado no tempo através das gerações futuras.

Assim, observo que o modelo biomédico ao se tornar norma, se estabelece enquanto parâmetro para definição e sistematização da sexualidade sadia, com finalidade reprodutiva e, conseqüentemente, o fortalecimento da família. Os discursos médicos, psiquiátricos e religiosos perpetuaram o modelo heterossexista como única alternativa viável e aceita da expressão sexual moral, bem como única forma de manutenção do equilíbrio social. Neste contexto, tudo que contraria a norma passa a ser entendido e percebido como estranho, sobrenatural e amoral. É desta maneira, que nossa herança cultural, herdada do século vinte, tem servido até hoje para referenciar a sistematização das diferenças nos padrões de socialização de gênero entre homens e

mulheres, dos quais nossos padrões sexuais extraíram muitos de seus significados (GAGNON, 2006).

Com o sexual generalizadamente excluído da vida social, a sexualidade tornou-se vigiada e controlada através das instituições ordenadoras do Estado, e os desejos e o erotismo, bem como qualquer forma de sexualidade não reprodutiva, foram reprovados e condenados. Isto possibilitou que por muito tempo, os desviantes, “praticantes de aberrações” contra a natureza, fossem “devidamente” punidos. Dentro desse contexto, as sociedades ocidentais modernas passaram a catalogar e a valorar os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valores sexuais, sugerindo que o processo de estratificação poderia ser facilmente representado em uma pirâmide, onde:

No topo, sozinhos, estariam os heterossexuais, tipo marital, reprodutivo. Logo abaixo, situa-se a segunda categoria formada por heterossexuais, monogâmicos, formando casais, seguidos pela maioria dos heterossexuais... O sexo solitário flutua ambigualmente, enquanto que os casais homossexuais estáveis, de longa duração estão beirando a respeitabilidade, mas os frequentadores assíduos de bares e homens homossexuais promíscuos estão colocados apenas acima dos grupos que compõem a base da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas incluem atualmente os transexuais, os travestis, os fetichistas, os sadomasoquistas, os trabalhadores sexuais, como as prostitutas e modelos pornô. Abaixo de todos encontram-se aqueles cujo erotismo transgride os limites da geração (RUBIN, 1984:14).

James N. Green (2002) ao analisar a construção da homossexualidade masculina no Brasil, mas especificamente no eixo Rio-São Paulo, entre as décadas de 1920 a 1945, aponta o processo de incorporação das normas de gênero hegemônicas da época. Tais normas dividiam as atividades sexuais em parâmetros de gênero tradicionais onde:

[...] ou o indivíduo era um homem “verdadeiro”, que assumia o papel do penetrador durante o sexo, ou era o penetrado, o receptor passivo, “feminino” Em contrapartida, “Outros homens desse período reproduziram essa visão bastante difundida, mas não exclusiva, de que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo só podiam se desenvolver quando papéis rigidamente definidos de homens

masculinos ativos e homens femininos passivos fossem desempenhados (GREEN, 2002:137).

Já Parker (2002) ao analisar a cultura sexual brasileira, salienta que a experiência sexual, e a experiência homossexual em especial, tendem sempre a se dar em parâmetros limitantes, num complexo campo de poder e dominação, onde as possibilidades de transformação, bem como a liberdade de movimento experimentada por indivíduos ou grupos, e ainda, as escolhas ou opções abertas por diferentes sistemas culturais são simultaneamente formadas e moldadas pelas relações de poder.

Para desenvolver uma compreensão da experiência homossexual masculina no Brasil, deve-se perceber que o próprio conceito de homossexualidade como categoria sexual distinta, é, na verdade, uma evolução relativamente recente. Embora idéias novas (e em rápida mudança) relacionadas com o comportamento homossexual e também com a identidade gay tenham começado a surgir na cultura brasileira nos últimos anos, elas tem sido, em grande parte, produto de uma dialética cultural complexa e contínua, em que as tradições da sociedade brasileira tiveram necessariamente que se defrontar e interagir com um conjunto mais amplo de símbolos culturais e significados sexuais em um sistema mundial cada vez mais globalizado (PARKER, 2002:53).

Seguindo sua lógica, verifica-se que o sistema tradicional de significados sexuais não se encontra totalmente livre de influências, uma vez que, ao contrário, mostra-se embasado através de:

[...] um conjunto mais amplo de significados e práticas que em todo o mundo latino passou a ser conhecido genericamente como machismo, e no Brasil, pelo menos, pode estar ainda enraizado no complexo sistema cultural e social que foi gradualmente formado em torno de um modo concreto de produção – a economia rural de ‘plantation’ que dominou a vida brasileira durante quase quatro séculos e que só, muito recentemente deu lugar (ainda que parcialmente) a rápida urbanização e industrialização dos últimos cinquenta anos. Apesar das rápidas mudanças que ocorreram recentemente na organização da sociedade brasileira, principalmente nas áreas urbanas desenvolvidas, a herança deste sistema tradicional ainda exerce uma profunda influência no fluxo da vida diária, constituindo uma espécie de gramática cultural que continua a organizar importantes aspectos da experiência mesmo em grupos que, de outra forma, pareciam mais afastados do passado (PARKER, 2002:54).

No sistema cultural tradicional brasileiro, o corpo e a dimensão do seu desempenho sexual tornaram-se a base referencial da construção, e muitas vezes, da reconstrução de gênero, respaldando as estruturações básicas da organização sexual. Este modelo de vida sexual, ao enfatizar a cultura, se mostra estendido não apenas as práticas sexuais, mas também ao estabelecimento de distinções entre atividade masculina e passividade feminina, respaldando e organizando a realidade sexual dos sujeitos. Pressuponho então que, com base nessas categorias, o universo sexual será estabelecido numa rígida hierarquia, distinguindo atividade e passividade sexual e ainda correlacionando-as a categorias de machos e fêmeas, para por fim, estabelecer as relações de poder e os papéis de gênero. Neste ponto, essa mesma estruturação simbólica parece, muitas vezes, respaldar, e em muitos aspectos, funcionar também como modelo de organização para as interações sexuais e relacionais entre pessoas do mesmo sexo em nossa cultura.

Nos termos deste modelo, o fundamental talvez seja menos o sexo biológico compartilhado dos participantes do que os papéis sexuais sociais que eles assumem, sua atividade ou passividade como parceiros sexuais e pessoas sociais. O homem que se envolve em um relacionamento sexual com outro homem, então, não sacrifica necessariamente sua masculinidade culturalmente construída – pelo menos desde que ele desempenhe um papel masculino culturalmente percebido como ativo durante o ato sexual e se comporte como homem na sociedade. O homem que adota uma atitude passiva, de fêmea, contudo, seja no ato sexual ou na interação social, quase que inevitavelmente desvaloriza sua própria masculinidade (PARKER, 2002:56).

Ao se permitir penetrar ou ainda adotar posturas e comportamentos relativos ao feminino, o homem frustraria “o ajuste, culturalmente prescrito, entre sexo biológico e gênero social”. Sacrificando “sua classificação adequada como homem, passa a ser conhecido como viado ou uma bicha, graças a sua feminilidade inadequada” (PARKER, 2002). Neste contexto, as bichas afeminadas passam a ser comparadas com os “hipermasculinizados bofes”. Estes se tornam seu oposto, e ambos estruturam-se como esteriótipos do masculino e do feminino (PERLONGHER, 1987;).

A distinção entre os papéis de ativos e passivos mostra-se mais evidente no universo da prostituição masculina, onde se demarca uma acentuada distinção entre as

travestis e os boys de programa. Para Parker (2002), essa extremada distinção entre as duas categorias tem se revelado especialmente importante para assinalar o antagonismo nos constructos sexuais dentro do mundo gay e na demarcação de territórios espaciais associados à interação de mesmo sexo. Neste sentido, o autor destaca que:

[...] um elaborado conjunto de distinções ativo/passivo tipifica assim essa subcultura e salienta sua relação com a cultura brasileira tradicional. [...] Porém na subcultura gay, as possibilidades implícitas de brincar com papéis sexuais são exploradas de maneira consciente e intensivas, onde as posições podem ser frequentemente invertidas, onde bofes e michês podem ser convencidos a “dar” e que travestis e bichas também podem “comer”. Essa inversão de distinções de categorias torna-se possível devido ao fato das mesmas serem determinadas e definidas dentro da própria subcultura homoerótica (PARKER, 2002).

No processo identitário dos homens que se prostituem em Recife, o termo “boy de programa”, aparece substantivado para classificar e definir as identidades sexuais, reconhecidas e aceitas, tanto por parte dos clientes, quanto por parte dos próprios sujeitos da pesquisa. Deste modo, a prostituição masculina, ao menos na comunidade gay de Recife, encontra-se consolidada como atividade profissional efetiva, muitas vezes, reconhecida pelos próprios “boys” como trabalho, uma vez que, tanto as regras, quanto os roteiros sexuais se mostram bem estruturados e definidos na concepção dos usuários e fornecedores dos serviços sexuais.

Gabriel, 19 anos, branco, boy de programa que há três anos frequenta os espaços privados de prostituição dos subúrbios recifense, destaca que para ele, a prostituição tem se configurado como forma de “ganhar dinheiro” ou ainda como simples relação de troca.

É uma forma de ganhar dinheiro, assim... Mas é bem dizer trabalho, né? Porque é assim: não tem a prostituta? Ela não trabalha pra ganhar dinheiro? Então é a mesma coisa. É trabalho. [...] Não. Vender, não. Ah, meu Deus do céu. (pausa longa) É, sei lá. Acho que é vender mesmo, né? É uma forma de trocar. A gente dá o prazer e ganha o dinheiro. Que coisa louca (GABRIEL, 19 ANOS, BRANCO).

Apesar de considerar a análise de similaridade desenvolvida por ele, verifico que os discursos relativos ao gênero, bem como os roteiros sexuais, enquanto significantes construídos culturalmente perpetuam a idéia da prostituição enquanto prática exclusiva às mulheres. Quando questionado sobre sua concepção de prostituição, bem como, se o mesmo se reconhece enquanto prostituto, Gabriel, enfatiza sua dúvida quanto à diferença conceitual entre as duas modalidades de prostituição:

Não. É só pra ganhar dinheiro. Me considero boy de programa, que se vende pra ganhar dinheiro (risos). Prostituta? É diferente porque ela é mulher, somente. Prostituta, meu Deus, eu sei lá. Acho que é só a palavra, porque é a mesma coisa. Sei lá, tá fazendo programa, tá se vendendo, é a mesma coisa, né? (GABRIEL, 19 ANOS, BRANCO).

Considero importante destacar que muitas vezes, tanto para alguns gays, quanto para os boys de programa, os valores monetários envolvidos no pagamento de bebidas, lanches, presentes ou acesso, não se traduz como pagamento e sim como simples troca. Neste sentido, as relações sexuais decorrentes destes encontros não se configuram, para ambos, como prática comercial. Neste aspecto, a prostituição passa a assumir um caráter comercial institucionalizado, onde o termo “michê”, antes largamente utilizado pelos clientes para denominar o pagamento dos programas, hoje é substituído pela expressão “pagar um boy”.

Desta forma me restringirei a analisar a prostituição masculina a partir da ótica dos boys de programa que fazem da remuneração financeira a principal justificativa para a efetivação da prática sexual e lançam mão de adjetivos complementares para identificar suas áreas de atuação e dividirem-se em novas subcategorias como “boy de rua”, “boy de sauna” e “boy de boate”. Partindo dessas explicações ou explicitações iniciais, que julgo necessárias para uma melhor compreensão do fenômeno da prostituição masculina em Recife, observo que as performances de gênero são acomodadas de acordo com as negociações entre os boys de programa e os clientes. Neste sentido destaco à narrativa de um cliente, durante visita a uma sauna do centro. Daniel – o entendido, classe média, solteiro e profissional autônomo, relata que na sua relação com os boys de programa os roteiros sexuais precisam ser definidos e negociados previamente.

A relação é muito mecânica. Você chega (no quarto), ele pega no seu pau, começa a te beijar e depois te chupa. Fica de quatro e deixa você comer ele. Quando você mal goza, ele se limpa veste a roupa e vai embora (DANIEL – O ENTENDIDO, 42 ANOS, MORENO CLARO. DEPOIMENTO PESSOAL).

Apesar de discursivamente a maioria dos boys de programa tender, quase que de forma generalizada, a hipervalorizar suas masculinidades, verifica-se que no privado dos quartos e das relações, nem sempre as performances sexuais correspondem as imagens sexuais estereotipadas construídas socialmente. Nosso informante evidencia ainda, que em tais situações, essa predefinição de roteiros serve para estabelecer os papéis e as práticas sexuais sem grandes questionamentos intelectuais ou envolvimento afetivos e emocionais para ambas as partes envolvidas na relação.

O boy não deixa de ser homem porque está dando o cu. Ele recebe pra isso (DANIEL – O ENTENDIDO, 42 ANOS. DEPOIMENTO PESSOAL).

Como em qualquer outra forma de sexo comercial, a negociação entre boys de programa e seus clientes potenciais, representa uma delicada interação, onde não apenas o preço cobrado, mas também as práticas sexuais envolvidas precisam ser muito bem especificadas e, muitas vezes, renegociadas durante a interação. Nestas negociações, não apenas os prazeres do corpo, mas também as identidades subjetivas estarão em jogo devido aos múltiplos significados relacionados à atividade e à passividade, bem como, ao questionamento implícito relativo a identidade masculina, envolvido nas práticas desenvolvidas.

O dinheiro figura então como fator de permissividade, tanto para o boy de programa que aceita ser penetrado, quanto para o cliente que paga pela fantasia de “comer um homem de verdade”. Dentro dessa lógica, nenhum dos atores envolvidos na transação comercial estará interessado em questionar ou rever suas regras, já que foram bem definidas no momento da contratação. Em outras palavras, o cliente pagará para “comer” e o boy de programa receberá para “dar”, ou vice-versa. Contudo, mesmo nesse cenário de possibilidades transitórias, também em Recife, constata-se argumentos semelhante por parte dos boys de programa, igualmente verificado por

Perlongher (1987), em relação ao reconhecimento e a manutenção de uma identidade não homossexual.

(E tu te consideras homossexual?) Não. Me considero não. (Mas você não transa com homens?) É transo. Mas me considero uma pessoa ativa. (Mas você gosta de transar com homem?) Gosto. (Então, o que é homossexual para você?) Ai meu deus (pausa reflexiva), como é que se diz. Acho que são pessoas diferentes. Apesar de ser tudo igual perante Deus. É uma forma de pessoa diferente, assim, como é que se diz isso, Jesus? Forma diferente de se tratar, se vestir, de agir, de falar... É diferente... (GABRIEL, 19 ANOS, BRANCO).

Durante as entrevistas, pude verificar que o termo “ativo” aparece em vários depoimentos dos boys de programa como substituto de uma identidade não homossexual. Assim, o conceito ativo, que parece muito mais vinculado a performance sexual, deixa de ser categoria para se transformar, de forma consolidada, enquanto identidade sexual. Interessante também, é destacar que a definição de bissexualidade raramente é referida enquanto identidade dos boys de programa, mesmo quando os mesmos mantêm relações sexuais e afetivas com pessoas de ambos os sexos.

É, tem homossexual que nem parece, não é? Nem parece que é homossexual. Mas têm outros que é muito “pintosa”, assim, vestem roupa e tal, calcinhas... e isso...eu me excito. [...] E eu me excitei muito, pra “caramba”, mesmo. Eu já tive um caso com um travesti. Fiquei com ele quase três anos. Gostei muito dele. [...] com mulher, já passei mais ou menos... Eu tinha uns 17 anos e com 18 anos eu deixei. Resolvi só ficar. Não querer mais compromisso (GABRIEL, 19 ANOS, BRANCO).

O discurso evidencia que sua concepção de masculinidade e feminilidade encontra-se pautada no modelo biológico, que parece nortear tanto sua conduta social como seu desempenho sexual. O homossexual “que nem parece” assemelha-se ao homem heterossexual, e no discurso, é concebido como “normal”. Porém, contudo, não pode ser concebido como homem igual ao boy que é ativo. Este passa então a ser reconhecido enquanto “frango”, o que deixa claro que a compreensão e concepção das identidades para estes sujeitos abrangem uma gama de fatores e aspectos simbólicos, construídos social e culturalmente ao longo dos tempos, e que vão além do sexual.

Essas diferenças aparecem devidamente marcadas na seguinte definição quanto ao que é ser “um frango” e ser “um travesti”.

O frango na linguagem deles eu acho que é aquele que não tem peito, é normal, assim. E o travesti é aquele que tem peito, bota silicone, essas coisas [...] Tinha peitinho... Acho que tinha silicone porque a bunda era grande. Acho que era cheia de silicone. Era um frango bonito. Quer dizer, frango não, era um travesti (GABRIEL, 19 ANOS, BRANCO).

Importante ressaltar no discurso, a marcação do “outro” enquanto sujeito que possui linguagem própria e se comporta de forma diferenciada. Assim, verifica-se que a linguagem dos “frangos” os diferencia dos boys, e quando incorporada as performances, passa também a demarcar as diferenças de gênero. Para alguns boys de programa, as travestis são entendidas como homens que tentam imitar as mulheres, mas que não são mulheres de verdade. Nessa concepção, fica evidente a dificuldade em reconhecê-las enquanto sujeito do feminino, uma vez que os discursos se encontram marcados pelo substantivo masculino. O fato de contrariar a hegemonia masculina destitui as travestis do status de normal, ao contrário do “frango” que não tem peitos. Assim, por não poderem ser incluídas em nenhuma das categorias identitárias reconhecidas pelos boys, enquanto simbólico do “masculino e feminino”, as travestis passam a ser reconhecidas e nomeadas enquanto categoria a parte, isolada das demais configurações normativas, e por isso, definidas como “algo difícil de se compreender”. Ainda no discurso dos boys, essas mesmas concepções identitárias, pautadas no modelo biomédico, demarcam as subcategorizações que parecem servir como delimitadores ou definidores das próprias identidades.

O boy que só come é ativo. Tem boy que dá e come. Não sei, acho que é passivo, porque o ativo só come. (Tem boy que só dá?) Só se for homossexual, não é? (Então o boy não é homossexual?) Não. Acho que não (GABRIEL, 19 ANOS, BRANCO).

Em muitos casos, tanto os boys de rua, quanto os boys de sauna ou de boates, não se vêem, ou ainda, se reconhecem enquanto homossexuais. Fato este que contraria, muitas vezes, as solicitações e demandas dos clientes. Assim:

A atividade sexual em seu trabalho como michê parece, para muitos, funcionar como uma espécie de defesa psicológica, necessária para garantir suas relações homossexuais – realizadas em troca de dinheiro ou outros benefícios materiais – sem precisar de forma alguma colocar em questão sua experiência heterossexual e identidade masculina dentro do contexto social em que quase todas as trocas sexuais são estruturadas segundo uma rigorosa hierarquia (PARKER, 2002).

Neste sentido, uma particularidade de Recife pode ser percebida na conduta afirmatória dos clientes ao reforçarem a masculinidade do boy de programa através da adoção de gestos estereotipados e comportamentos efeminados. Tais performances de gênero passam a funcionar como roteiros pré-estabelecidos, onde o cliente parece abdicar de sua própria masculinidade para reafirmar a do outro no social. Nestes casos não são observados conflitos de gênero nas relações sociais, uma vez que essa performatividade de gênero constitui a materialidade dos corpos, que materializará as diferenças (BUTLER, 1999). Contudo, no espaço privado onde se darão as práticas sexuais, o boy de programa por sua vez, provavelmente, não passará a assumir ou adotar um comportamento afeminado incompatível com sua performance de gênero, que é masculina, mesmo quando a conduta sexual adotada, momentaneamente, se mostre contrária a sua identidade. Em tais situações, os conflitos de gênero tendem a ser mediados pelo fator econômico vinculado a atividade da prostituição. O dinheiro tornar-se então o fator de permissividade para as possibilidades de transitoriedade e flexibilidade exigida as performances sexuais durante o coito, sem com isso, interferir ou ameaçar sua própria identidade.

Em muitas situações, verifica-se que para os clientes o reconhecimento de suas identidades configura-se de forma bem mais estruturada em suas interações sociais e relações sexuais com os boys de programa, mesmo quando adotam performances incompatíveis ao masculino simbólico criado pelos boys – o boy-ativo. Tal fato é esclarecido por Sergio – o universitário. Homossexual de classe média, moreno escuro, solteiro, que nos diz que, por residir no bairro da Boa Vista há algum tempo, passou a

conhecer todos os pontos de prostituição e todos os “macetes”³² necessários para uma boa “transação”, financeira e sexual, com os boys de programa.

Sou passivo e adoro dar sempre. Mas mesmo nesses casos, são dois homens transando. Não quero que o boy me trate como mulher, pois não sou. E isso precisa ficar claro antes, durante e depois da trepada (SÉRGIO – O UNIVERSITÁRIO, 31 ANOS, MORENO ESCURO. DEPOIMENTO PESSOAL).

Seguindo a concepção relativa a “preferência de gênero” em oposição a “preferência sexual” proposta por Gagnon (2006), percebo, que dentro dessa configuração erótica o que se busca no outro não se restringe ao sexo biológico, mas exatamente ao complexo socialmente construído do que vem a ser masculinidade e feminilidade. Neste sentido, podemos entender que a atração sexual, nestes casos, encontra-se diretamente relacionada ao que se constitui como gênero. Sérgio – o universitário - detalha que busca nestas relações a certeza de “estar com um boy verdadeiro” e não apenas com um homossexual ativo.

Gosto de macho, do cheiro, da força bruta e da cara de cafajeste. Que seja carinhoso, sem ser fresco. Um homem seguro, macho mesmo. Mais macho que eu. Por isso o cara que vai me comer não pode ser delicado (SÉRGIO – O UNIVERSITÁRIO, 31 ANOS, MORENO ESCURO. DEPOIMENTO PESSOAL)

Fora das quatro paredes, clientes e boys de programa, muitas vezes conversam e se relacionam como pessoas comuns, onde as conotações sexuais são percebidas apenas através das brincadeiras ou comentários erotizados. Nestas conversas também, onde muitas vezes, particularidades relativas às dimensões geométricas dos pênis e bundas são levantadas entre os boys de programa, suas identidades permanecem intactas. Assim, também pude verificar a não existência de conflitos quando os mesmos verbalizam publicamente, tanto as práticas, quanto as preferências eróticas de determinados clientes. Mesmo evidenciando a adoção de performances sexuais não compatíveis com suas identidades sociais, para os boys de programa, muitas vezes, o

³² Macetes: na gíria popular o termo refere-se ao conhecimento relativo as características, fatores e aspectos implicados numa determinada situação. Conhecer todos os macetes representa ser sabedor de todos os meios e formas para conseguir os resultados esperados ou definidos.

fato de “comer” ou ser “comido” tornar-se indiferente, uma vez que tais atos parecem justificados pela relação comercial.

Este aspecto torna-se relevante ao se verificar a capacidade “natural” de transitarem entre os papéis de gênero, evidenciadas em conversas informais nas quais, muitas das vezes, estão incluídos os clientes. É fato comum se verificar a adoção de nomes femininos num processo de autonegação, através de derivativos dos próprios nomes, onde: João passa a ser Joana, Maurílio passa a ser Marília, e José responde por Josefa. Em outros momentos, comentários e brincadeiras tais como: “ele hoje foi mulher” ou “chegou teu marido” (algumas vezes substituída por teu macho), em referência direta a algum cliente certo ou fixo, evidencia-se a concepção do ato sexual envolvendo penetração anal como prática feminina. Porém, apesar das formulações e concepções valorativas relativas a masculinidade e da depreciação da feminilidade enquanto performances de gênero comuns à atividade exercida, os boys de programa em sua maioria, não negam a existência de uma relação de prazer, ou mesmo do desejo, vinculados ao ato sexual com alguns clientes, independentemente das negociações previamente estabelecidas e das categorias de identidade.

Em outras situações tais negociações não se fazem de maneira tão simplista, verificando-se conflitos por parte do boy de programa. Em uma negociação, onde o cliente deseja posicionar-se de forma ativa e o boy não aceita ser passivo, a insistência e/ou determinação do cliente, algumas vezes, faz aflorar no boy de programa o sentimento de ofensa a sua masculinidade. Existe uma quebra no contrato e o conflito surge em decorrência da alteração dos roteiros sexuais previamente estabelecidos ou esquematizados. Um exemplo bastante ilustrativo ocorreu em uma sauna da cidade. Depois de fracassada a negociação com um cliente, um boy de programa argumenta para o outro: “Que besteira tua em não dá esse rabo. Depois tu morre e vai levar pra quem? Pra São Pedro?”.

Pedro – o comedor, 25 anos, atua como boy de programa tanto nas ruas da cidade quanto em saunas. Segundo o relato de clientes, o rapaz é conhecido como o “maior pau” e “desejo de todo gay passivo de coragem”. Sua performance, ainda segundo relatos, é exclusivamente como ativo, o que colabora para sua fama de “comedor de frango”. Dentro de sua lógica, o ativo liberal “permite” flexibilizar algumas

condutas, como beijar, alisar, lambar o corpo e pegar no pau do cliente, mas não “rola” penetração anal e nem sexo oral por sua parte.

Assim, pude verificar que na interação entre homens que se prostituem com clientes homossexuais, as relações de gênero se encontram baseadas também em relações de poder, onde a dominação e a subjugação da masculinidade, de um e de outro, está constantemente em jogo. Como nos diz Sérgio, é preciso conhecer os “macetes” para efetivar uma adequada “transação” junto com os boys de programa.

(Numa relação quem define quem come e quem dá?) Eles mesmos, que eles já dizem. Porque eles já sabem. Antes da relação se diz logo ao homossexual: Eu sou ativo. Porque ativo é aquele que só faz comer, entendeu? Eu mesmo digo logo, só faço isso e faço isso. (O que você estabelece?) Vai rolar carinho. Se for rolar sexo oral, ele que faz... Sexo anal só nele. (E se o cara quiser te comer?) Aí, eu digo não. Não quero, desisto. Já teve do cara insistir e eu dizer não dá, não curto isso, fique com outro boy que curta isso (GABRIEL, 19 ANOS, BRANCO).

As relações sexuais envolvidas nos programas estão além do puramente sexual, mas envolvem fatores psicossociais que foram construídos, na e a partir de uma cultura específica, onde ser homem e ser mulher se traduz muitas vezes, mesmo que simbolicamente, no fato de ser e se reconhecer enquanto macho (ativo) ou não macho (homossexual ou frango). No concreto, socialmente falando, estas relações parecem se configurar enquanto decisão de abdicação relativa à masculinidade e consequentemente ao intrínseco status social. Para tanto, acima de tudo, é preciso que os roteiros sexuais sejam previamente definidos e negociados para não contrariar a principal norma ou regra que norteia o negócio do sexo comercial entre homens: a eterna luta entre quem come e quem será comido.

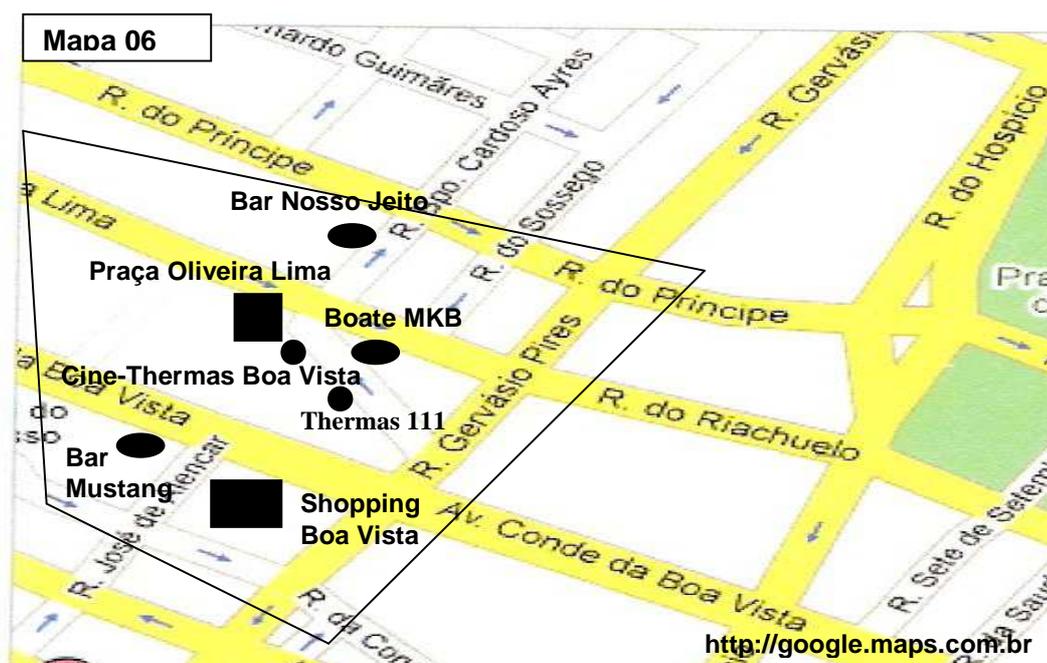
2. PROSTITUIÇÃO HOMOSSEXUAL: HOMENS DE VIDA FÁCIL?

Circulando pelo centro da cidade, pude constatar a extensão territorial da prostituição masculina, que atualmente abrange não apenas o bairro da Boa Vista, mas todo o perímetro urbano que se estende pelos bairros de Santo Amaro, Santo Antonio e São José. Através destas incursões noturnas, realizadas ao longo dos dois anos que envolveram a pesquisa, acompanhei as transformações do cenário urbano, bem como as alterações na dinâmica da prostituição, que buscou se ajustar às mudanças demográficas para estabelecer novos territórios e novas áreas de atuação para os boys de programa. Um exemplo característico destas mudanças territoriais se refere às obras de urbanização para as melhorias do trânsito no centro da cidade. Com o início das obras promovidas pela Prefeitura do Recife, a Avenida Conde da Boa Vista perdeu o status de maior zona territorial de prostituição masculina devido a impossibilidade de circulação de um maior número de veículos nos corredores de faixa única para carros de passeios. Tais alterações provocaram uma redução significativa no número de programas por ter proibido as paradas prolongadas em toda a extensão da Avenida, inviabilizando as abordagens dos boys junto aos clientes e vice-versa.

FIGURA 01



Inseridos numa nova realidade urbanística, os boys de programa, e consequentemente seus clientes, começaram a migrar para as ruas paralelas, aumentando o fluxo na Avenida Oliveira Lima, Rua do Riachuelo, cruzamento desta com a Rua Gervásio Pires e Corredor do Bispo Ayres, que hoje se configura como reduto e espaço de concentração da prostituição masculina. Neste trecho ainda, constatei o estabelecimento dos vários segmentos comerciais, e ainda a instalação de novos empreendimentos voltados, ou facilitando o mercado da prostituição masculina, incluindo-se a boate MKB, o Cinemix, o Bar Nosso Jeito, a Sauna Thermas 111 e o Cine-Thermas Boa Vista, que se tornaram espaços de encontros, destinados ou possíveis para a realização dos programas.



A Praça Manoel de Oliveira Lima, comumente conhecida como Pracinha do Riachuelo, com o passar dos tempos tem se configurado como núcleo de concentração, onde o comércio ambulante se fortalece nos finais de semana e apresenta uma variedade gastronômica mais popular. A venda de bebidas, cigarros, pizzas brotinhos, pastéis e demais frituras, se alia ao consumo do “crack” e da maconha, que misturados às fragrâncias dos perfumes e cosméticos capilares baratos e ao cheiro de urina

impregnado nas ruas, exalam odores que invadem o espaço, causando os mais variados estímulos e reações que desencadeiam “frissons” inquietantes entre os seres que habitam o ambiente. Este “povo noturno”, muitas vezes, estereotipado em estilos e gostos, parece interpretar personagens transgressores, dentro de uma estética “novo-urbano” na tentativa de negar os mais arraigados conceitos de moda, comportamentos e da moral burguesa da capital.

É neste sentido de transgressão permitida que a moral parece se tornar também relacional, uma vez que, os tabus e as normas são quebrados ou preservados de acordo com os interesses momentâneos e situacionais. Quando este mercado abre espaço à vitrine humana, os corpos traduzidos em músculos, bundas, seios e pênis, passam a circular causando desejos e despertando fantasias que podem se tornar realidades mediante negociação e pagamento. E cada corpo, ou ainda, cada parte destes corpos, e cada sentimento que possa advir dos mesmos, têm um preço. Eis a lei da noite que se torna regra e estabelece os parâmetros para quem compra e vende prazeres sexuais.

Convivendo mais de perto com os boys de programa, e muitas vezes frequentando seus espaços, foi possível conhecer melhor suas histórias de vida, para através delas identificar o panorama sócio-cultural em que estão inseridos. Minhas abordagens informais restringiram-se inicialmente a conversas, coletando informações relativas a preços dos programas, horários de atividades, locais de concentração ou circulação, espaços para realização dos programas, bem como, sobre as modalidades e práticas sexuais realizadas e definidas para e durante as práticas sexuais comerciais. Essas conversas, envolvendo tanto os boys como alguns clientes, tornaram-se imprescindíveis para uma maior compreensão quanto à dinâmica e regras deste mercado que a cada dia parece exigir maior visibilidade. Assim, as formas de abordagens, pegações, flertes e táticas de atuações, inseridas e subscritas num conjunto de performances, que completam certo jogo de sedução específico à prostituição, me foram sendo paulatinamente revelado.

As entrevistas semi-estruturadas com os boys de programa se deram em locais públicos, como bares e postos de gasolina, localizados no referido perímetro urbano, e tiveram como intuito a ampliação do universo de informações e possíveis análises

psicossociais sobre os fatores que contribuem para a construção e estruturação das performances de gênero entre os homens que se prostituem em Recife, principal objetivo desse estudo.

2.1. Iniciação Sexual e Inserção no Mundo da Prostituição

Através dos discursos dos boys de programa, pude verificar certa uniformidade nas histórias de vida, considerando questões relativas à: situação socioeconômica, estrutura familiar, escolaridade, condições de moradia e oportunidades de acesso ao mundo do trabalho. Em sua maioria, os boys de programa residem em comunidades localizadas nos subúrbios da cidade, sofrendo com a infra-estrutura comprometida das grandes aglomerações populares e com a falta de acesso aos bens e serviços comuns, tais como, saúde e educação de qualidade. Muitos não concluíram o ensino fundamental, não vislumbram grandes oportunidades profissionais, e encontram-se imersos num processo de exclusão estigmatizada e estigmatizante, onde muitas vezes, a prostituição parece apresenta-se como alternativa de possibilidades e acessos.

Segundo Molina (2003), no Brasil, a prostituição, vem sendo exercida por algumas crianças e adolescentes, onde as condições socioeconômicas desfavoráveis e as relações de poder entre gênero e dinâmica familiar apresentam-se como fatores constitutivos das questões estruturais e simbólicas. Dentro desse cenário, verifica-se através das entrevistas concedidas, que alguns dos boys de programas de Recife, iniciam ou são iniciados nas práticas sexuais comerciais ainda na infância ou pré-adolescência, por volta dos 09 a 16 anos de idade.

Fábio, 26 anos, moreno claro³³ de estatura mediana e olhos e cabelos escuros, relata que foi inserido no mundo da prostituição, ainda muito cedo, e que “para quem é do subúrbio” as noções de idade se configuram de uma forma diferente.

³³ Por acreditar que as três denominações normativas de raça: branco, pardo e negro, não matizam a variedade das nuances cromáticas relativas a cor da pele dos brasileiros, principalmente na região nordeste, resolvi utilizar as denominações populares que se apresentam mais abrangentes e incluem denominações intermediárias como moreno, moreno claro e moreno escuro...

O pior é que não tem idade, não. Eu desde pequeno... meu primeiro programa foi na rua, desde os 09 anos. O segundo também foi na rua. Até hoje é na rua, desde pequeno é na rua (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Sentado numa mesa de bar, Fábio pede uma cerveja, olha para o gravador com curiosidade e diz se sentir importante por estar sendo entrevistado. Percebo em sua postura a altivez peculiar às grandes personalidades públicas, talvez para me impressionar ou simplesmente para garantir minha atenção. “Minha história daria para encher pelo menos três livros, porque eu comecei nessa vida muito cedo”. Vivendo nas ruas da cidade desde os seis anos de idade, aprendeu as regras da vida e as leis da “sobrevivência”: “Saí de casa com seis anos. Lembro de quase tudo. Aprendi a roubar... Matar... a me prostituir...”. Quanto a sua iniciação sexual, conta que sua primeira experiência foi com uma “coroa” que lhe ofereceu comida e lhe amparou em casa por uns dias.

A primeira vez que eu fiz foi com 09 anos, com uma coroa. Depois foi com uma bicha, a gente ficou rolando. Depois foi com o dono de uma boate, foi rolando e aí fui ficando desenvolvido... Mas a coroa foi quem me ensinou tudo (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Como muitos boys de programa, Fábio aponta em seu discurso que a iniciação sexual dos meninos de comunidades populares, muitas vezes, está diretamente relacionada ao ingresso no mundo da prostituição. Aos nove anos, descobriu que o sexo poderia se tornar moeda de troca, evidenciando que a prostituição masculina também se encontra solidamente estruturada a partir das relações de poder e das relações intergeracionais.

Eu estava na rua, cheirando cola. Ele perguntou se eu queria comer alguma coisa, eu disse que sim. A gente foi pra uma lanchonete, ele me deu alguma coisa pra comer. Me perguntou se eu queria ir pra casa dele. Aí eu fui... Aí, lá ele me perguntou se eu tinha experiência com sexo. Eu disse: Mais ou menos. Já tinha ‘fazido’ sexo com uma coroa... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Neste mesmo aspecto, Ítalo, hoje com 19 anos, destaca que sua iniciação sexual também foi marcada pela comercialização sexual, que se deu pela primeira vez, com

um amigo mais velho, quando ainda tinha dezesseis anos. Alto, moreno claro, bonito e bem vestido, diz considerar a prostituição como “uma forma de ganhar dinheiro fácil”.

Rapaz foi bem dizer com um amigo meu. Ele bem dizer me comprou. A gente estava conversando. A gente estava ali e ele perguntou e tal e disse: eu te dou um negócio. Eu disse: só se for agora. [...] Uns quinze anos mais velho que eu. Uns 35 anos ou mais velho. [...] Aquela coisa, estava trocando umas idéias. E ele marcou. Ta bom. Vamos marcar mais tarde. Quando a gente viu estava num motel e aconteceu (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Nos relatos de ambos, confirma-se a presença de crianças e adolescentes em espaços privados, destinados a encontros homoeróticos ou reconhecidos como espaços de prostituição masculina nos subúrbios da cidade. As relações intergeracionais que permeiam esta modalidade de prostituição se caracterizam pela diferença de idade, onde um homem mais velho seduz um mais novo através das possibilidades de ganho, que nem sempre é financeiro, mas que muitas vezes, encontra-se vinculado às descobertas dos prazeres proporcionados pelo sexo. Neste cenário social, o fenômeno da prostituição encontra-se envolvido por expressões histórico-culturais, fundamentando a comercialização do corpo dessas pessoas através da coerção, sedução ou do atendimento imediato às necessidades básicas de sobrevivência. Segundo Molina (2003) a prostituição infanto-juvenil pode ainda ser entendida enquanto dispositivo capaz de produzir sentidos em suas histórias de vida, representações de resistência e sobrevivência a uma condição de solidão e revolta.

Tem gente que começa com 10, 09, 08 anos fazendo programa. Eu conheço muito “pirraia” que começa com 09, 10 anos e faz programa, porque às vezes não tem as coisas que ele queria ter e a mãe não pode (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

A exposição destas crianças e adolescentes às situações e condições (des)favoráveis do explícito mundo sexual dos adultos, seja através da linguagem, de conversas, do acesso a espaços reservados, ou mesmo da observação e/ou vivência das práticas sexuais adultas, parece influir diretamente para o processo de estruturação e construção de suas sexualidades. Muitas vezes, a estimulação e a descoberta das

possíveis sexualidades por parte destes, que socialmente já interagem como “pequenos adultos”, se darão no mesmo período, parecendo se configurar no senso comum das comunidades populares como uma espécie de ritual natural à iniciação sexual. Para os homens que entrevistei, a prostituição parece então, consolidada como marco de passagem da vida infantil para a vida adulta, onde a própria sobrevivência torna-se o primeiro compromisso e responsabilidade pessoal. Neste aspecto, Molina (2003) destaca que a prostituição acontece como núcleo de resistência associado à sobrevivência diante dos infortúnios da vida (SAMPAIO, 1999). Assim, não se trata de criar tipos psicológicos que se orientam para a realização dessa situação existencial, mas de um lugar inventado como propício para se enfrentar o que a vida ainda pode oferecer.

Não. Não era criança, não. O que importa pro mundo não é a idade e tem gente que gosta de curtir com gente muito jovem, tá entendendo? E nós que somos do mundo não tem essa coisa de idade (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

O resgate histórico nos mostra que apenas no século dezessete, com o processo de escolarização, as crianças e os adolescentes passaram a ser reconhecidos enquanto sujeitos sociais e foram inseridos como membros do núcleo familiar. Este se tornou então, o grupo de referência ao assumir as responsabilidades relacionadas aos cuidados e acompanhamento, zelando ainda pelo bem estar dos mesmos. Culturalmente as famílias, junto à escola, se tornaram os lugares de socialização e de disciplina, reconhecidas nos dias atuais como núcleos de socialização primária e secundária. Porém nestas populações, as concepções de criança e adolescente encontram-se estruturadas dentro de outros parâmetros, onde o marco normativo legal³⁴ não vigora e não faz sentido.

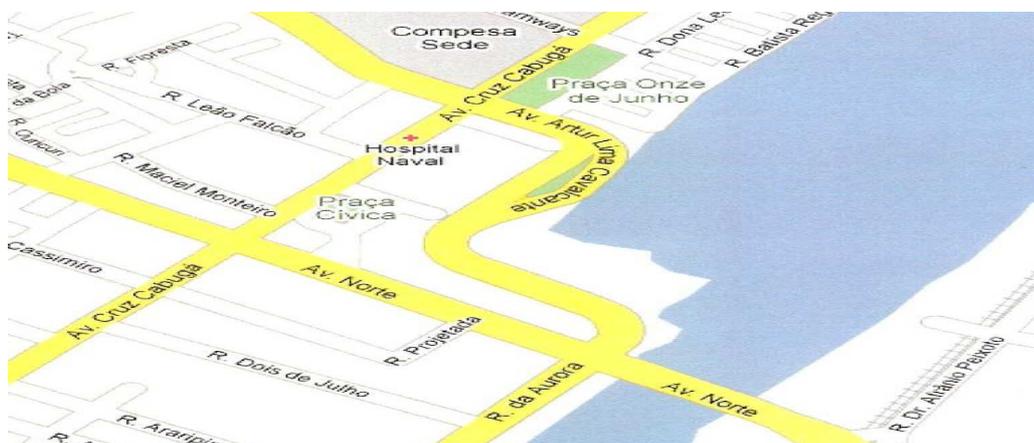
Seguindo Araújo (2002) podemos constatar que nestas comunidades populares a violência há muito tem se configurado como um dos principais fatores de violação, por negar aos sujeitos a possibilidade de constituir sua própria história. Nessa perspectiva,

³⁴ No Brasil, mais precisamente com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), crianças passaram a ser definidas como toda pessoa até doze anos de idade incompletos, enquanto que adolescentes, como toda aquela entre doze e dezessete anos e onze meses

a pobreza gerada nas camadas populares pela desigualdade de produção, consumo e distribuição de renda consequentes do sistema capitalista burguês, aliada à ausência de políticas públicas de caráter preventivo e de proteção, eficazes e efetivas quanto à garantia de direitos, mostra-se como principal fator de inserção de crianças e adolescentes no mundo da prostituição. A troca do sexo por dinheiro, para estes, e em muitas situações para suas próprias famílias, torna-se fator de caráter econômico real, garantindo-lhes o sustento, a sobrevivência e ainda algumas facilidades e possibilidades de acesso.

O Brasil se configura no cenário mundial como país com os maiores índices estatísticos relativos aos abusos sexuais contra crianças e adolescentes, onde tal modalidade de violência tem se tornado uma constante em todas as capitais³⁵ (UNICEF, 2007). No centro do Recife, a exposição e o envolvimento de crianças e adolescentes, de ambos os sexos em situações de prostituição podem ser constatados em espaços e territórios específicos. Durante o dia e o cair da tarde torna-se visível o fluxo de meninas “batalhando” na Av. Artur de Lima Cavalcanti, avenida que corta o bairro de Santo Amaro, interligando a Rua da Aurora à Avenida Cruz Cabugá.

Mapa 07



³⁵ No último mapeamento anual dos pontos de exploração sexual infanto-juvenil nas estradas brasileiras, realizado pela Polícia Rodoviária Federal (2007), por exemplo, registra-se um aumento em 55% destas ocorrências em relação ao ano de 2006. Os dados mostram que a região nordeste do país se destaca enquanto área com maior concentração de municípios onde são registrados os casos de exploração sexual. No ranking nacional, o estado de Pernambuco aparece em terceiro lugar com o maior índice de prostituição infanto-juvenil, com sua prática registrada em 38,04% dos seus 184 municípios (SDS-PE, 2007).

À noite, dentro do território demarcado pela prostituição homossexual masculina, se verifica uma crescente circulação e atuação de meninos nas ruas centrais. Estes “pequenos adultos”, denominação que tomo emprestado de Ariès (1981), e passo a utilizar como denominação para as crianças e adolescentes do sexo masculino inseridos no universo da prostituição, muitas vezes, se misturam aos boys de programa e compartilham com estes, espaços e clientes. À primeira vista, através dos relatos dos próprios boys de programa, poderíamos supor que pelos menos em Recife, o fator idade surge como primeiro demarcador das diferenças sexuais no universo da prostituição infanto-juvenil, uma vez que os homens parecem ser inseridos no negócio do sexo comercial antes das mulheres.

[...] Tem mais menino e menina... tem mais menino no mundo do que mulher. Mulher, eles procuram mais a partir dos 16 anos e meninos a parti dos 11 e 12 anos (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Os discursos evidenciam ainda a concorrência travada entre os boys de programa e os pequenos adultos. Estes, muitas vezes, freqüentam as mesmas ruas e espaços de prostituição, tanto abertos quanto privados, e desenvolvem atividades sexuais comerciais livres de intervenções da polícia e isentos das ações por parte de instituições e entidades que lutam pela defesa e proteção de crianças e adolescentes.

[...] Antigamente, havia muita gente de menor. Mas hoje em dia, tem muitos clientes meus que reclamam. Que a turma de menor já aprontou muito. Aí eu não quero pessoas de menor, pelo menos na minha avenida, não (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Como salientado anteriormente, num contexto mais amplo, a prostituição homossexual masculina em Recife se apresenta de forma variada, demarcando diferenças relativas a territórios, espaços físicos, performances de gênero, horários das atividades e idade dos participantes. Uma das estratégias que garantem a ação dos pequenos adultos, quando seus corpos vão se “adultizando”, em determinados espaços de prostituição, sejam eles, boys de programa ou travestis, é a alteração da idade nos registros de identidade, apresentados e muitas vezes, solicitados pelos clientes para evitar implicações legais.

Quanto aos valores envolvidos nos programas, verifica-se que o fator idade se torna relevante durante a negociação monetária estabelecida. Essa desvalorização nos valores dos serviços prestados salienta a falta de experiência e maturidade necessárias à comercialização do sexo, bem como, revela a vulnerabilidade dos pequenos adultos diante dos clientes³⁶.

Muda não... Ele tenta mudar pra mais alto, mais uma pessoa vivida não vai cair na lábia de uma criança. Uma pessoa vivida tem mais conversa que uma criança... E quem sai de bobo é ele... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Inseridos no mundo da prostituição, estes pequenos adultos, muitas vezes, se transformam em boys de programa na vida adulta, aprendendo nas ruas as artimanhas da atividade comercial. Com o tempo adquirem experiência e passam a desenvolver estratégias que visam consolidar sua presença nas ruas e demarcar espaços de atuação. Nesse processo de transformação, assumem definitivamente a prostituição enquanto atividade comercial e incorporam comportamentos, indumentárias, estilos e posturas específicas aos boys de programa, que se traduzirão em performances de gênero condizentes com suas identidades sexuais.

As mesmas questões relacionadas tanto a menor idade quanto ao processo de transformação também são constatadas entre as travestis que se prostituem nas ruas, muitas das quais, já “bombadas”³⁷ ou em processo de transformação corporal. Especificamente entre estas, o principal desafio e dificuldade para o exercício da atividade consiste na “fabricação” de um corpo feminino, para as quais se utilizam de várias técnicas e procedimentos cirúrgicos invasivos, de resultados nem sempre satisfatórios, na tentativa de “ajustar o corpo” a uma nova identidade social e sexual

³⁶ Tomando a definição de violência apresentada por Chauí (Cf. Araújo, 2000), passamos a entendê-la como qualquer relação de forças caracterizada num pólo pela dominação e no outro pela coisificação, numa relação de desigualdades que viola o direito da vítima como pessoa. Através desta relação de poder, onde um mais forte subjuga um mais fraco, o sujeito vitimizado tem violado os direitos de liberdade e integridade. Assim, o abuso sexual contra crianças e adolescentes têm se configurado como uma modalidade de violência onde estão envolvidas relações de poder, através da coação e/ou sedução, podendo variar quanto aos atos praticados.

³⁷ Bombadas: segundo Benedetti (2005), entre as travestis, “bombar” o corpo relaciona-se diretamente ao ato de injetar silicone através de pessoas de alto prestígio e experiência, conhecidas como “bombadeiras”.

(BENEDETTI, 2005). Aliado aos fatores físicos e emocionais envolvidos no processo de reconstrução do corpo, estas precisam ainda, enfrentar outro desafio de caráter moral, o preconceito, que figura, muitas vezes, como fator determinante para a iniciação na prostituição.

Assim, tanto para os futuros boys, quanto para as jovens travestis, a rua se torna a grande referência e espaço de aprendizagem e convivência, que se dão pautadas nas relações de poder e intergeracionais, onde os mais velhos ensinam aos mais novos, a quem muitas vezes, devem obediência e pagam pela proteção. Neste sentido os próprios boys de programa se revelam como agenciadores ou iniciadores – cafetões – o que os torna responsáveis pela inserção e preparação dos pequenos adultos para a vida profissional.

Quem traz ele é um colega ou agente. Eu mesmo. Ele diz: porra tô a fim de arrumar real. Ai a gente pergunta que tipo de coisa. Ele pergunta: o que tu faz pra ganhar real? Eu digo tô no mundo, o mundo é que me leva. Ai ele pergunta: É fácil? Fácil não é, mas você tem que superar as dificuldades (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Em outras situações os proprietários de estabelecimentos comerciais aparecem como os agenciadores, estabelecendo estratégias que visam invisibilizar a atuação dos mesmos para a proteção dos clientes e de seus próprios negócios. Muitos destes estabelecimentos encontram-se instalados no centro do Recife, ou em espaços mais afastados, nos subúrbios, denominados como “zonas de prostituição”.

Foi o irmão do dono da boate... Foi. Depois ele me botou dentro da boate. Era um corredor, que só podia ficar de menor. Os de maior não podia ficar. Os maiores ficavam num lugar mais aberto pro povo ver. E os menores ficavam num lugar mais escondido (FÁBIO, 29 ANOS, MORENO CLARO).

Segundo Fábio, os “maiores”, adolescentes na faixa entre 16 a 17 anos de idade, com corpos já quase definidos, podem e devem frequentar os salões e espaços dos adultos. Muitas vezes, os próprios agenciadores orientam sobre como alterar os dados nos documentos de identificação. Num determinado estabelecimento, um cliente informante relata já ter “transado com o sobrinho do dono”:

Ele hoje tem dezessete anos, mais sua identidade está alterada. É gostozinho, mas inexperiente e não vale muito a pena. Ainda precisa aprender a comer um cu (SÉRGIO – O UNIVERSITÁRIO, 31 ANOS, MORENO ESCURO).

Configurada apenas como fenômeno de produção sócio-cultural, a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, mostra-se também pautada nestas relações de poder, uma vez que, o processo de iniciação sexual destes pequenos adultos se dá, em sua maioria, através de relações intergeracionais, onde homens mais velhos oferecem oportunidades para resoluções imediatas dos conflitos, normalmente, ligados a sobrevivência. Ferreira (2002) destaca que no fenômeno da prostituição, esta modalidade de violência se desenvolve e se dissemina nas relações sociais e interpessoais através de uma relação de poder que não faz parte da natureza humana, mas que é de ordem cultural, e que, por perpassar todas as camadas sociais, passa a ser entendida, através do senso comum, como algo natural, sendo aceito como condição de existência onde um mais forte domina um mais fraco.

Assim, verifica-se que no Brasil essas desigualdades têm se traduzido em conflitos de ordem social e têm originado o que podemos denominar como processo de violência estrutural, desencadeando um complexo sistema de vulnerabilidades que atinge diretamente indivíduos que vivenciam situações de riscos pessoal e social cotidianas, onde lhes são negados os direitos relativos à educação de qualidade, moradia e saúde. Saffioti (1989) salienta o fator cultural nas sociedades ocidentais, uma vez que, tanto os valores, quanto os costumes e as normas de comportamento são pautadas na distribuição de poder e se fundamentam nos modelos das relações hierárquicas e transgeracional, propiciando ao senso comum de determinadas sociedades o respaldo necessário para legitimar a autoridade do adulto. É neste sentido que a exploração sexual de crianças e adolescentes enquanto modalidade de violência tem evidenciado o lado cruel da prostituição, deixando à mostra as máculas de uma sociedade pautada num modelo sociopolítico e econômico de desigualdades que nega aos mesmos o direito de garantia e proteção integral, bem como, inviabiliza a promoção das oportunidades e facilidades para o pleno desenvolvimento em condições de liberdade e igualdade, estabelecidas em Lei (ECA, 1990). O Estatuto da Criança e do

Adolescente – ECA, apesar de se apresentar como instrumento de proteção legal e garantia de direitos, nestes dezoito anos de existência, tem se mostrado insuficiente enquanto instrumento de prevenção, controle e combate à violência sexual infanto-juvenil. Assim, acreditamos ser urgente uma maior reflexão quanto às políticas públicas e suas eficácias, objetivando a efetivação das garantias de direitos e proteção para crianças e adolescentes.

O contato com o mundo da prostituição nos leva a refletir sobre os reais motivos envolvidos no processo de exclusão destes pequenos adultos de comunidades populares, muitas vezes, não atendidos em sua plenitude pelas políticas da infância e adolescência. Pertinente, torna-se também, questionar até que ponto os mais cruéis métodos de opressão, submissão e exploração, comuns ao sistema escravocrata, foram deixados no passado distante. Considerando que nossas políticas públicas atuais não garantem igualdade, e muito menos, as oportunidades necessárias ao desenvolvimento pessoal e social para todos, sem distinção de classe, raça ou credo religioso, não poderíamos constatar que nos dias atuais o que se verifica é apenas uma atualização destes mesmos métodos e modelos de sistemas sociopolíticos? Salientamos então a necessidade de um maior aprofundamento sobre o tema, possibilitando as respostas, que no momento se apresentam insuficientes, a uma análise crítica mais realista acerca da compreensão quanto a aplicação e significados de terminações científicas sobre infância e adolescência nas comunidades populares e favelas que margeiam a capital pernambucana.

2.2. Agenciadores ou Cafetões de Boy

Em Recife, diferente do que Perlongher (1987) destaca como fator de diferenciação entre a prostituição feminina e masculina de São Paulo, o pagamento de valores por parte dos boys de programa para freqüentar as ruas e demais espaços de prostituição evidencia a existência de um agenciador ou “cafetão-de-boys”. Os territórios também demarcam diferenças significativas para quem se prostitui, dividindo os espaços em “pontos certos” e “áreas de circulação”. Enquanto nos pontos certos, os

boys se concentram na espera dos clientes, usufruindo de certa comodidade e proteção, pelas quais se paga uma espécie de pedágio diário; nas áreas de circulação, que abrangem ruas, avenidas, praças e banheiros públicos, os mesmos precisam fazer o “trottoir” para evitar possíveis exposição e susceptibilidade à violência por parte da polícia, também verificada entre as prostitutas (RAGO, 1996).

É o que se chama de ponto certo. O Boy paga para ficar ali... R\$ 10,00, e paga pra uma dona de boate. Tem uns olheiros... Tem gente que mora perto, no apartamento e fica olhando, tem cara que trabalha como guarda noturno... Só pra controlar. Mas eu não pago não. Não faço ponto certo (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Esta demarcação de territórios ainda serve para diferenciar os boys que “fazem rua” dos que “fazem pista”. Em sentido, os primeiros abrangem os que freqüentam cinemas e boates em busca de clientes e; os segundos, os que utilizam as ruas, seja através dos pontos certos ou das áreas de circulação. Contudo, é comum o fato de um mesmo boy freqüentar mais de um local de prostituição, que como em outras cidades, encontram-se estruturados em espaços de caráter privado e espaços públicos (PERLONGHER, 1987; FÁBREGAS-MARÍNEZ, 2000; SANTOS, 2008)

Aqui no centro? Não, eu não ando não, eu fico só na boate mesmo. Essa é a segunda vez que fico na rua. Mas eu só fico ali mesmo, porque tem mais gente e é o lugar que eu conheço mais. Pra mim, eu nunca fui pra outro lugar. Eu fico ali. Eu acho que ali é melhor pra eu ficar (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

Desta forma, a prostituição em Recife pode ser concebida enquanto serviço, inserido numa espécie de comércio estruturado, onde vários seguimentos da sociedade encontram-se envolvidos. Se nos espaços privados tais como saunas e clubes masculinos, os proprietários dos estabelecimentos figuram, muitas vezes, como efetivos agenciadores da prostituição masculina, em outras situações a imagem do cafetão ou “dono da rua” torna-se evidenciada e personificada na figura do próprio boy de programa, que por ser mais antigo no exercício da atividade ou por freqüentar há mais tempo determinadas áreas, passa a controlar algumas zonas tornando-se dono do próprio negócio. Dentro da concepção econômica, a prostituição mostra-se pautada no

mesmo sistema capitalista que estabelece relações de poder embasadas na exploração da força de trabalho humana.

Rapaz é R\$ 50,00 reais por semana. Mas eu não pago, não. Eu é que faço a cobrança. Na rua tem que falar comigo primeiro. Se eu deixar... É porque fica o negócio certo. E tem aquela coisa. Se tem três pessoas... Se estiver sozinho eu vou pegar 10 mil pessoas. Aí é pela competição entendeu? Se eu fiz tenho que pagar... (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

2.3. Entre o Ativo Macho e o Passivo Frango

Considerando os fatores temporais, geográficos, sociopolíticos e culturais, que separam minha pesquisa dos estudos desenvolvidos por Perlongher (1987) em São Paulo e por Fábregas-Martínez (2000) em Porto Alegre, correlaciono alguns aspectos das prostituições masculinas que se dão nas ruas das grandes metrópoles para melhor analisar suas semelhanças, diferenças e atualizações de contextos, bem como de conceitos, buscando através destas os fatores psicossociais envolvidos na estruturação e construção das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife.

Perlongher (1987) ao postular a atividade exercida pelos homens que se prostituem como “prostituição viril” destaca as características exageradas em torno do sexo anatômico que expressas em gestos e comportamentos se configurariam como protótipos do sexo masculino. Fábregas-Martínez (2000), por sua vez, chama a atenção para o fato dessas performances de gênero não se apresentarem de forma generalizada entre os homens que se prostituem em outros espaços considerados de prostituição, principalmente, os de caráter privado onde teria observado uma confluência de “corpos esculpido, malhadado e trabalhado em função de uma imagem masculina hegemônica, bem como, corpos impúberes e até mesmo, corpos efeminados”.

Discordo de Fábregas-Martínez (2000), no sentido que, não há corpos des-generizados: as performances adotadas são guiadas pelas relações de gênero para dar

sentido aos corpos. Mesmo no corpo efeminado das travestis ou dos boys-bichas, fica evidenciada a identificação com o feminino, ao passo que, ao contrário, nos corpos dos boys-ativos e boys-flex verifica-se uma identificação direta com o masculino. Assim, independente do caráter público ou privado, os corpos seguem as regras normativas simbólicas de gênero e o significado dos corpos são construídos e estruturados através das performances vinculadas à identidade sexual.

Neste sentido, ressalto que em Recife, como já mencionado, em muitos casos, a construção e estruturação destas performances de gênero, tanto para os boys de programa, quanto para as travestis, resultam de um processo de construção social contínua. A inserção no universo da prostituição quando ainda crianças e/ou adolescentes, bem como as práticas sexuais vividas na infância, mostram-se como fatores definidores e demarcadores de diferenças que contribuirão diretamente para a construção de suas identidades. Através da experiência adquirida nas ruas, os pequenos adultos parecem aprender desde cedo a moldar suas condutas sexuais e sociais, para no futuro determinar suas identidades e se subdividirem entre as várias categorias sexuais que configuram a prostituição homossexual masculina. Assim, os boys de programa se definirão em posições identitárias quanto ao local de atuação (boys de rua, boys de boate ou boys de sauna) e preferências eróticas (boys-ativo, boys-flex e boy-bicha) possibilitando estruturar e consolidar suas performances de gênero.

É pautado nessa variedade de identidades e categorias sexuais que comungo com Fábregas-Martínez ao postular que a definição da “prostituição viril” enquanto norteador das diferenças entre a prostituição exercida por homens e a praticada por mulheres e travestis, restringe a compreensão dos significados assumidos por cada identidade, gênero e práticas vivenciadas por parte destes homens. Também julgo se fazer necessário a ampliação do conceito acerca da prostituição masculina, a fim de, torná-lo menos restritivo e excludente. É neste sentido que o conceito de “prostituição de homens”, proposto pela autora, enquanto concepção conceitual mais abrangente possibilita a compreensão da prostituição enquanto fenômeno não fragmentado por concepções identitárias.

Ainda sobre a discussão conceitual vale destacar que Fábregas-Martínez (2000) nos chama a atenção para o fato de que adjetivar esta modalidade da prostituição como homossexual supõe o reconhecimento de uma identidade homossexual corrente, entre e por parte dos próprios homens que mantém relações sexuais comerciais com outros homens, o que não apareceu evidenciado através dos dados coletados e estudos apresentados. Porém utilizando a mesma citação de Heilborn (1996; CF. FÁBREGAS-MARTÍNEZ, 2000), que enfatiza que a sexualidade não possui uma essência a ser desvelada, mas é antes, um produto do aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade, passo a destacar que em Recife, as categorias homossexualidade e heterossexualidade, apesar de restritivas enquanto conceitos baseados no modelo biomédico, mostram-se incorporadas e utilizadas, ainda que não de forma generalizada, pelos sujeitos que participam da prostituição, para explicar suas experiências sexuais vivenciadas e significadas. Desta forma, observo que ao contrário do que propõe Fábregas-Martínez (2000), a homossexualidade enquanto categoria identitária é reconhecida e afirmada entre alguns homens que se prostituem com outros homens, configurando a existência de uma prostituição homossexual na cidade de Recife.

Rapaz é aquela coisa, todos nós somos gay. Eu sou gay. Todos que se passam para estar numa cama com outro cara é gay. Agora tem aquele ativo 'machudo', com aparência de boy, que é boy e tem aquele passivo "pintoso" que é frango (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Neste sentido, vale destacar que as implicações acadêmicas contidas nas diferenciações conceituais entre gay e homossexual não faz parte do cotidiano, e muito menos, do conhecimento intelectual dos boys de programa. Para eles, os termos são sinônimos enquanto categoria de identificação. O fato de se reconhecer enquanto "gay", diferente de "frango", a meu ver, parece muita vezes, se configurar como critério de diferenciação em relação aos clientes, que em suas concepções serão sempre penetrados. Acredito ainda, que a demarcação de categorias identitárias, neste sentido, se dá, muito menos no âmbito das definições conceituais normativas em relação a homossexualidade, mas se encontram pautadas, sobretudo, nas performances construídas e estruturadas em torno das definições de macho e não macho. O "ativo

machudo com aparência de boy” é boy enquanto que o “pintoso é frango”. Porém os dois são reconhecidos enquanto gays, divididos em subcategorias que parecem objetivar apenas a definição de uma identidade não homossexual por parte do boy-ativo. Nesse contexto, o modelo biomédico torna-se a base discursiva para os boys de programa empregarem à homossexualidade um caráter patológico, e/ou, de menos valia, que os categoriza como homens com “desvio de conduta sexual e moral”. Ao reivindicar uma identidade contrária às práticas sexuais, ainda que estas sejam de caráter comercial, mas que geram prazer, podemos supor que o que está em jogo, não é acima de tudo, a definição e o reconhecimento de uma identidade heterossexual, mas a definição de uma identidade que não é totalmente homossexual. Esta constante preocupação em reafirmar a masculinidade para si, e para o outro, por parte dos boys de programa, aparece evidenciado no discurso de Marcos, que se iniciou no mundo da prostituição aos 18 anos.

Eu no caso? Porque tem aquele ditado que diz que quem sai com gay é gay também. Se isso for verdade, então eu aceito, mas o que vale é minha consciência tranqüila que eu não faço a mesma coisa que um gay faz, que eu não faço o que ele faz (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

De classe média, filho de pais comerciantes, segundo grau completo, alto, olhos claros e de pele branca, Marcos diz não fazer o “que um gay faz” por não se permitir ser penetrado, já que esta é uma conduta exclusiva dos “frangos”. Desta forma, para os boys de programa o ato de ser penetrado e penetrar torna-se o demarcador de diferença entre duas identidades antagônicas - os boy e os frango.

Fry (1982) partindo do pressuposto de que a sexualidade, como tudo que é em princípio natural, apresenta-se como instância limitada e controlada através de concepções conceituais e categorias que vão sendo construídas historicamente, destaca que as formas de compreender a sexualidade masculina no Brasil mostram-se variadas e relacionadas aos fatores históricos, geográficos e socioeconômicos em que se encontrem inseridos os sujeitos. Nesta configuração, a prostituição masculina de rua no Recife encontra-se ancorada basicamente numa concepção conceitual de um sistema que se apresenta como modelo hegemônico, que segundo Fry (1982), pertence

as 'classes mais baixas'. Assim, este modelo, pautado numa hierarquia que fundamenta os papéis de gênero, a dicotomia ativo-passivo envolvida nas práticas sexuais comerciais entre homens passa a ser percebida como pertencente às categorias "boys" e "frangos", servindo de referência para diferenciar os comportamentos associados ao masculino e ao feminino, que se traduzirá culturalmente nas relações de poder traduzidas na subjugação e dominação entre homens. Mais uma vez, observa-se que o gênero matiza o discurso biomédico, uma vez que a submissão não se limita ao feminino, mas em algumas situações, ou ainda, em alguns momentos, se estende também aos homens, ainda que reconhecidos como bichas ou frangos (RIOS, 2004).

Eu sou homem. É homem mesmo... É homem, homem mesmo e o cliente é a bicha (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Neste aspecto, os conceitos de homossexualidade e heterossexualidade parecem realmente limitados e não suficientes para a definição e compreensão das identidades sexuais, por parte dos mesmos, uma vez que para as camadas populares de Recife o termo "homem" se configura enquanto idéia de "cabra macho", que desempenhará o papel ativo nas relações sexuais, independentemente se estas se darão com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. Contudo, mesmo considerando o machismo da região nordeste que se respalda na suposta supremacia masculina, e que se mostra mais culturalmente arraigado do que em relação às demais regiões do país, termos como homossexuais e bissexuais são bastante evidenciados pelos boys de programa enquanto definição de suas identidades sexuais, bem como das de seus clientes.

Sou bi, né? Eu mesmo, assim... sou ativo, mas acho que sou bi porque tanto faz eu comer homem, como comer mulher. Eu sinto tesão pelos dois, não tem diferença (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Porém neste sentido, a própria definição de bissexualidade encontra-se diretamente relacionada à penetração, onde o fato de "dar para alguém" o distingue do bissexual que se encontrará agrupado em uma categoria específica entre os boy ativo e o frango.

Ele me chupou e eu tive a relação com ele... Mas só que a minha relação não é do tipo um bissexual que rola tudo, porque tem pessoas que fazem programa e rola tudo. Um faz com o outro, entendeu? Mas comigo eu nunca fiz assim não. Com uma pessoa fazer comigo e eu fazer com ela, não (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO)

O “fazer com o outro” delimita as ações e condutas sexuais em roteiros previamente estabelecidos e estruturados pelos sujeitos de cada categoria, onde o tesão mostra-se, ao que parece, como fator de compreensão que norteará as diferenças relativas às identidades. Rios (200), destaca que no modelo tripartite proposto por Richard Parker (1991) para a organização da vida sexual brasileira, o tesão mostra-se como categoria chave no subsistema do erótico. Este erótico estaria pautado numa lógica de transgressão e de inversão dos limites impostos por dois outros subsistemas - o de gênero e de sexualidade – para se traduzir nas qualidades envolvidas nas sensações, excitações e desejos que não se limitam ao privado e á vida sexual, mas que dão sentido a outras formas de experiência.

Gagnon (2006) observa que nos estudos sobre a sexualidade humana, embora a tradição biológica mostre sua força, é necessário enfatizar a perspectiva da aprendizagem cognitiva e social, destacando os fatores não-biológicos envolvidos no processo de desenvolvimento sexual humano. A cultura tem se mostrado como fator processual flexível e dinâmico através das gerações, o que torna possível a re-significação de conceitos e modelos sistemáticos das sexualidades. Comungo com Gagnon (2006), ao atestar que a cada nova geração a cultura sexual sentida ou vivenciada, bem como o cenário sexual do passado tende a se tornar mais distante. Neste sentido, somos nós mesmos produtos individuais das mudanças, onde os símbolos, a linguagem e os estilos de apreensão irão resultar do mesmo processo de mudança cultural. Assim, como se verifica, entre os boys de programa à auto-afirmação de uma suposta heterossexualidade, muitas vezes, se respalda apenas na negação da homossexualidade enquanto identidade transgressora, reprimida e estigmatizada socialmente (GOFFMAN, 1988).

Percebe-se desse modo que no sistema cultural tradicional brasileiro, a construção social do gênero interliga-se diretamente com a compreensão da natureza das interações sexuais por parte dos sujeitos. Para Parker (2002), nos modelos de vida

sexual dos brasileiros a ênfase cultural não se dá apenas nas práticas sexuais, mas também nas relações entre estas e os papéis de gênero nelas inseridos. Assim, o cerne da organização da realidade sexual se dará especialmente pela distinção simbólica entre “atividade masculina” percebida e “passividade feminina” que fundamentam as noções de macho e fêmea, de masculinidade e feminilidade, como ainda dos seus similares.

Parker (2002) salienta ainda, que “o próprio corpo, particularmente em seu desempenho sexual, passa a ser matéria-prima para a construção e reconstrução do gênero, assim como as relações de poder que tradicionalmente circunscrevem e organizam o universo do gênero tornam-se estruturas básicas que organizam a área sexual”. Neste aspecto, talvez a concepção de “entendido” proposto por Rios (2004) apresente-se como uma noção que, ao fugir de uma perspectiva identitária clássica, possibilite uma melhor compreensão da inserção comunitária dos homens, que exercem a prostituição ou não, no contexto investigado.

Rios (2004), afirma ainda que, apesar de nos últimos anos o termo “entendido” ter caído em desuso nos textos acadêmicos, se mantém na “memória coletiva”, e que na falta de uma identidade coletiva e consensual, pode ser perfeitamente utilizado para “nomear sujeitos que sabem dos códigos próprios à organização das comunidades homossexuais, mas que muitas vezes, se invisibilizam no seio da sociedade abrangente – para nomear as comunidades de pessoas com práticas homossexuais”.

Neste contexto plural, onde as fontes privilegiadas de prazer corporal ganham certa preponderância, mas sem deixar de se marcar, ou se disfarçar, via performances de gênero, o aprendizado de novas e muitas formas de se obter prazer dos corpos, é constante. O que não impede que as práticas ganhem, também, valorização monetária à medida que são solicitadas ou oferecidas.

Ele pede pra eu beijar, alisar ele, pra abraçar... e às vezes nem precisa porque eu faço isso tudo e ele nem pede nada. Porque antes de sair eu já digo logo a ele. Rola isso e rola isso... Quer sair comigo a gente sai, mas minhas regras são essas... Eu digo que eu não sou penetrado e nem faço sexo oral com ele. Se ele quiser sair comigo, ele faz comigo e tal, assim, normalmente (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

2.4. O Negócio do Boy: Só Curtição

A análise acerca das atualizações conceituais evidencia que em Recife, a expressão *michê*, enquanto categoria identificatória quem se prostitui (PERLONGHER, 1987), perde o sentido entre os sujeitos envolvidos na prostituição masculina, por ter sido substituída ao longo do tempo pela expressão “fazer programa”. Tal expressão parece assumir uma conotação mais coloquial de caráter temporal, onde o termo se traduz em relações momentâneas, normalmente de curta duração, que pode envolver outros ganhos além do financeiro, mas que estão pautadas numa relação de troca. Na “gíria” dos sujeitos envolvidos nas relações sexuais de cunho comercial, muitas vezes, a expressão *fazer programa* pode assumir conotações relativas à “curtição”, demarcando a ausência de compromisso afetivo ou vínculos entre os atores das relações.

Mas isso é tipo... só uma curtição... que eu saio só pra curtir mesmo. Eu saio só pra me distrair mesmo, pra sair, pra curtir a noite... (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

Nestes casos os fatores relacionados ao econômico cedem espaço à diversão e ao prazer proporcionado pelo sexo pago, onde a descarga libidinal parece encontrar o espaço adequado à realização de desejos. O ato de *fazer programa* assume outros contornos socioculturais, mais relacionados ao sexual propriamente dito, que além de possibilitar descobertas e experimentações, vincula-se ao ganho. Neste sentido o dinheiro discursivamente assume uma importância simbólica e secundária, onde o que realmente importa e o que está em jogo parece ser o exercício do erótico e a descoberta dos desejos. Ao contrário dos outros entrevistados Marcos, salienta que a diversão e possibilidade de curtir mostram-se como fatores determinantes para sua atuação provisória enquanto garoto de programa. É uma espécie de jogo, onde a prostituição mostra-se como espaço adequado e possível para o exercício de sua sexualidade e descoberta do prazer.

Mas assim, do tipo, se sou um garoto de programa? Sou! Mas só que eu não dependo disso pra sobreviver, pra levar dinheiro pra casa,

porque meus pais estão precisando, não. E só pra mim mesmo, só curtidão mesmo (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

Quanto aos fatores identitários, Perlongher (1987:17), registra ainda o uso do termo michê para denominar uma espécie “sui generes” de cultores da prostituição, jovens varões que se prostituem adotando protótipos gestuais e discursivos da masculinidade diante de seus clientes. Em Recife, contudo, o termo michê apesar de pouco utilizado se traduz em conceito na personificação do boy de programa, ou simplesmente boy, designando uma autodenominação por parte dos homens que se prostituem tanto em espaços públicos quanto privados, independentemente de suas identidades enquanto heterossexuais, bissexuais e homossexuais.

Assim, verificamos que no âmbito da comunidade homossexual de Recife “pegar um boy” pode se traduzir em “pegar um homem macho” com quem se manterá relações sexuais, sem necessariamente haver o envolvimento de remunerações financeiras, ou ainda ganhos extras. Neste sentido, este boy mostra-se como uma espécie de nova versão do “bofe” proposto por Perlongher (1987). Desta forma, estes dois pólos – boy e gay - ampliarão o concepção de masculinidade, mostrando que esta se torna plural em sentidos e conceitos devido a gama de práticas, comportamentos e fatores subjetivados e intersubjetivos que se encontram envolvidos nas relações entre homens (SCHPUN, 2004).

Na concepção lingüística acerca das masculinidades, termos como ‘homem’ e ‘masculino’, tendem a se revelar muito mais coloquiais do que circunstanciais, uma vez que as práticas e papéis sexuais nem sempre se desenvolverão ou se apresentarão em conformidade, ou ainda, condicionados às sugestões das imagens, podendo variar entre os sistemas “boy-gay”, “gay-gay” e “boy-boy”. Nessa perspectiva, as subclassificações como boys e gays demarcam muito mais comportamentos relacionados às categorias de gênero do que necessariamente identidades sexuais, que traduzidos, em gestos, vestimentas, ações e estilos, passaram a compor as performances de gênero, tanto por parte dos boys de programa quanto por parte dos clientes.

Entre os boys de programa, no entanto, mesmo se tomando os dois pólos como categorias de gênero, verifica-se que o mesmo senso comum relativo ao “homem

macho” parece nortear a construção e estruturação das performances dos boys-ativos ou boys-flex, que adotam em espaço público o mais restritivo conceito de masculinidade para designar uma suposta não homossexualidade e superior potência sexual. É neste cenário de comportamentos diversos e diversificados, que se mostram relacionais e também situacionais em conceitos e discursos, que a prostituição masculina recifense demarca semelhanças e diferenças em sua dinâmica e estrutura. Assim, as mesmas subcategorias descritas por Perlongher (1987), aqui se encontram divididas e resignificadas dentro de uma categoria que uniformiza e iguala a todos que utilizam o sexo como moeda de troca: os boys de programa. Se por sua vez, o “prostituto viril” passa a corresponder ao “boy-ativo” que só “come” e por isso não se reconhece como homossexual; o “michê-gay” assume a alcunha de “boy-bicha” que só “dá”, sendo reconhecido como homossexual ou frango. Entre esses dois extremos de masculinidades, que muitas vezes, se configuram em formatos estereotipados, encontra-se o “michê-bicha” que aqui é nomeado como “boy-gilete” ou “boy-flex”. Tais diferenças de categorias servirão ainda para definir territórios e hierarquias, respaldados no status social de cada sujeito, que será regulado por seu posicionamento sexual durante o desenvolvimento de suas atividades sexuais. No processo de hierarquização clássica das sexualidades brasileiras, pelo qual os atores se classificam em conformidade com as posições assumidas durante o ato sexual, os boys-ativos se manterão numa margem, traçando uma linha imaginária que os manterá separados das demais categorias de prostituição, incluindo-se aí, os boys-bichas que nem sempre serão efeminados (FRY, 1982; CF. PERLONGHER, 1987).

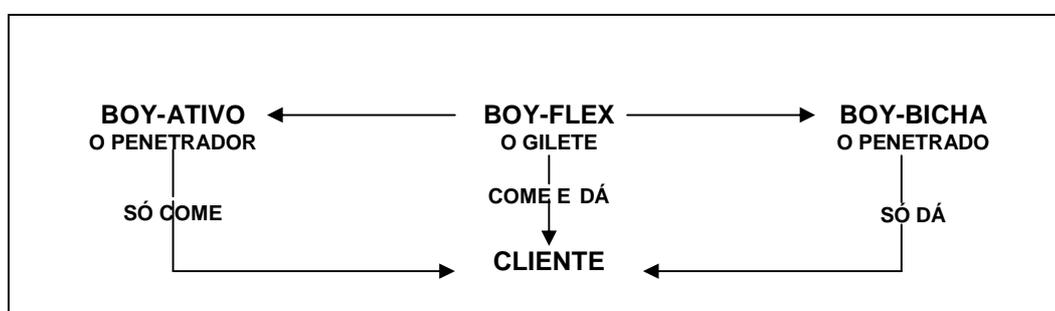


Ilustração nº 01

Configurados dentro do sistema classificatório de categorias, aqui proposto, os boys-ativos encontram-se situados numa margem oposta aos boys-bichas. Os primeiros se percebem e, muitas vezes, são percebidos por grande parte da clientela enquanto espécie diferenciada e superior às demais subcategorias. O fato de só penetrar lhe “garante” uma superior virilidade simbólica em relação aos demais e, muitas vezes, em relação aos próprios clientes. Os boys-flex transitam entre estes dois pólos antagônicos, mostrando flexibilidade e transitoriedade tanto relativa às performances de gênero quanto as condutas e práticas sexuais junto aos clientes. No campo da sexualidade, o boy-flex pode tanto se aproximar em sentido valorativo simbólico aos boys-ativos quanto aos boys-bichas. Porém este boy-bicha estará sempre agrupado numa “casta” inferior.

Muitas vezes as relações sexuais comerciais se dão entre os próprios boys de programa, onde o sistema hierárquico estabelece quem paga e quem recebe. Nestes casos, numa relação comercial entre um boy-ativo e um boy-flex, ou ainda, um boy-ativo e um boy-bicha, o primeiro em geral será remunerado. Numa outra situação onde um boy-flex e um boy-bicha estejam envolvidos, o último sempre remunerará o primeiro. Contudo, tal sistematização hierárquica não pode ser vista como regra generalizada, uma vez que o pagamento também pode ser efetivado em posições inversas, onde um boy-ativo pode pagar para comer um boy-flex ou um boy-bicha e assim sucessivamente.

Esta mesma hierarquia que define conceitos e status entre os boys de programa, os subdivide ainda por critérios variados em novas subcategorias: Os “boys-de-saunas” e “boy-de-boates”, por status socioeconômico dos estabelecimentos comerciais onde atuam; os “boys-de-rua”, separados por demarcações geográficas entre o centro da cidade e o bairro de Boa Viagem; os “boys-acompanhantes” e “boys-de-eleite”, por status socioeconômico dos clientes e espaços de atendimento.

2.5. Prazer Econômico e Prazer Sexual Entre Boys e Clientes

Russo (2008) ao se propor a discutir a relação entre dinheiro e sexo comercial, percebeu que as formas e conteúdos da prostituição, enquanto fenômeno sócio-cultural

e histórico, vão além da racionalidade, calculabilidade e dos elementos matemáticos neles presentes. Assim, a análise das relações comerciais sexuais talvez nos permita um melhor entendimento do processo de transformação das relações e encontros entre os seres humanos, particularmente no que concerne à afetividade, estilo de vida, ao amor, e como este último se torna re-significado.

[...] no contexto da prostituição o dinheiro é transformado em mediador por excelência das relações, aparecendo como ponto focal, à chave e a meta do ato de prostituir-se no qual, ao trocar sexo por dinheiro, o macula e justifica ao mesmo tempo (RUSSO, 2008)

O dinheiro é então transformado numa espécie de objeto animado, passando a assumir significados que vão além do valor material. Tanto que para os homens, quanto para as mulheres, o dinheiro enquanto símbolo assumirá diferentes conteúdos e significados evidenciando que nenhuma relação pode ser vista única e exclusivamente como econômica. Segundo Russo (2008), havendo contato entre os seres humanos, sempre existirá nestes encontros uma variável gama de elementos em jogo. Para a autora a força de trabalho humana tem sido nos últimos tempos transformada em objeto, sujeita às leis mercadológicas do sistema capitalista que reforça a importância do dinheiro em detrimento do ser humano, tanto que, em qualquer canto, independente do tempo ou cultura, pessoas trocam e trocarão suas idéias, ideais, força física e mesmo sexo por dinheiro.

É assim. Na questão do sexo é aquele preço. De R\$ 30,00 a R\$ 40,00. Pode ser rico ou pobre... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Entre os boys de programa em Recife, constata-se certa elasticidade quanto à variação nos valores acordados com os clientes. Essa variação se estabelece em relação a fatores e aspectos envolvidos, tais como: territórios de atuação, dias da semana, faixa etária, fluxo de clientes, status social e performances de gênero dos boys. Estes valores tornam-se ainda relacionais e situacionais, considerando os fatores socioeconômico, de etnia/raça e de idade, bem como, estado civil e profissões dos clientes. Neste sentido vale ressaltar a “refinada capacidade analítica” desenvolvida

pela experiência adquirida no exercício da atividade que irá possibilitar e/ou favorecer o poder de barganha.

[...] aí varia. Se o cara chegar com um Corola é R\$ 100. Se chegar com um Fiat, cai pra R\$ 80,00. Se der uma chorada, cai pra R\$ 70 e a gente vai se divertir (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

No conto “A fúria do Corpo”, João Gilberto Noll evidencia as relações de poder e desejos envolvidas nos contratos ao descrever a incursão do jovem protagonista no mercado do sexo, “se entregando ao flerte e à captura do cliente de classe alta, com excelentes condições para fechar o negócio” (1981; CF. GARCIA, 2008). Garcia (2008) salienta que nos seios das diferenças sociais, a relação entre jovens e homens mais velhos é bem característica, enviesando, por esse mote, o interesse dos michês pelos que apresentam mais idade e poder aquisitivo. Neste sentido Russo (2008) defende que especificamente no caso da prostituição masculina, o preço estabelecido na negociação incorpora uma representação econômica de um valor que inclui tanto elementos qualitativos quanto quantitativos, nos remetendo a uma gama de informações que só será compreendida nas próprias relações sociais em que se encontra inserida. Assim, o dinheiro parece exercer sentido ao atribuir importância ao boy de programa e demonstrar que o cliente busca por um serviço pelo qual estará disposto a pagar.

Neste sentido, a análise corporal do cliente, por parte dos boys de programa, poderá validar ou não a certeza de um possível ganho extra, de acordo com os aspectos comportamentais que possa adotar ou evidenciar. Em algumas situações, as conversas travadas antes, durante e depois dos programas, quase sempre previamente programadas, tornam-se importantes indicadores, que aliados à identificação visual de objetos concretos, tais como alianças, relógios, anéis, colares e marcas de grife, completarão a análise socioeconômica dos mesmos.

Antonio, 26 anos, moreno escuro de cabelos curtos e escovados, diz que é muito “fácil avaliar quando o cara tem dinheiro” e isso serve de base para a definição dos valores dos programas.

Uma vez eu estava no Paranaense com um amigo meu. Ele é boy também. Aí chegou um cliente que quis ficar comigo. A conta deu R\$ 60,00. Ele me deu R\$ 100,00 e disse que o troco era meu... Outra vez ele me chamou para boate. Fui. Ele pagou tudo... Depois me chamou pro apartamento dele. Esse cara é promotor, é “justiça”. Aí me perguntou quanto era o programa. Eu disse: é R\$ 50,00. Vi que o cara tinha dinheiro... (ANTONIO, 26 ANOS, MORENO ESCURO).

O cliente reconhecido como “figurão mão aberta” passa a representar uma espécie de troféu, possibilitando aos boys de programa a oportunidade de assumir status sociais e lugares de destaque dentro do próprio grupo. Estes clientes são tratados “no luxo” por representarem uma espécie de passaporte ao restrito mundo dos “ricos e afortunados”, que dependendo de como as relações se estabeleçam, garantem ao boy uma “vida de privilégios e regalias”. É principalmente nestes aspectos, apesar dos discursos recorrentes sobre as necessidades e dificuldades financeiras enquanto fatores motivacionais de suas inserções no mundo da prostituição, que o prazer é salientado como fator positivo, que vinculado a um “negócio” rentável, torna-se uma atividade satisfatória ao mesmo tempo.

[...] tem cliente que me contrata para passar uma semana. Como um negócio mesmo que eu tenho em Porto (de Galinha – Ipojuca/PE). Eu passo uma semana com o cliente... Ai varia muito. É aquela coisa, tem cliente que nem precisa negociar. Ele já sabe quanto eu cobro. E é mais pelo... O cara valeu à pena, velho. Eu saio com uma pessoa, eu digo pronto. Ela gostou tanto... Eu não vou cobrar mais dele não. Eu posso passar 10 anos com essa pessoa, mas eu estou lá porque eu quero esta lá, entendeu? É aquela coisa, é uma hora o programa, mas já teve cliente de eu passar 04 ou 05 dias com ele. Depende da quantidade, depende dele, não é? (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO)

Os boys de programa destacam o prazer enquanto elemento coadjuvante fundamental, presente nas relações sexuais. Este prazer parece ser potencializado quando se encontra relacionado, e autojustificado ao mesmo tempo, através do senso comum popular da idéia do “homem ganhão”. Assim, este aspecto sócio-cultural do homem “comedor” mostra-se diretamente vinculado ao processo de estruturação e construção de suas performances de gênero. Para alguns, esta masculinidade está diretamente relacionada ao fato de poder “comer” uma mulher, pautada numa relação de poder onde se estabelecem relações de dominação e subjugação através do ato

sexual. Neste sentido, aparece ainda mais potencializada quando esta subjugação relaciona-se ao ato de penetrar um “cliente macho”, numa relação de sobreposição de masculinidades, onde a posição de penetrado fortalecerá a do penetrador.

Eu fico imaginando assim, olha, tô comendo um cara. É tão homem no meio do mundo, mas aqui é uma bicha... Mas se ele quer que bote pra gerar. É botar pra gerar... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

O fato de poder “botar pra gerar num cara” que aos olhos da sociedade é homem, mas que na cama se entrega à força dominadora de outro, assume uma dimensão subjetiva de superioridade social, que de forma inversa coloca em cheque as relações de poder do sistema sociopolítico burguês que tem respaldado por séculos nossa sociedade e cultura. O sexo torna-se então o fator nivelador das relações sociais e das inter-relações pessoais, intercalando ainda que momentaneamente, as situações de domínio e subjugação nas relações de troca e ganho que se estabelecem entre quem compra e quem vende prazer. Assim, as representações de poder estabelecidas e vivenciadas durante as práticas sexuais comerciais encontram-se também diretamente relacionadas aos fatores socioeconômicos envolvidos nas relações “travadas” entre boys e clientes.

Tem até delegado... juiz, desembargador, candidato, tem até um aí grandão que tá aparecendo na televisão, que é tudo bicha, mas na hora é tudo homem (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Tais representações de poder não são evidenciadas única e exclusivamente na imagem concreta do dinheiro em si, mas através de atributos e aspectos relacionados às imagens corpóreas dos clientes, tais como idade, objetos de uso, profissões e cargos. Assim, cabelos grisalhos, bigodes ou barbas e aspectos da pele, quando aliados a adornos como relógios, anéis de formatura, alianças e vestimentas, servem como indicativos de poder. Também os cheiros, através dos aromas exalados por perfumes, sabonetes e demais cosméticos servem ainda para referenciar status e tornam-se fundamentais ao estímulo do desejo que contribuirá para o grau de excitação. Neste sentido verifica-se que a intensidade do desejo parece simetricamente relacionada às simbologias que o dinheiro pode evidenciar. Perlongher (1987) sugere

que neste contexto a prostituição constitui assim, um dos dispositivos pelo qual o gozo se circunscreve na intercambialidade generalizada da ordem social do capital, onde “a diversão da energia libidinal no gozo perverso integra-se pelo pagamento, que traz consigo uma parte do circuito de intercâmbios e onde as intensidades e as emoções são negociadas ao preço da rua”.

Os atributos, sejam físicos ou materiais, mostram-se também como norteadores de relações sociais, definindo os espaços e conseqüentemente os comportamentos possíveis e adequados a cada situação. Do mesmo modo que as mulheres e os homens que se prostituem, os clientes separam seus espaços físicos, onde os papéis sociais tornam-se condizentes, precisos e ajustados para delimitar o que é de casa e o que dá rua.

É o que a gente diz: no mundo, de dia todo mundo é homem, a noite o que é homem vira bicha e quem é bicha vira rapariga. Você pode ver aí na alta sociedade, nas boates de frango, você ver grandão que é bicha, mas no dia a dia dele, no escritório, na firma dele, é homem. Todo mundo sabe que ele é bicha, mas não pode chamar ele de bicha, tá entendendo? (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO)

Esta divisão que também é temporal torna-se necessária e conveniente aos sujeitos para estabelecer as instâncias da transgressão e da moral em mundos isolados e devidamente separados. “A noite todos os gatos são pardos” e os homens podem se misturar para satisfazer e realizar seus mais devassos desejos e fetiches, encobertos pelos véus do segredo e da permissividade noturna. Neste sentido, “a ‘paquera’ ou deriva detém o flerte erótico. A rua é, certamente, o ‘microcosmo da modernidade’; torna-se algo mais do que mero ‘lugar de trânsito’ direcionado ou de fascinação espetacular perante a proliferação consumista: é, também, um espaço de circulação desejanter onde o dinheiro assume outras dimensões simbólicas, possibilitando um passaporte imaginário aos dois mundos, sem máculas, sem preconceitos, receios ou remorsos, pois que possibilita inclusive a compra do sigilo alheio relativo aos mais arcaicos instintos que só são possíveis aflorar no submundo do sexo negociável (PERLONGHER, 1987; CF. GARCIA, 2008). Dois mundos separados e interligados ao mesmo tempo, divididos entre noite e dia para demarcar diferenças.

Fry (1982) destaca que “pela faceta da exclusão social, a posição sexual ativo/passivo aflora por esse contexto, discorrendo sobre a imbricação dos sistemas de conhecimento da sexualidade com cosmologias religiosas e ideologias sobre raça, idade e outros marcadores sociais”. É neste sentido, especialmente, que a força da linguagem do sexo serve para expressar e determinar as concepções de hierarquia e igualdade, pautadas num contexto de disputas e convivências que também geram prazer. Prazer que se torna também relacional e situacional na medida em que vários fatores correlatos encontram-se interligados e inseridos.

Eu faço por prazer e por dinheiro, porque a pessoa ali tem que ter prazer. A pessoa tá tendo prazer. Porque se não tiver prazer não rola nada. [...] Prazer é a pessoa se sentir bem, é ter prazer realmente (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

2.6. O Tamanho do Pau e o Tamanho do Prazer

Nos atos sexuais de cunho comercial, diferente do que se poderia imaginar, o prazer que nem sempre é sexual se estabelece como um dos principais fatores de excitação e estímulo sexual, viabilizando as práticas sexuais por parte dos boys de programa. Este prazer descritivo e que muitas vezes encontra-se vinculado ao desejo e atração física que sentem por determinados clientes, mostra-se um fator determinante para a efetivação das performances sexuais, bem como para a validação e valoração da virilidade que se dará através da excitação.

Rapaz eu digo uma coisa, quando uma pessoa se presta para estar num quarto com outra pessoa é porque rola prazer... Não tem essa conversa. A pessoa que se passa... Porque se não tiver prazer como é que vai ficar de pau duro? O cara vai ficar lá só olhando para cara do frango? (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Esta mesma excitação assumirá também outras configurações valorativas relacionadas à saúde e potência sexual do boy. Se tornará símbolo concreto de masculinidade, transfigurando-se em força na imagem visual de um pênis ereto.

Imagem esta, que quando relacionada a outros atributos relativos a tamanho e/ou espessura poderá se estabelecer como fator de referência valorativa em relação à masculinidade de um determinado sujeito.

O mais valorizado é o normal (risos). Assim, 17 cm é normal. Não tem diferença de preço. Não. É a mesma coisa. Agora a quantidade de cliente varia, porque tem gente que diz: eu queria um pau maiozinho. Aquele boy é pequeno não dá nem pra se satisfazer (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Neste aspecto, o corpo enquanto entidade não exclusivamente biológica parece se tornar dotado de autonomia própria, mesmo sendo este construído pela, e na cultura na qual está inserido. Santos (2008) ao analisar as relações de poder envolvidas na prostituição em espaços privados na cidade de São Paulo, tenta avaliar qual a importância dos corpos de clientes e michês para a troca de sexo por dinheiro entre homens. Defendendo o argumento de que “é através do corpo que são objetificados os desejos e tais relações de poder, verifica-se que a conformação física de cada boy de programa indica marcadores de diferença e de subjetivação, o que os torna mais ou menos desejáveis por este ou aquele cliente. Para os boys, o corpo em suas formas, torna-se seu maior atributo de negociação e das relações de poder estabelecidas entre eles” (SANTOS, 2008).

Em Recife, tanto nas ruas, quanto nas saunas, verifica-se através das leituras dos corpos uma busca pela valorização da masculinidade ou o que, pelos menos discursivamente, é validado como masculino. Neste sentido, o boy-ativo de Recife guia-se pelo mesmo referencial de masculinidade verificada no michê-viril descrito por Perlongher (1987). A exibição do pênis ereto, salientando medidas e espessuras tentam evidenciar através das performances de masculinidade uma suposta superioridade e potência sexual. Santos (2008) destaca em sua pesquisa que, “michês mais ‘bem dotados’, com corpos mais bem trabalhados, ‘malhados’, com membros sexuais considerados maiores que a média pelos clientes, têm mais poder de negociação, tanto no ganho monetário como em posições sexuais que seriam, supostamente, inadmissíveis para um homem”. Contudo, verifiquei que contrario a estes pressupostos, os boys de programa de rua em Recife, quando questionados sobre a existência de

diferenças nos valores vinculadas ao tamanho dos pênis, justificam que o corpo como um todo, e não apenas o pênis, figura como objeto de desejo por parte dos clientes.

Eles dizem mais que eu sou bonito, que gostaram do meu rosto que foram com minha cara e pronto, só isso... A parte que mais falam é a bunda e as pernas... Dizem que tá ótimo meu corpo, que não gostam muito de caras malhados. Que não gostam muito de músculo e eu não sou malhado. Sou um cara bem dizer corrido... e também não gosto de malhar, essas coisas... Eu quero meu corpo normal (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

Em alguns depoimentos verifica-se que o corpo torna-se a referência num primeiro momento, onde rostos, posturas, envergadura muscular e estaturas, compõem um conjunto simbólico que pode ser traduzido pelos clientes como fator de maior ou menor atração. Entre os clientes e os próprios boys de programa os significados atribuídos ao pênis se mostram contraditórios e divergentes. Por um lado, os boys de programa desmistificam as fantasias recorrentes de que “o tamanho do pau do boy é proporcional ao tamanho do prazer do cliente” (evidenciado também em Perlongher, 1987), valorizando mais suas performances justificadas por outros atributos de masculinidade, que não se concentram necessariamente no pênis, mais num corpo unificado.

Depende mais do desempenho do boy. Às vezes tem boy que tem material grande e não sabe usar e tem boy que tem o material normal ou pequeno e sabe usar e tem mais valorização do que o do pausão. Agora... Ele pode ter uma rola do tamanho de um poste. Se ela (bicha) gostou do toque, você bota aquele poste todinho dentro dela e ela não vai sentir nada... porque ela gostou do toque que você deu nela e pela conversa que vai tendo com os dois (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Também diferente dos discursos dos boys paulistanos, o prazer torna-se evidenciado em todas as entrevistas e conversas informais concedidas pelos boys de programa de Recife. Este prazer, muitas vezes, revela-se fundamentado na atração física e no desejo sentidos por parte dos boys em relação a alguns de seus clientes. Essa atração que desperta desejo encontra-se diretamente vinculada ao corpo

entendido como atraente. Assim a estética do corpo aparece como fator fundamental de sedução e atração sexual em igual intensidade para as partes envolvidas.

Pra mim tem gente bem vista, têm pessoas presença, pessoas bonitas. Eu acho as pessoas bonitas... E assim eu acho a pessoa bonita, no caso... (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

No descritivo dos clientes, as estigmatizações corpóreas são ressaltadas de forma explícita, diferenciando tanto o tipo de tratamento como o prazer, envolvidos num programa. Barthes (1977) destaca que “o corpo intervém diretamente na definição do contrato entre os boys de programa e seus clientes, onde são atribuídos valores ao corpo próprio e ao corpo do outro” (CF. PERLONGHER, 1987), ao passo que o próprio Perlongher (1987) postula a existência na prostituição de uma operação de expropriação/confiscação dos corpos, que objetiva nada mais, nada menos, que estabelecer as equivalências entre o nível das intensidades pulsionais e os valores monetários. Esta operação torna-se então um dos mecanismos básicos da negociação, onde a preferência pelo corpo esbelto e de boa aparência são ressaltados em relação aos tantos corpos gordos, magros, de baixa estatura e peludos, por parte dos boys de programa.

Tem gente de presença, tem muita pessoa gorda, magra, mas tem muita gente bonita também que se soubesse nem precisava pagar (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Apesar das diferenciações relativas e identificadas nos corpos dos clientes, não se constata recusas na efetivação do “negócio” por parte dos boys entrevistados. Porém em alguns casos, observa-se que o prazer torna-se fator de manipulação, que pode se dar através das estratégias aprendidas e desenvolvidas ao longo de suas atuações ou ainda respaldadas em fantasias eróticas vividas e/ou imaginadas, onde vários personagens podem ser alçados como objetos e instrumentos de estimulação sexual, sejam eles ex-clientes ou mesmo companheiras. Neste sentido a manipulação do prazer tem como objetivo principal o gozo do cliente, configurando o fim do acordo e efetivando a conclusão do programa.

Mas dá porque é uma imaginação que a gente tem na mente. Eu fecho o olho. Meto com um frango e imagino que estou metendo com uma boizinha... Beijando, a pessoa se distrai, o que a gente tá imaginando que esta fazendo como uma mulher e fazendo com ele e pronto. Ele fica na dele e a gente tá fazendo nosso trabalho (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO)

Neste jogo de sedução, e excitação mecanizada, outros fatores se encontram relacionados, tais como, experiência do boy de programa, condições físicas e emocionais dos mesmos, valores monetários estabelecidos no acordo e recursos visuais disponíveis. Em algumas situações os filmes eróticos, sejam de temática hétero ou homossexual, servem como estimulantes, principalmente quando o cliente não desperta o tesão ou apresenta atrativos físicos capazes de provocar a excitação do boy.

Não. A pessoa tá lá no hotel, tá com a pessoa, tá vendo um filme, se empolga com o filme, ele fica fazendo as caricias na pessoa, aí a pessoa. [...] Eu me excito pelo que ele está fazendo em mim e pelo filme que eu estou assistindo (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

Porém em vários depoimentos se constata que os atributos físicos dos clientes não interferem nas performances e desempenho dos boys de programa, nestes casos a excitação sexual parece, muitas vezes, estar diretamente relacionada ao prazer em ser cortejado, admirado e desejado. Exemplo disso pode ser constatado em boates, onde os boys que se apresentam exibindo corpos jovens, perfeitamente malhados e bem torneados, quase sempre, formam parcerias com clientes bem mais velhos, com copos desprovidos de qualquer atrativo físico. Talvez neste sentido, o prazer consista na suposta constatação da maior vitalidade e superior virilidade empregada aos corpos considerados saudáveis. Observa-se nestes casos, uma supremacia do boy em relação às mariconas, que também se traduz em relações de poder, tanto que os valores estabelecidos para estes programas, geralmente, são mais elevados.

Ainda em relação ao gozo durante as relações com os clientes, observa-se contradições discursivas. Alguns boys de programa destacam, como observado por

Perlongher (1987), a manipulação e controle da pulsão orgástica, possibilitando o atendimento de um maior quantitativo de clientes.

[...] A gente que está sendo pago, a gente encontra um meio de chegar logo, de apressar a transa... Porque é assim também, quem é garoto de programa, não goza no programa. Ele só faz ouriçar, ele não goza, ele só goza no ultimo... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Desta forma, questões relacionadas à idade, tempo de atuação e experiência dos boys de programa, parecem determinar também a relação do gozo e do rendimento físico e monetário dos mesmos. O gozo do cliente torna-se o grande objetivo e fator norteador da transação comercial, pelo qual se paga ou se recebe. Os programas são definidos, negociados e respaldados no ato de gozar, onde as relações de poder estabelecem procedimentos e classificações que transformam pessoas em objetos. Neste sentido, o boy de programa, ou seus atributos desejosos, parecem se tornar “coisificados” de forma simbólica pelo dinheiro. Ao passo que para muitos boys os clientes assumem significações dialógicas relativas a “apenas mais um”, destituído de seu caráter humano enquanto pessoa. Essas objetivações tornam-se então relacionais, onde as relações de poder mostram-se subjetivas e situacionais.

Aí, pra ele dá outra gozada, ele tem que paga de novo (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

É neste sentido que o gozo dos boys-ativos representa um grande trunfo. Enquanto para eles o ato encontra-se vinculado diretamente a uma valoração monetária negociável, para o cliente pode assumir conotações simbólicas do prazer compartilhado. Neste sentido a ato de pagar o gozo do boy relaciona-se, mais uma vez, a uma relação de poder onde quem paga controla inclusive os impulsos mais íntimos de quem vende.

Mas aí ele tem que pagar para eu gozar. R\$ 100,00. Ele paga minha noite. Porque se eu gozar agora com ele eu não vou voltar pra rua na mesma hora. Se chegar outro carro, não vai conseguir levantar... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Já entre os boys-ativos, com menos idade e menor experiência, o gozo mostra-se frequentemente relacionado ao prazer das partes envolvidas num programa. Não é apenas o gozo do cliente que configura a conclusão do serviço prestado, mas também a própria satisfação sexual.

[...] Gozo pelo prazer. Tem vez que ele paga só pra eu gozar. Ta passando um filme bom... Estou mais ligado no filme, estou gostando mais do filme, estou abusado com o cliente. Estou secando a tela, eu vou e gozo. Eu tenho prazer em ver o jato (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Também nestes casos, o ato de gozar aparece como fator definidor da atuação dos boys. Contudo, aparentemente, fatores como a atração, tesão e satisfação, em relação a determinados clientes, mostram-se como elementos discursivos, podendo evidenciar o possível estabelecimento de um processo seletivo que definirá com quem gozar. Assim constatar-se-ia que contrário às falas, os boys de programa também “escolhem” seus clientes, realizando com estes os seus desejos e prazeres traduzidos em gozos.

Gozo... Geralmente quando eu saio, eu só saio uma ou duas vezes no máximo, não saio mais que isso não (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

Independente ainda das diferenças ressaltadas pelos boys de programas, em todos os discursos, o prazer parece figurar como fator fundamental para justificar suas inserções, práticas e permanência na prostituição, inclusive nos casos onde dificuldades econômicas são salientadas como fatores determinantes.

Eu estou desde os 12, já estou a 16 anos nas ruas. Se cansa? Não. É bom porque a gente conhece muita gente diferente. Eu comecei por dinheiro, já ganhei muita coisa. Já comprei uma casa pra minha mãe... Hoje, faço porque preciso. Porque eu gosto e preciso também. Não é só por dinheiro... Não. Não, é porque gosto também (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Assim, no contexto da prostituição masculina o fator econômico parece se vincular diretamente ao prazer, configurando muitas vezes, uma forma simbólica de valoração, tanto integradas a valores negociados para a realização dos programas,

como em ganhos agregados em forma de presentes ofertados pelos clientes. Neste aspecto, verifica-se que a prostituição torna-se uma atividade rentável e diferentemente do panorama apresentado por Perlongher (1987), muitas vezes, passa a ser reconhecida enquanto profissão por parte dos boys de programa de Recife.

É a aquela coisa. O pau ficou duro. Botou. Gozou. Veste a roupa e vai embora. Afinal de contas eu sou profissional [...] Com certeza, sou Boy. Me considero... Sobrevivo dos programas. Só... (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

2.7. Construindo as Performances de Gênero

Apesar de suas diferenciações, nos dois sistemas classificatórios – boy/bicha e gay/gay - apresentados por Perlongher (1987), o ânus enquanto zona erógena continua sendo, de forma figurada, o foco de tensões e conflitos. Neste sentido, o negócio do sexo entre homens se transforma em um grande jogo, onde o poder e a sedução parecem ser as cartas que estabelecem os valores de suas apostas. Se o ato de penetrar o cliente garante ao boy a supremacia de sua masculinidade, inversamente, o fato de ser penetrado o destitui da posição de macho viril e dominador. Ao ser penetrado, o boy de programa perde inclusive o status de boy e passa a ser reconhecido como “frango” igual aos clientes passivos. Desta forma, o grande dilema que margeia as relações de poder no fenômeno da prostituição masculina parece centrar-se no ânus e não no pênis. Resguardando o ânus, “zona proibida” para muitos garotos de programa, este parece resguardar sua masculinidade. Neste sentido, o homem não é frango porque “come” outro homem, mas sim porque “dá para outro homem”. Desta forma, a região anal se configura enquanto símbolo de força e cobiça, tanto que no universo da prostituição masculina, o boy muitas vezes, cobra e ganha mais para ser penetrado.

É assim. Na questão do sexo é aquele preço. De R\$ 30,00 a R\$ 40,00... Mas se quiser alguma coisa a mais, tá entendendo?... Aí ele tem que pagar o preço que a gente acha justo... Mas é assim, tem boy que rola

tudo. Ele diz logo para pessoa: faço isso e faço isso também. E tem boy que diz: faço isso, mas tem que ter a mais... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

No contexto simbólico das relações de poder, o fato do cliente “comer um boy” parece lhe outorgar um duplo poder. O poder de subjugar quem já se reconhece subjugado - o boy. Socialmente o sexo para o boy tem valor de troca e ganho econômico onde a honra, muitas vezes, parece concentrada numa zona proibida: O ânus. Esta zona erógena, mesmo que simbolicamente, se estabelece como divisor de águas e fator determinante para as construções de identidades, sobre as quais irão se desenvolver os processos estruturadores das performances de gênero que respaldarão suas práticas sexuais comerciais.

Vai rolando. O que der pra fazer faz. [...] Por exemplo, se quiser me comer. Eu digo: quieto. Sai por aí.[...] Tu estás perdendo tempo. Aí não. [...] É duas brigas, o que tu gosta eu também gosto. Desisto. Deixa pra próxima (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Estas performances de gênero definem subcategorias, subdividindo o grupo e possibilitando o convívio entre os iguais. Todos divididos e guiados por uma:

[...] histeria em torno das ‘comportas do ânus’ – suposta elisão que é, em verdade, desencadeante de uma proliferação de alusões e toques – parece corresponder a certa atração pela margem, onde essas práticas se envolvem, em virtude da ligação histórica entre homossexualismo e delinqüência (PERLONGHER, 1987).

Assim, não só as identidades de gênero, mas suas performances correlatas vão sendo construídas e estruturadas a partir destas relações subjetivas e simbólicas, que tanto os boys quanto os clientes desenvolvem em relação ao ânus (BUTLER, 1999). Segundo Santos (2008), as várias relações de poder que se encontram inscritas nos corpos dos boys e dos clientes re-dimensionam o discurso sobre as categorias de gênero, pautadas no modelo ativo/passivo. Se por sua vez o ativo mostra-se valorizado devido à performance mais próxima ao gênero masculino através do estereótipo do másculo; o passivo torna-se dominador também na relação sexual e com poderes de desmoralização ao comer inversamente o pau de seus supostos “dominadores”. Assim,

mais uma vez, o ânus ao invés do pênis mostra-se como instrumento de força, vinculada muitas vezes, ao ato de “comer alguém”. Se a relação de poder está pautada neste sentido metafórico, a cultura popular parece já validar há muito tempo, hipótese equivalente ao superior poder do ânus, afinal como diz o ditado popular: “quem come é quem engole”. O sentido de engolir, aqui aparece como mediador de forças. Se para o boy sua força se traduz em masculinidade figurada através do tamanho do pênis, para o gay passivo a força consiste em aguentar ou suportar a penetração, muitas vezes, com o intuito de desmoralizar o machão. Neste sentido, recorro mais uma vez aos depoimentos de Marcos - o divorciado, ao relatar suas aventuras sexuais pelo centro da cidade.

Uma vez conheci um boy que se vangloriava do tamanho do pau. Vivia falando pra todo mundo que era grande, grosso e que adorava arrombar cu de homem. Sentia prazer em ver o cara gemendo até gritar de dor. Marquei com ele e fui pro meu apartamento. Era uma caceta³⁸ imensa. Tirei até foto pra guardar de lembrança. Pensei comigo: vou engolir até o talo. Aí disse pra ele: vem, vem fazer a mamãe sofrer. Me fudi todinho, mas mostrei pra ele que era mais macho. E não gritei para não dá o gosto. No final ainda disse: quando quiser de novo é só dizer. Mas é claro que nunca mais... (MARCOS – O DIVORCIADO, 55 ANOS, BRANCO. DEPOIMENTO PESSOAL, 2008).

Entre os boys de programa o significado de força, empregado no ato da penetração via cliente, muitas vezes, é correlacionado e justificado pelo prazer que sentem ou podem sentir ao ser “comidos”.

Rapaz eu acho os dois, porque é aquela coisa. Ninguém vai querer dar seu “cu” por causa de dinheiro. A turma dá, mas dói. Dói. Eu já comi muito e já escutei muito falatório, então ele só dá por prazer (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

Relativo ainda à supremacia do passivo, no exemplo destacado por Santos (2008), o depoimento de um cliente explicita que este suposto poder, muitas vezes, parece subjetivado na prática discursiva. Desta forma, a fantasia relacionada à força de

³⁸ Caceta: Termo figurativo referente ao pênis.

quem come e quem aguenta ser comido, figura no campo erótico, onde estas podem dar um “toque especial” na supervalorização de alguns aspectos das histórias contadas.

Porque cacetão é coisa de macho... Porque agüentar tudo aquilo dá prazer, é uma forma de se superar, de se mostrar mais viado, que os outros viados, de se mostrar mais devasso que os outros. Não é a toa que chamam de poderosa, quem agüenta um pauzão. E tem as fantasias sobre um cara cacetudo... Ele vai me arrombar, me detonar. Porém, eu vou aguentar e no final vou ganhar. É uma competição, no final de contas. E é uma competição onde o passivo, tido como o lado mais fraco, no final, é o vencedor. Ele se supera, supera os demais passivos e mostra pros ativos cacetudos, que o cacetão não é tão poderoso quanto se imagina (L, CF. SANTOS, 2008).

Dentro desta nova configuração do prazer relacionado ao poder, talvez o sistema classificatório de entradas, proposto anteriormente para os boys de programa possa servir também como referência aos clientes.

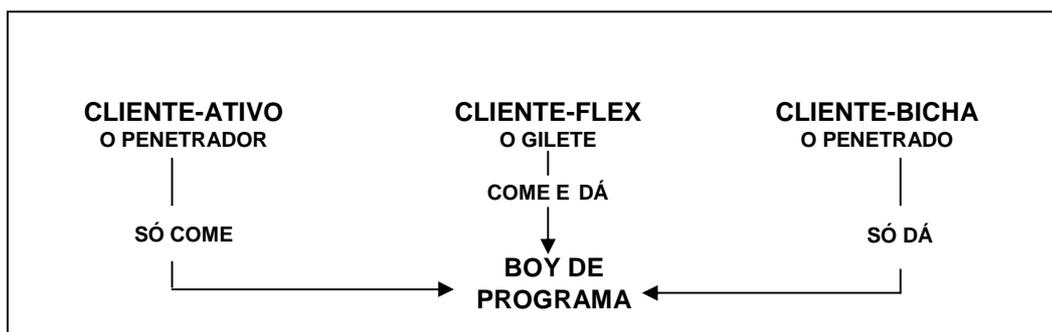


Ilustração nº 02

O cliente pode tanto pagar para comer quanto para ser comido por um boy de programa, considerando a variável de entradas e possibilidades disponíveis ou previstas antecipadamente nas relações sexuais estabelecidas. Dentro destes parâmetros, o cliente envolvido numa relação, onde comerá o boy, se tornará também dominador pelo fato de penetrar. No caso inverso, onde o cliente será comido, ainda assim, se manterá como dominador por ser o agenciador do ato, ou seja, o ator social que paga e logo define as regras.

Contrariamente nos discursos dos boys-ativos, o ato de ser penetrado o coloca numa posição inversa, subjugado aos caprichos do cliente que paga e estabelece o

controle da situação. Para eles, neste momento o cliente detém o poder, ao passo que o boy torna-se “inferior” e perde o jogo.

[...] Se for um boy que a gente conhece e rola tudo, a gente diz que ele é a bicha. Assim, porque um cara feito eu, que sou ativo, porque eu não dou, eu sou homem. Mas a bicha não, já vai dando... Mas é normal” (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

No sistema de subcategorias que moldam as práticas sexuais entre os homens que se prostituem, a diferença torna-se o fator de demarcação de identidades e da definição das performances de gênero, pois que, se de um lado o boy-ativo se reconhece enquanto homem não homossexual por valorizar o “papal de comedor” na relação com o cliente, mesmo relatando sentir prazer sexual com outros homens, ainda que as relações sejam puramente de caráter comercial; o boy-bicha não necessariamente abdica de sua virilidade ao se reconhecer enquanto homossexual e adotar o papel inverso – o de comido. Ainda seguindo Gagnon (2006) ao se analisar o processo de desenvolvimento sexual humano não se pode desconsiderar suas flexibilidades e descontinuidades, e muito menos deixar de reconhecer nossa imensa capacidade de adaptação ao nos depararmos ou criarmos novas situações e circunstâncias.

Às vezes chega um homem que só dá o outro lado, mas quer é um boy que seja só passivo... Não quer que ele seja ativo (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Essa complexidade de variantes e fatores envolvidos na sexualidade humana seja de cunho cultural, social ou psicológico, demonstram que os sistemas classificatórios e as categorias, envolvendo posturas sexuais e performances de gênero tendem a mostrar-se flutuantes e/ou fluidas, a fim de, permitir o atendimento das exigências de, e em, determinadas situações vivenciadas por um sujeito (BUTLER, 1999). Neste prisma, um boy-ativo poderá ainda assumir uma postura “liberal” para possibilitar a prática de posturas e condutas sexuais não condizentes com sua identidade. Porém, tais condutas e práticas, por sua vez, tornar-se-ão condizentes ao assumir uma identidade de boy-ativo-liberal momentânea. O que não o prejudica, e

menos ainda, o compromete em sua compreensão e reconhecimento de si enquanto boy-ativo. Do mesmo modo, em determinadas ocasiões, ainda que eventualmente, o boy-bicha exercerá o papel ativo na relação sexual junto ao cliente. Isso se tornará possível ao adotar uma identidade, também momentânea, enquanto boy-gilete para posteriormente voltar a sua identidade original.

Nesse cenário de sexualidades transformadas, e por vezes re-inventadas, verifica-se a existência de uma dinâmica sexual peculiar e específica que parece se dá através de um “processo de combinação e recombinação descontínuas e contínuas de recursos culturais e psicológicos, a fim de atender a exigências adaptativas” (GAGNON, 2006). Tal processo se fundamenta em parte, “nas maneiras pelas quais os projetos e as metas culturalmente fornecidos às pessoas contêm as motivações do comportamento” e, em parte, “no papel que estes projetos têm na moldagem e coordenação das atividades verbais e não-verbais envolvidas na conduta sexual” (GAGNON, 2006).

O boy-ativo é mais valorizado. Tudo do boy. Porque o boy ativo se prende mais, tá entendendo? Se prende. Eles (os clientes) conversam pra ver se o boy faz alguma coisa diferente. Mas quando ele paga um cara que faz os dois lados, ele já sabe o que vai acontecer (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Neste sentido, “fazer alguma coisa diferente” assumiria uma concepção simbólica de normalidade ou anormalidade contrária às identidades, que neste aspecto, encontra-se referendada na concepção histórica do homossexualismo enquanto transgressão sexual. Numa pirâmide de projeção subjetiva da valoração moral, o boy-ativo encontra-se no topo. Ele só “come” e portanto “não faz nada de diferente”, o que permitirá que continue se reconhecendo e sendo reconhecido como homem. Na base, encontra-se o boy-bicha, que recebe para ser penetrado, mas que por isso, pode ou não se reconhecer enquanto gay. Contudo, este, independente de suas convicções será reconhecido como bicha pelos clientes e pelos boys-ativos.

O ativo é o boy, e o que faz as duas coisas é gilete... Não, é só gilete... Ele é só gilete. E o boy que só dá é bicha (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Assim, verifica-se que o ânus, muito mais que o pênis, torna-se o grande demarcador das diferenças. O que separa um boy-ativo-liberal de um boy-gilete é fato de um ser penetrado e o outro não, contudo, o primeiro não se reconhece ou é reconhecido enquanto gay, mas como uma espécie de homem mais flexível, ou mesmo entre os boys, como um puto que vende sua honra. O Boy-flex, mesmo reconhecido como puto, em alusão direta a posição de prostituto, não deixa de ser homem. Ele fere a honra do homem, se torna indigno, mas se mantém como homem, uma vez que após a prática sexual retorna ao seu papel social masculino.

Sei lá. Isso não é digno de um homem, não (MARCOS, 18 ANOS, BRANCO).

Se o boy-ativo não abdica de seu papel social masculino tanto no espaço público, quanto no espaço privado, não corre o risco de se tornar indigno, mesmo “comendo” outro homem, seja esse efeminado ou hipermasculinizado. Em contrapartida, o boy-bicha ao assumir performances de gênero reconhecidamente como pertencentes ao feminino, abdica de sua masculinidade e fere as regras do jogo.

No dancing de uma boate, Andréa Facada, 30 anos de idade, que faz programa como boy-gilete e também “montada” realizava um mini show, apresentando coreografias ao som de uma música no estilo brega. Em determinados momentos, o gogo-boy, que também faz programa como boy-gilete, e divide a cena com ela, começava a rebolar. Nestes momentos a dança é sempre interrompida em sentido de reeprensão, por parte de Andréa, até que o boy volte ao seu posto de masculino, ou pelos menos, até que adote as performances que a diferencia enquanto feminino. No aspecto das diferenças entre as categorias da prostituição homossexual masculina, verifica-se, ainda que raramente, boys de programa que se dividem em duas ou mais categorias sexuais. Assim, um boy-flex poderá se portar como boy-ativo em um determinado momento e/ou espaço, e como boy-bicha em outro. Assim, o que diferencia e identifica são meramente as performances adotadas.

Segundo Andréa, suas performances mudam conforme a demanda do mercado e dos territórios que frequenta. Quando atua como boy, incorporando uma espécie de falso boy-ativo, o valor dos programas tende a ser maior. Porém sua flexibilidade

performática permite-lhe ainda atuar como boy-gilete ou “montada”, espécie de falsa travesti, como prefere se autodenominar por não se reconhecer totalmente como tal. Desta forma, verifica-se que Andréa, tanto quanto os demais boys de programa mostram-se performáticos, com maior ou menor flexibilidade quanto à capacidade de agenciamento (BUTLER, 1999; RIOS, 2004).

Outras situações, onde as performances de gênero são agenciadas e se mostram claramente relacionais e situacionais podem ser verificadas nas noites, principalmente aos finais de semana. Durante um dos “sambões” promovidos por uma boate do centro da cidade, um boy negro, forte e alto, de cabelos curtos e olhos de serpente, devido a lente de contato, que sem camisa deixa a mostra o corpo esculpido, chega gingando ao ritmo do samba. Marca presença e demarca espaço ao se dirigir até o grupo musical. Faz uma louvação e sobe no “prato” - espécie de palco ou pequeno praticável em madeira - instalado no meio da roda de samba. Seus gestos passam a se tornar cadenciados ao ritmo da música. Nas pontas dos pés, o negro se transforma em uma passista das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro. Não é mais um boy, mas sim, uma mulata que rebola e gesticula em agradecimentos ao público que o prestigia. Ao final, descendo do palco, a passista volta a incorporar o boy e se retira novamente para o dancing. Tal como “Andréa Facada”, o “Boy Negro” evidencia a flexibilidade possível no agenciamento das performances de gênero, demonstrando que estas não são construídas em padrões rígidos e definitivos (BUTLER, 1999). Ao contrário, como parece, tais performances são estruturadas de forma a viabilizar mudanças constantes, permitindo aos boys de programa circular por várias dimensões simbólicas ou concretas, de acordo com as necessidades, desejo e circunstâncias que se apresentem em determinados momentos ou espaços (GAGNON, 2006).

Rios (2004) postula que existe de uma “pluralidade de performances e sentidos relativos ao gênero dos homens que, em certos níveis de análise, se desdobra na diversidade de posicionamentos identitários, e/ou, em outros níveis, na dificuldade muitas vezes encontrada em assumirem uma identidade compartilhada”, que a meu ver parecem contribuir de forma significativa para a demarcação destas diferenças. Discursivamente, apesar de denotarem certa flexibilidade e permissividade quanto às práticas relativas ao sexo oral e/ou sexo anal, de acordo com as categorias, e mediante

solicitação e pagamento adicional por parte dos clientes, muitos boys de programa fazem questão de consolidar e validar diante destes uma identidade masculina.

Rapaz, eu sou ativo, né?... Rola só carinho, abraços, sexo e rock holl... O ativo é o quem come? Com certeza. E o passivo é o que dá. (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO).

No relato do boy-ativo-liberal, nota-se ainda, que através desta auto-afirmação de uma identidade hiper-masculinizada muitas vezes posta em xeque pelos próprios clientes, e/ou mesmo, por amigos do “ofício” durante as conversas informais, os boys de programa buscam uma valorização monetária vinculada a um suposto desempenho diferenciado. Verifica-se que essa valoração encontra-se pautada na concepção comum entre os homens que se prostituem de que “todo gay gosta mesmo é de boy macho”, muitas vezes, validado no discurso dos próprios clientes.

Comigo não rola penetração, porque sou ativo. Aí só rola carinho. Não vai passar daquilo, beijo na boca, passar a língua no corpo dele, mas não passa disso, não vai rolar penetração. Mas a maioria que sai comigo é pra eu comer ele. É muito difícil alguém querer só um carinho (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CARO).

Neste sentido retorno mais uma vez às conversas informais, desta vez, com dois boys, sentados na mesa de um bar, onde um cliente os havia me apresentado. O assunto girava em torno das aventuras e desventuras dos boys de programa. Em dados momentos, suas histórias e contos eram supervalorizadas, tornando perceptível uma “batalha amigável” que se travava entre eles e o cliente. Roberto, boy-ativo, 35 anos de idade, negro, musculoso, casado, três filhos e 20 anos de carreira, se vangloriava mostrando o tamanho do pênis para quantos quisessem ver. Quando questionado pelo amigo sobre os clientes que pagavam para “enrabá-lo”, automaticamente responde: “Pagando, ele pode bombar no meu cu a noite toda. Mas garanto que meu pau não sobe... Porque sou macho”. Aproveito o momento para perguntar sobre o pagamento por parte de clientes que desejavam vê-lo gozar enquanto era penetrado. Roberto, responde: “Isso não. Meu pau não sobe. Eu não gozo com cliente”. Nem pagando mais? Pergunto eu, ao passo que, Bruno, boy-gilete, 26 anos, separado, o desafia afirmando: “Goza sim, negão. Se pagar mais tu goza no pau do cara, sim”.

Neste sentido, nas relações com os clientes, apesar de respaldadas nos mesmos modelos boy/bicha, verifica-se certas mudanças de conduta, pelo menos nos discursos, por parte dos boys de programa. As nomeações sofrem pequenas alterações significativas, talvez na tentativa de empregarem um tom mais respeitoso. Porém, o que se percebe não é uma mudança quanto à concepção da lógica relativa às masculinidades, mas uma mudança na concepção dialógica relativa aos conceitos, aos adotarem termos como a “mona” ou o “amigo”.

Não. É diferente. É assim, ele é a mona no caso e eu sou o boy. É. Eu sou o boy e ele é a mulher... (FÁBIO, 26 ANOS, MORENO CLARO).

Segundo Santos (2008), dentro destas configurações “ser ‘passivo’ na relação sexual com um boy ou um cliente considerado ‘afeminado’ é um sinal de desprestígio entre os boys de programa. Mas, tem que se considerar que, dentro do quarto nem sempre os boys considerados ativos na relação sexual são ativos. Neste aspecto o autor destaca: “vários informantes clientes me dizem que são preferencialmente ‘ativos’ e vários boys, por dinheiro ou por prazer relatam não se incomodarem em ser passivo”, fato também constatado em conversas informais com clientes de Recife.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Recife, a prostituição encontra-se fortemente institucionalizada enquanto fenômeno social que demarca diferenças. Dividida em modalidades, observa-se que, apesar da prostituição exercida por mulheres ser mais antiga, é o engajamento de homens nas atividades sexuais comerciais que tem evidenciado constantes e significativas alterações no cenário urbano da cidade, e por extensão, no comportamento de seus habitantes.

No final do século XIX a vida noturna do bairro portuário esteve ligada à boemia, às mulheres, à música, e conseqüentemente à “libertinagem”. O Porto do Recife figurou por muito tempo como impulsionador do comércio sexual, contribuindo para a manutenção da prostituição enquanto atividade comercial na região. O processo de territorialização, bem como, a mobilização da prostituição, sempre esteve diretamente relacionado a fatos e acontecimentos históricos nos quais a intervenção pública se fez presente. Se inicialmente as prostitutas circulavam pelas ruas do Recife Antigo, com a revitalização do bairro voltaram a ocupar os antigos espaços concentrados nos bairros de São José e Santo Antonio. Neste sentido, torna-se interessante observar como a vida boêmia, bem como a própria prostituição no Recife esteve por muito tempo atrelada economicamente a Igreja Católica, uma vez que, tanto os donos dos antigos meretrícios, como as prostitutas que residiam e/ou realizavam os programas nos antigos casarões, eram em verdade inquilinos da santa Casa de Misericórdia.

Nos anos oitenta, o estabelecimento de novos empreendimentos comerciais e opções de lazer no bairro da Boa Vista contribuiu de forma significativa para a emergência de uma nova modalidade do sexo comercial, exercida por homens e travestis, e configurada como prostituição masculina homossexual. Especificamente relativo aos boys de programa, verifica-se que o exercício da atividade mostra-se estruturado e organizado através da subdivisão de categorias identitárias (boys de rua, boys de boate e boys de sauna) e preferências eróticas (boy-ativo, boy-flex e boy-bicha). Assim, fatores relacionados a atributos físicos, idade, raça/cor e a classe social, mostram-se como fundamentais não só para a definição de categorias, como para a

demarcação de territórios. Neste aspecto, tanto os boys de programa como seus clientes, tendem a se distinguir entre si, pautados pelos mesmos critérios sociais, para estabelecer regras e normas específicas às práticas sexuais comerciais entre homens, tais como: valores monetários negociados para os programas, tempo de permanência do boy na atividade, práticas sexuais envolvidas, performances de gênero adotadas e identidades sociais.

Nos territórios reconhecidos como espaços públicos e privados de prostituição, verifica-se a intercambialidade quanto às possibilidades de acesso tanto por parte dos boys de programa, quanto por parte dos clientes. Assim, não é raro encontrar boys de sauna e/ou os boys de boates fazendo ponto nas ruas. Dentro desse contexto, os territórios mostram-se estabelecidos pelas diferenças e definem uma espécie de hierarquia da atividade. Os boys que frequentam as ruas do centro da cidade se diferenciam dos que transitam no bairro de Boa Viagem, tanto em status social, quanto em nível de escolaridade, indumentárias, estrutura física, e posturas corporais. Enquanto os primeiros são, em sua maioria, morenos e morenos escuros, de estatura mediana e mostram-se visíveis nas ruas, os boys da orla, em geral, mais altos, com corpos malhados e pele clara, passam despercebidos entre a população local.

No que se refere aos valores negociados junto aos clientes para a efetivação dos programas, constata-se que a variação tende a se estabelecer a partir dos territórios e espaços onde atuam. Assim, os boys de programa do centro, normalmente, cobram menos que os da Av Beira Mar e os de saunas e boates. Vale ressaltar ainda, que essas diferenças se firmam também entre estabelecimentos privados, uma vez que os valores negociados estão pautados no status social de seus frequentadores. Confirma-se então, que a situação socioeconômica dos clientes também figura como fator demarcador de diferença, estabelecendo a definição de espaços para atuação e uma seletividade quanto ao perfil dos boys de programa. Evidencia-se desta forma, que os mesmos fatores relacionados a idade, raça/cor e classe social, encontram-se diretamente envolvidos no processo de hierarquização da prática sexual comercial entre homens, sejam estes clientes ou boys.

Ao buscar reconstruir os processos históricos e psicossociais que levaram os homens investigados ao engajamento no trabalho sexual, passei a frequentar alguns

espaços e territórios da prostituição masculina, onde foi possível melhor analisar a dinâmica dos boys de programa. Em contatos diretos com os mesmos e também com clientes, muitas vezes, em conversas que se deram em ruas, bares, boates e saunas, pude confirmar uma certa uniformidade nos discursos dos homens que se prostituem em Recife. Advindos de comunidades populares localizadas nos subúrbios e municípios circunvizinhos, a pobreza torna-se recorrente como justificativa para a inserção na prostituição. A maioria dos boys de programa entrevistados não concluíram o ensino fundamental, o que parece comprometer suas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Imersos num processo de estigmatização, relatam de imediato, vislumbrar na prostituição “uma forma fácil de ganhar dinheiro” a fim de atender suas necessidades imediatas e conseguir acessar o “mundo dos ricos”. Evidenciam também, que a iniciação sexual dos meninos de comunidades populares, muitas vezes, encontra-se diretamente relacionada ao ingresso no mundo da prostituição. Ainda na infância ou adolescência, por volta dos 09 a 16 anos de idade, dizem aprender nas ruas as regras da vida e as leis da “sobrevivência”, descobrindo que o sexo pode se transformar em valiosa moeda de troca.

A presença de crianças e adolescentes se mostra evidenciada tanto em espaços privados, quanto em espaços públicos de prostituição masculina, localizados no centro e nos subúrbios da cidade. Assim, a prostituição enquanto fenômeno social mostra-se envolvida por expressões histórico-culturais, que fundamentam a comercialização do corpo dessas pessoas através da coerção, sedução ou ainda, do atendimento imediato às necessidades básicas de sobrevivência. É neste sentido que a exposição ao mundo sexual dos adultos, bem como seus envolvimento nas práticas sexuais comerciais, parece contribuir decisivamente para o processo de estruturação e construção de suas sexualidades. Suponho então, que dentro destas comunidades populares a prostituição se consolida como uma espécie de marco de passagem da vida infantil para a adulta, onde a própria sobrevivência, e em algumas situações, a da família, se apresenta como principal compromisso e responsabilidade para os meninos. Estruturada a partir das relações de poder, a prostituição infanto-juvenil masculina em Recife, se caracteriza pelas relações intergeracionais, onde normalmente, um homem mais velho seduz um mais novo através das possibilidades de ganho. Contudo, torna-se importante destacar

que este ganho nem sempre estará direta e unicamente vinculado ao fator financeiro, mas em muitas ocasiões, se encontrará relacionado às descobertas dos prazeres proporcionados pelo sexo.

O prazer, destacado pelos boys de programa entrevistados, revela certa contradição discursiva, denotando que outros interesses vinculam-se ao exercício da prostituição. As possibilidades de experimentar a sexualidade através das múltiplas vivências sexuais, das descobertas e da flexibilidade e/ou potencialização de limites, parecem integrar-se como peças de um jogo, onde o erótico viabiliza o agenciamento dos desejos. Assim, no processo de construção dos papéis de gênero, a estruturação de suas performances tendem a resultar de um processo de construção social contínua, onde a inserção no universo da prostituição, quando ainda crianças e/ou adolescentes, bem como as práticas sexuais na infância, destacam-se como fatores definidores e demarcadores das diferenças que contribuirão diretamente para a construção de suas identidades. A partir destas, parecem moldar suas condutas sociais e sexuais para respaldar o auto-reconhecimento e pertencimento aos grupos que compõe as categorias sexuais distintas.

Entre os boys de programa, tanto o processo de estruturação quanto a consolidação de suas performances, mostram-se diretamente guiadas pelas relações de gênero que darão sentido aos corpos. Neste sentido, contrário a Fábregas-Martínez (2000), considero não haver degeneração destes corpos, uma vez que, se no corpo efeminado das travestis ou dos boys-bichas evidencia-se a identificação com o feminino, ao contrário, nos corpos dos boys-ativos e boys-flex, pode-se verificar uma direta identificação com o masculino. Constato então, que independente do caráter público ou privado, estes mesmos corpos empregarão as regras normativas simbólicas de gênero para construir significados e se estruturar através das performances vinculadas à identidade sexual. Ainda em contraposição à autora, observo que em Recife, apesar de restritivas, por se pautarem no modelo biomédico, as categorias homossexualidade e heterossexualidade aparecem incorporadas e reconhecidas, ainda que de forma não generalizada entre os sujeitos que exercem a prostituição, como forma de explicar suas experiências sexuais. Mesmo considerando as diferenças conceituais relativas às categorias “homossexual” e “gay”, se faz necessário considerar

que os discursos e conhecimento acadêmico não fazem parte do repertório intelectual e cotidiano dos boys de programa. Talvez por isso, a homossexualidade, enquanto categoria de identidade mostre-se reconhecida e afirmada entre alguns dos boys entrevistados, o que a meu ver, configura a existência e o reconhecimento de uma prostituição homossexual enquanto modalidade da prostituição masculina na cidade.

Nesta modalidade, ancorada pela hierarquização fundamentada nos papéis de gênero, a dicotomia ativo-passivo envolvida nas práticas sexuais passa a ser percebida como categorias “boys” e “frangos”, e servem como referência e diferenciação comportamental associada ao masculino e ao feminino. É esta diferenciação que, construída culturalmente, se mostra traduzida nas relações de poder efetivadas através da subjugação e dominação entre homens. Neste ponto, ressalto, que mais uma vez, o gênero tende a matizar o discurso biomédico, uma vez que a submissão não se limita ao feminino, mas em algumas situações, ou ainda, em alguns momentos, se estende também aos homens, ainda que reconhecidos como bichas ou frangos.

As performances de gênero figuram então com fator diferenciador e norteador das condutas e práticas sexuais. Entre os boys de programa, os boys ativos se distinguem e se reconhecem enquanto categoria diferenciada e superior às demais. Normalmente se utilizando do estereótipo hipermasculinizado, tendem a valorizar seus atributos como forma de consolidar e reafirmar no social seu papel de “comedor”. Contudo, através dos depoimentos, pude verificar que no privado dos encontros e parcerias sexuais, nem sempre as condutas e práticas sexuais seguem modelos tão rígidos. Neste jogo sexual, que configura as relações sexuais comerciais entre homens e se pautam em relações de poder, entre quatro paredes, as regras podem, em algumas situações, ser renegociadas e reconfiguradas a fim de atender às solicitações e possibilidades que se apresentam.

Desta forma, para se compreender o processo de articulação entre as fontes privilegiadas de prazer corporal (atividade/passividade) e as performances de gênero (traços de masculinidade e feminilidade) no negócio do sexo, é necessário atentar para o fato do prazer ser evidenciado pelos boys de programa como elemento coadjuvante fundamental. Neste sentido, o prazer parece ainda potencializado quando relacionado, e às vezes, auto justificado através do senso comum popular da idéia do “homem

garanhão”. Esse papel de “comedor”, de significado sócio cultural, passa a se vincular diretamente ao processo de estruturação e construção das performances de gênero dos boys de programa, uma vez que suas identidades também são construídas a partir dos seus próprios conceitos subjetivos de masculinidade. Para alguns, esta masculinidade encontra-se diretamente relacionada ao fato de poder “comer” alguém, onde as relações de poder vão estabelecer relações de dominação e subjugação através do ato sexual. Este desejo de dominar que, muitas vezes, gera prazer aparece potencializado quando a subjugação encontra-se relacionada ao ato de comer um “cliente macho”. Evidencia-se então, uma relação de sobreposição de virilidades e destituição de masculinidades, onde a posição de penetrado fortalecerá a do penetrador.

Nas relações sexuais comerciais entre homens, contudo, esta dicotomia se mostra, muitas vezes relacional, considerando o fato do penetrado, em alguns momentos ou situações, poder se sentir ainda mais macho que o penetrador. Para alguns clientes, a fato de “comer o pau do boy”, destitui o boy de programa do lugar de machão. Pautados numa lógica inversa, onde “quem come é quem engole” parecem respaldar a supremacia do ânus, que enquanto zona erógena apresenta-se sempre, ainda que de forma figurada, como o foco de tensões e conflitos. Transformado num grande jogo, no negócio do sexo entre homens o poder e a sedução configuram-se como cartas valorativas de suas apostas. Se para o boy o ato de penetrar o cliente lhe garante a supremacia de sua masculinidade, inversamente, para o cliente, o fato de penetrá-lo o destitui da posição de macho viril e dominador. O boy de programa que é comido pelo cliente perde o status de boy e passa a ser reconhecido como “frango”, por se igualar aos clientes passivos.

O dilema envolvido nas relações de poder no fenômeno da prostituição masculina revela-se então, centrado no ânus e não no pênis. Sob o peso simbólico de significado sócio culturalmente construído, o ânus enquanto “zona proibida” para muitos boys de programa, deve ser resguardado, a fim de garantir o reconhecimento público de sua masculinidade. Dentro dessa lógica, o homem não se tornará, ou ainda será reconhecido enquanto frango por “comer” outro homem, mas sim por “dar para outro homem”. É neste sentido que a região anal se configura enquanto símbolo de força e

cobiça, tanto que no universo da prostituição masculina o boy, muitas vezes, cobra e ganha mais para ser penetrado. Socialmente para os boys de programa, o sexo assume uma representação valorativa estabelecida e justificável pela relação de troca e ganho econômico, onde a honra, muitas vezes, parece se concentrar única e exclusivamente no ânus. Esta zona erógena, ainda que simbolicamente, apresenta-se como divisor de águas e fator determinante para as construções de identidades, sobre as quais, irão se desenvolver os processos estruturadores das performances gênero que respaldarão suas práticas sexuais comerciais.

Em conclusão, considero que a complexidade de variáveis e fatores envolvidos na sexualidade humana, seja de cunho cultural, social ou psicológico, nos revela que os sistemas classificatórios e as categorias, que podem envolver posturas sexuais e performances de gênero tendem a se mostrar flutuantes e/ou fluidas, possibilitando o atendimento das exigências circunscritas em determinadas situações vivenciadas pelos boys de programa. No mundo da prostituição masculina, o erótico parece se pautar por uma lógica de transgressão e de inversão dos limites impostos pelos subsistemas de gênero e de sexualidade, traduzido nas qualidades envolvidas nas sensações, excitações e desejos que não se limitam ao privado e à vida sexual, mas que dão sentido a outras formas de experiência. Ressalto ainda que este contexto plural da sexualidade possibilita que as fontes privilegiadas de prazer corporal ganhem certa preponderância, mas sem contudo, deixar de marcar, ou se disfarçar, via performances de gênero, o aprendizado constante de novas e muitas formas de se obter prazer dos corpos. O que não impede que as práticas sexuais ganhem, também, valoração monetária à medida que são solicitadas ou oferecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia e SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ABREU, W. **O submundo da prostituição: vadiagem e Jogo de bicho**. Rio de Janeiro. Editora Record, 1998.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2004

ALMEIDA, Mariana Caldeira Brandt; Daher, Frederico. **As características da prostituição feminina na rua augusta e sua implicação no turismo**. PUC - Campinas, SP, 2003..

ANDRADE, Leandro Feitosa. **Prostituição infanto-juvenil na mídia – estigmatização e ideologia**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001

ARENT, M, 2001. **Introdução ao tema da prostituição masculina**. Disponível em: <http://copsa.cop.es/congrssoiberao/base/socia l.htm>. Acessado em:20 nov.2001.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Violência e Abuso Sexual na Família**. Psicologia em Estudo, V.7, n.2. 2002

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**, 2ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, LTC Editora, 1981.

ARRUDA, Ângela. **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. UFRJ – Rio de Janeiro. Caderno de Pesquisa n. 117, 2002.

AZEVEDO, M. A; GUERRA, V. N. **Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder** - São Paulo, Iglu Editora, 1988.

BACELAR, Jéferson Afonso. **A família da prostituta**. Salvador – BA. Editora Ática. Fundação Cultura do Estado da Bahia, 1982.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. tradução de Claudia Fares, Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, 2004

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: gênero e sexualidade na experiência transexual**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia/UnB, 2005

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Secretaria Especial de Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social – Brasília: MEC, ACS, 1990

BRUNER, Jerome. **Atos e significados para uma psicologia cultural**. Lisboa, Portugal, Edições Escuta, 1990.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: G.L. LOURO (org) *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*, Belo Horizonte; Autentica, 1999

CASTRO, Francisco J. Viveiros de. **Atentados ao pudor (Estudos sobre as aberrações do instituto sexual)**. Rio de Janeiro, Editora Moderna. In: MAZZIEIRO, João Batista. 1998. *Sexualidade criminalizada: prostituição e outros delitos*. Revista Brasileira de História. Vol. 18, nº3 5 – São Paulo, 1895.

CASTRO, Francisco J. Viveiros de. **Os delitos contra a honra da mulher**. Rio de Janeiro, Freitas Barros. In: MAZZIEIRO, João Batista. 1998. *Sexualidade criminalizada: prostituição e outros delitos*. Revista Brasileira de História. Vol. 18, nº3 5 – São Paulo, 1932.

CARVALHO, Sílvia Barbosa. **As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a fazer a vida no centro da cidade**. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2000.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. Recife/PE. Memorial Pernambucano, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo, Editora Ática, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo, Editora Escuta, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro, Editora Graal, 2004.

DILTHEY, W. **Psicologia e compreensão**. Lisboa: edições 70, 2002.

FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel; Renato Benedetti, Marcos (org), **Na Batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição**. Porto Alegre/RG, Edição: GAPA-RS, 2000.

FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel. **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. Org. Regina Maria Barbosa et al. Campinas, SP: Editora da unicamp, 2002.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª edição revisada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Kátia Maria Maia. **Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes**. Org. SILVA, Lygia Maria Pereira, Recife, PE, EDUPE, 2002

GAGNON, John H. e Parker, Richard G (eds.). **Conceiving sexuality**. Routledge, New York, 1995.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre a sexualidade**. Tradução Lucia Ribeiro da silva; Revisão técnica Sérgio Carrara e Horácio Sívori. – Rio de Janeiro; Garamond, 2006.

GANDELMAN, Luciana M. **Gênero e Ensino: Parâmetros Curriculares, Fundamentalismo Biológico e Teorias Feministas**. Org. Martha Abreu e Raquel Soihet. Ensino de História. FAPER – Casa da Palavra, 2003..

GARCIA, Wilton. **Prostituição masculina as alternativas de uma política sexual: uma abordagem semiótica**. Revista brasileira de sexualidade humana, Editora Iglu, 1996.

GARCIA, Paulo César. **Outras trocas afetivas na parceria de amizades masculinas na ficção de João Gilberto Noll**. SEMINÁRIO Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis / SC, UNEB, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro, LTC Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. SP: Unesp, 1993.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1988.

GÓIS, João Bosco Hora. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: FUNARTE/EDUFF, 2001.

GOOGLE **MAPS**. 29/04/08 as 14:48. <http://google.maps.com.br>

GOMES, Romeu. **Prostituição infantil: uma questão de saúde pública**. Caderno Saúde pública. Vol. 10, nº 1. Rio de Janeiro, 1994.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

GUIMARÃES, Kátia; Merchán-Hamann, Edgar. **Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Vol. 13, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª Edição, Editora DP&A, 2005.

JORNAL do comercio. **O sol e a prostituição**. JC on line 11.09.2001
Terça-feira – Editorial. <http://www2.uol.com.br/JC/2001/1109/editoria.htm> - 14:10 dia
25/04/08

LEAL, Maria Lúcia Pinto. **A Exploração Sexual Comercial de Meninos, Meninas e Adolescentes na América Latina e Caribe** (Relatório Final – Brasil) - CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes, 1999.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. **Adolescentes em Situação de Prostituição: uma análise sobre a exploração sexual comercial na sociedade contemporânea**. Psicologia: reflexões e críticas n.18, pp 413-420, 2005.

MAZZIEIRO, João Batista. **Sexualidade criminalizada: prostituição e outros delitos**. Revista Brasileira de História. Vol. 18, nº3 5 – São Paulo, 1998.

MOLINA, Ana Maria Ricci. **Trajatória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes**. ISSN 1413-389X Temas em Psicologia da SBP—2005, Vol. 13, no 1, 09 – 17, 2005.

MOLINA, Ana Maria Ricci. **Prostituição juvenil: uma condição existencial em busca de seus sentidos**. Psicologia: ciência e profissão. ISSN 1414-9893, versão impressa, 2003.

MOTTA, Sidney. **Papo cabeça com profissionais do sexo**. Edição: Beijo da Rua, 2002.

MOUTINHO, Laura. **Negociando com a diversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro**. Revista Feminina. Vol.14, nº 1 – Florianópolis/SC, 2006.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **A invenção do corpo feminino, ou A hora e a vez do nomadismo identitário**. Textos de História (Brasília) .8 n. ½. (Feminismos: Teorias e Perspectivas), 2000.

ORKUT. **Comunidade Garotos de Programa**, Recife, 18/05/2007 - 22:00. (<http://www.orkut.com/GLogin.aspx?done=http%3A%2F%2Fwww.orkut.com%2F>).

PASINI, Elisiane. **Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa**, Cadernos Pagu, nº 25, 2005.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador - culturas do desejo: homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

PEREIRA, Cristiana Schettini. **Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro no final do século XIX**. Cadernos Pagu, n.25, Campinas, SP, 2005.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógina**. São Paulo/SP, Perspec., vol 15, nº 3, p. 53-66. ISSN 0102-8839, 2001.

REIS, Tatiana. **Gênero, Corpo e Diversidade Sexual (Sexualidades)**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – ST 51 (CEAO/ UFBA) – Prostituição e Desejo. Florianópolis – SC, 2007.

REDE do **Sexo**, Recife, 18 de maio de 2007. <http://www.rededosexo.com.br>. 22:30.

RIOS, Luiz Felipe. **O feitiço de exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, UERJ/REDE SIRIUS/CB, 2004.

ROBINSON, Paul. **A modernização do sexo**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

RUBIN, Gayle. **Notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. Original: Thinking Sex – notes for radical theory of the politics of sexuality, in Pleasure and Danger: exploring female sexuality, Carole s. Vance, org.. London, Routledge and Paul, 1984.

RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Florianópolis/SC (UERN), 2008

SANTOS, Elcio Nogueira dos Santos. **Sexualidades, corporalidades, transgressões: Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês**. XIII Congresso Brasileiro De Sociologia – PUC - SP, 2008

SCHPUN, Mônica. (Org.) **Masculinidades**. Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, São Paulo, 2004.

SENA, Custódia Selma. **Resenha de prostituição: Artes e Manhas do Ofício**, Rogério Araújo. Revista Sociedade e cultura, julho-dezembro, volume 9, número 002, Universidade Federal de Goiás – Goiânia, 2006.

SDS - Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, **Dados Estatísticos sobre violência sexual de crianças e adolescentes no Estado de Pernambuco**. em 06/06/07 http://www.acao17.org.br/br/site/noticias/noticias_interna.php?publicacao=903

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

SILVA, Rogério Araújo da. **Prostituição: artes e manhas do ofício**. Goiânia: Câne Editorial, Ed. UCG, 2006.

SILVA, Hélio R. S. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rocco, Rio de Janeiro 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Edição SOS Corpo, Recife/PE, 1989

VANCE, Carole S. **Teoria da construção social: problemas na história da sexualidade** - Social construction theory: problems in the history of sexuality. Londres e Nova York, Editora Routledge (original). Tradução: Normando Viana, 1989.

VAINSENER, Semira Adler. **O Recife antigo**. Recife/PE. Fundação Joaquim Nabuco. (<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=312&textCode=3129>). 23/06/08: 14:07

VIOLES – **Grupo de Pesquisa sobre Violência e Exploração Sexual Comercial de Mulheres, Crianças e Adolescentes**. Universidade de Brasília SER – Departamento de Serviço Social/UnB, 2008.

ANEXOS

Roteiro de Entrevista – História de Vida Sexual

Dados de identificação:

Nome	
Idade	
Escolaridade	
Ocupação	
Bairro Residencial	
Estado Civil	

1. Análise do Contexto familiar:

- Constituída familiar (*Com quem convive / Qualidade da relação*)
- Estado civil (*Se casado – com que idade casou / circunstâncias que levaram ao casamento*)
- Nº de filhos (*quantitativo e idades*)
- Atividade profissional que desenvolve atualmente (*Tipo de atividade e renda*)

2. Contexto de Identificação:

- O que é prostituição para você?
- O que entende por prostituição homossexual masculina (michês)?
- Você considera a prostituição uma profissão?
- Quem são os garotos de programa que atuam nas ruas do Recife?
- Você faz programas?
- Quem são seus clientes

3. Análise do Contexto Sexual:

- Como se deu a descoberta do interesse sexual?
- Que idade você tinha?
- Com quem foi? (pessoa, idade, qual a relação de proximidade)
- Onde foi? (local)
- Como foi? (situação, de quem foi a iniciativa)
- Como você se sentiu? (sentimentos, desejos).

4. Análise do processo de engajamento no trabalho sexual:

- Quando foi a primeira vez que você fez programa?
- Como era o cliente? (aspectos físico, idade, aparência, sexo).
- Como aconteceu a abordagem? (como e onde se deu o encontro)
- O que aconteceu neste primeiro encontro?

- Como foi a primeira transa? (troca de carícias/desejos/práticas sexuais)
- O que achou da primeira transa? (aspectos positivos e negativos)
- O que você sentiu durante a transa?
- E depois da relação, o que você sentiu?
- Como se deu a negociação das práticas sexuais durante esta primeira transa?
- Houve algum tipo de remuneração? Qual?

5. **Contexto Econômico:**

- Há quanto tempo você desenvolve práticas sexuais com clientes homossexuais?
- Qual o perfil dos clientes que você atende?
- Quando e como é definida a remuneração relativa as práticas sexuais negociadas?
- Como estabelece valores pela relação sexual com os clientes?
- Existe variação de preço de acordo com as práticas sexuais desenvolvidas durante a transa?
- Como você se comporta durante a abordagem com o cliente?
- Quais os atributos são mais valorizados durante a abordagem?
- Quantos clientes você atende por dia?
- Qual horário você atua e quantas horas por dia?
- Quanto tempo dura a transa e a permanência com cada cliente?
- Quais os locais mais frequentes são utilizados para as transas com os clientes?
- Quem define o local e quem paga o valor pelo espaço?
- Como e em que momento é realizado o pagamento dos serviços?

6. *Contexto Territorial:*

- Quais motivos te levaram a fazer programas?
- Quando você iniciou suas atividades nas ruas?
- Como se deu a sua chegada perante os demais garotos que já atuavam nas ruas?
- Existe algum ritual de iniciação ou “batismo” para quem começa a atuar nas ruas? (como normalmente acontece e quem define esses rituais)
- Como você aprendeu ou descobriu os “macetes” das ruas?
- Em quais locais acontece a prostituição de rua em Recife?
- Quais as principais ruas onde você atua?
- Como e quem define as ruas para atuação?
- Em que outros espaços você atua e onde acontecem as práticas sexuais?
- Quais os dias da semana e horários em que você desenvolve suas atividades nas ruas?
- Como você identifica um cliente? Como eles se comportam?
- Como você aborda os clientes nas ruas?
- Como você se comporta diante do cliente? (performances de gênero)
- Esse comportamento varia de acordo com a identificação do cliente?
- Qual o melhor e o pior cliente para você?

- Quais os principais riscos relacionados a prática da prostituição? (violência, HIV, prisões, identificação).
- Existe disputa de clientes ou de espaço entre os garotos nas ruas?

7. Contexto sexual e Afetivo:

- Como você se comporta sexualmente durante as relações com os clientes? (O que você faz e o que não faz durante uma transa)
- Você escolhe ou é escolhido pelo cliente? Como?
- Quem define e como se dá a negociação das práticas sexuais durante a transa?
- Existe alguma forma de condução da transa? (como se dá essa condução).
- Em relação a transa existe algo que você goste de fazer com os clientes?
- O que os clientes mais solicitam ou gostam durante a transa com você?
- Como termina a transa e como você finaliza o encontro com o cliente?
- Existem clientes “certos ou fixos” com quem você se relaciona com certa frequência?
- Você já se envolveu afetivamente com algum cliente? (Como foi).
- Algum cliente já se envolveu afetivamente como você? (Como se deu)
- Qual o significado do beijo para você?
- Durante a transa com clientes acontece o beijo?
- Existe relacionamentos afetivos entre os garotos de programa?

Como você define sua orientação sexual?

Heterossexual	<input type="checkbox"/>		Homossexual	<input type="checkbox"/>		Bissexual	<input type="checkbox"/>
---------------	--------------------------	--	-------------	--------------------------	--	-----------	--------------------------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01	Cartografia do Recife – Visão panorâmica das três ilhas que compõe a cidade, onde se localizam os bairros da Boa Vista, Santo Antonio, São José e Recife Antigo.
Mapa 02	Bairro da Boa Vista - Perímetro da prostituição masculina localizado no centro da cidade.
Mapa 03	Bairro da Boa Vista, destacando o Parque 13 de Maio, Faculdade de Direito e Biblioteca Pública Central.
Mapa 04	Bairro da Boa vista – Centro de encontro dos entendidos – Território homossexual de maior expressão da cidade.
Mapa 05	Bairro da Boa Vista – “point gay”, localizado na principal avenida do centro da cidade.
Mapa 06	Bairro da Boa Vista – Principal território de prostituição masculina, localizado na Avenida Oliveira Lima.
Mapa 07	Bairro de Santo Amaro – Território de prostituição feminina
Foto nº 01	Visão panorâmica da Avenida Conde da Boa Vista, após reforma urbanística promovida pela Prefeitura Municipal do Recife.
Ilustração nº 01	Sistema classificatório das preferências eróticas dos Boy de Programa.
Ilustração nº 02	Sistema classificatório das preferências eróticas dos Clientes.

LISTA DE INFORMANTES

01	Marcos – Homossexual de 55 anos de idade, divorciado, pai de dois filhos. Funcionário público aposentado, 2º grau completo, branco, alto, magro, cabelos grisalhos. Classe média, residente do bairro da Boa Vista a mais de 20 anos.
02	Roberto – Homossexual de 39 anos de idade, solteiro. Universitário, classe média, branco, estatura mediana, magro, cabelos pretos. Classe média alta, residente da zona sul, frequenta os espaços gays do centro do Recife a mais de 20 anos
03	Gilberto – Homossexual de 50 anos de idade, solteiro. Ator profissional, pós graduado, moreno claro, alto, forte, cabelos castanhos claros. Classe média, residente do bairro da Boa Vista a mais de 25 anos.
04	Cleiton – Homossexual de 45 anos de idade, solteiro. Funcionário público, 2º grau, estatura baixa, moreno, cabelos castanhos claros. Classe popular, residente do subúrbio e freqüentador dos espaços privados de prostituição do centro a mais de 07 anos.
05	Gabriel – Boy de programa de 19 anos de idade que atualmente mantém relação homoafetiva estável com um ex-cliente. Ensino fundamental incompleto, branco, alto, magro e cabelos castanho claro, reside com a família em uma das comunidades populares localizadas nos subúrbios de Recife.
06	Daniel – Homossexual de 42 anos de idade que atualmente mantém relação homoafetiva estável com um ex-boy de programa. Profissional autônomo de nível técnico, moreno claro, estatura baixa, forte, cabelos pretos. Classe média, residiu no bairro da Boa Vista por mais de 05 anos.
07	Sérgio – Homossexual de 31 anos de idade, solteiro. Estudante universitário, moreno escuro, estatura mediana e cabelos pretos. Classe média, residiu no bairro da Boa Vista por mais de 10 anos.
08	Fábio – Boy de programa de 26 anos de idade. Ensino fundamental incompleto, solteiro, moreno claro, estatura mediana e cabelos pretos. Reside em uma das comunidades populares localizadas nos subúrbios de Recife.
09	Ítalo – Boy de programa de 19 anos de idade. Ensino fundamental incompleto, solteiro, alto, moreno claro, cabelos pretos. Reside em uma das comunidades populares localizadas nos subúrbios do Recife.
10	Marcos - Boy de programa de 18 anos de idade. 2º grau completo, alto, branco, cabelos castanhos. Classe média, reside com os pais em um dos municípios que compõe a

	Região Metropolitana do Recife.
11	Antonio - Boy de programa de 26 anos de idade. 2º grau incompleto, estatura mediana, moreno escuro, cabelos castanhos. Atualmente mantém relação homoafetiva estável com um ex-cliente, residindo em um dos bairros dos subúrbios de Recife.
12	Roberto – Boy de programa de 35 anos de idade. Ensino fundamental incompleto, alto, negro, malhado. Casado e pai de três filhos. Sem residência fixa.



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Curso de Mestrado em Psicologia

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)